



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DÁLETE DE CASTRO BRAGA COSTA

INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS

FORTALEZA

2024

DÁLETE DE CASTRO BRAGA COSTA

INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maria Elias Soares

Prof.^a. Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*)

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C871i

Costa, Dálete de Castro Braga.

Intertextualidades em ambientes digitais / Dálete de Castro Braga Costa. – 2024.

147 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Maria Elias Soares.

1. Linguística Textual. 2. Intertextualidade. 3. Tecnodiscursividade. I. Título.

CDD 410

DÁLETE DE CASTRO BRAGA COSTA

INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maria Elias Soares

Prof.^a. Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*)

Aprovada em: 27/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Elias Soares (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dr.^a. Mariza Angélica Paiva Brito
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a. Dr.^a. Maria da Graça dos Santos Faria
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Aos meus pais, Ana Kelly Costa e Alixandre Costa, que dedicaram a vida para formar o ser humano que sou hoje.

À minha eterna orientadora, Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), por ter iluminado meus caminhos para chegar até aqui.

Dissertação em homenagem à Prof^ª. Dr^ª. Mônica Magalhães Cavalcante

O ano era 2017, eu era uma menina e Mônica já era a Cavalcante - eu só não sabia ainda.

Pelos corredores da Letras, ecoavam vozes discentes: “façam cadeira com a Mônica e não se arrependerão!”. Coloquei como meta estudar com a tal professora e submeti a matrícula na sua próxima disciplina. Não fui aceita, as vagas eram poucas, e aquela grande professora era muito concorrida - brincávamos que era como tentar um segundo ENEM, só que estando na universidade. Não desisti e, quando começou o semestre, fui à primeira aula para pedir uma vaga na disciplina de “Frase”, então falei: “professora, me aceita, caso não tenha cadeiras, eu sento no chão”. Em um movimento gracioso, ela riu, com a boca e os olhos, e aceitou.

Em seis meses, eu entendi o sentido de amor pela profissão, excelência didática e gentileza. Tudo virava conteúdo e diversão com ela. Assim, tomei outra decisão, a de fazer todas as disciplinas que Mônica ofertasse. No semestre seguinte, matriculei-me em “Texto e Discurso” e líamos muitos trabalhos de “Cavalcante”. Ela, com toda a gaiatice que lhe era característica, disse: “Prazer, eu sou a Cavalcante”. Como ficamos surpresos e encantados: como a dona de tamanha genialidade, presente nos livros, estava na nossa frente como se fosse uma mera mortal? E este foi meu maior pecado, acreditar que Mônica era imortal no quesito carne e osso.

Ainda em “Texto e Discurso”, comentei com Mônica, que agora era Cavalcante, que os filmes da Marvel estabeleciam uma relação de intertextualidade. Ela gostou da ideia, disse até que dava pra ser anteprojeto de mestrado. Como assim mestrado? Eu sou capaz disso? Mônica plantou essa semente no meu coração. Fomos nos aproximando cada vez mais. Chegou o dia que viajamos juntas ao Espírito Santo, meu primeiro evento, minha primeira apresentação de trabalho - e o melhor, “ela já estava do meu lado”, mesmo que eu fosse só uma de suas alunas.

Em 2018, tornei-me sua bolsista de Iniciação Científica. Que honra, que orgulho eu sentia de mim. Eu era orientada pela prof^ª. Dr^ª. Mônica Magalhães Cavalcante e membro do grupo de pesquisa Prottexto. Com isso, vieram muitos eventos, muitas coletas Capes, muitos projetos e relatórios de PIBIC. Acima de tudo, veio muito amor, muita amizade, muito companheirismo, muitos cafés na casa dela e de sua amada Marizinha. Sem perceber, tornei-me uma de suas filhas acadêmicas.

Em 2021, ingressei no mestrado e recebi a mensagem carinhosa “estou tão orgulhosa”. Nada se compara a sensação de dar orgulho àqueles que amamos. Ao longo desses anos, elaboramos este trabalho e muitos outros juntas. Além da vida acadêmica, passeamos, viajamos, fofocamos, rimos e nos abraçamos (e muito!). Ao finalizar a leitura desta dissertação, Mônica me escreveu novamente: “Estava lembrando agora da menininha que sonhava apenas em relacionar os filmes da Marvel. Como você cresceu!”. Ora, mas foi ela que me fez crescer, guiou-me pelo melhor caminho e iluminou meus passos.

Mônica sempre foi a pessoa ideal para cada situação, realizava cada papel com primor: foi orientadora, professora, amiga e mãe. Todas as vezes em que eu tive dúvida, fui acolhida por seu abraço maternal de quem nunca duvidou. Ela era uma bússola, que mostrava por onde começar e o percurso correto para seguir; uma fortaleza que amava, protegia seus filhos e atendia sempre por “Moniquinha”.

Mônica era o texto em contexto, sem ela, não há sentido.

Mônica sabia tanto sobre tudo que parecia até prever o futuro. Nos momentos que a dor da saudade desatina, eu leio e sigo as suas instruções e percebo o seu cuidado mesmo depois do fim.

Instrucional da dor

*Se um dia se sentir assim...
Nunca deseje morrê-la,
Escanteá-la, talvez,
Mas nunca toldá-la.
E, quando constató-la
Assim onipresente,
Não tente abrir a janela,
Nem deixe quedar nela
Aquele olhar vazio,
Contido de muitas verdades.
Espere-a doer, a-penas,
Até entendê-la intrusa,
Nauseabunda
E aborrecida.
E então, não faça pergunta,
Não resolva nem desfaça,
Não assuma nem aponte.
Somente baixe a cabeça,
E encontre para dentro. Aí mire a lanterna
Devagar, o rio cursa e arrasta,
O rio erode...
Mas também fecunda.*

Mônica Magalhães Cavalcante

Findo este mestrado com um misto de sentimentos: uma felicidade que não cabe no peito, pois consegui; e uma saudade que aperta e paralisa por faltar o sentido desse grande texto

que é a vida. Em seguida, eu lembro dela que sempre me fez olhar para frente e continuar. Assim, eu continuo, por mim e por ela. Por enquanto, eu fico aqui e repito que, apesar de tudo, a vida “É bonita, é bonita e é bonita!”.

Com esta dissertação, o sonho que Mônica plantou, em 2018, vira flor, um girassol - melhor dizendo. Em cada linha escrita, tem a Cavalcante e, no contexto, tem a Moniquinha que discutiu, orientou e amou. Este trabalho é NOSSO!

Como sou abençoada por ter conhecido a Cavalcante e ter convivido com a Moniquinha. Agora, sete anos depois, eu repito: “Mônica, eu sentaria no chão incontáveis vezes só para ter a oportunidade de ouvir você falar. Amo você para sempre!”.

No fundo, no fundo, eternas saudades,
Da sua menininha que cresceu.

AGRADECIMENTOS

Agradecer tem um lugar simbólico no meu coração, pois recupero a minha infância, em um movimento de alusão ampla. Quando eu era criança, minha mãe me ensinou a sempre começar o dia agradecendo. Hoje, após 25 anos, perpetuo essa lição e inicio esta dissertação agradecendo.

Acima de tudo e todos, ao Grande Eu Sou. Deus, a Ti, a minha vida e tudo que há nela.

Aos meus pais, eu agradeço pelos dias e noites trabalhando para que eu pudesse estudar; pelo abraço acolhedor que revela o meu verdadeiro lar e para onde eu posso sempre voltar; por todo amor imensurável que faz eu me sentir sempre abençoada. “Sem este amor, eu nada seria”. Eu sou muito de vocês e entrego-lhes o título de mestre também.

À minha orientadora, Mônica Cavalcante (*in memoriam*) agradeço pelos sete anos que vivemos juntas. Nesse período, Moniquinha plantou e regou muitos sonhos - que jamais ousei fantasiar - no meu coração; e por me guiar e acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditava. Concluo este trabalho e darei continuidade a muitos outros, que estavam em nossos planos, por ela e para ela: Minha Dr^a. Mônica Magalhães Cavalcante.

Ao meu avô Ari (*in memoriam*) que só me fez um único e constante pedido ao longo de sua vida: “minha filha, estude”. Guardo sua imagem nas minhas lembranças e cumpro o seu desejo, sou sua primeira neta graduada e mestra. À minha avó Leni, minha mãe duas vezes, que me levou à escola segurando minha mão infantil, que enxugou as lágrimas do meu rosto crescido e me garantiu: “não precisa ter medo, Deus cuidará de tudo”.

Ao meu pequeno príncipe Arthur, agradeço por você simplesmente existir e ser meu raio de sol, a alegria dos meus dias cinzentos. “Você é a vida da minha vida!”.

Ao meu amor, Luan, agradeço pela parceria. Ao longo da nossa história, descobri o amor e a amizade em uma pessoa. Você percorreu essa jornada acadêmica comigo e fez todos os momentos difíceis parecerem mais leves. Só para você, minha admiração e o meu coração. “Os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso”.

À minha melhor amiga, Mel, sou grata por seu amor puro e verdadeiro, e por sua companhia fiel durante as longas noites em claro enquanto eu escrevia este trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Mariza Angélica Paiva Brito, pelas considerações profundas que teceram e enriqueceram esta pesquisa. Como amiga, agradeço por ser uma fortaleza admirável que me encorajou a não desistir, ao mesmo tempo que foi o colo que acalenta na dor. Você é uma inspiração e sempre poderá contar comigo!

À Prof^a. Dr^a. Maria da Graça dos Santos Faria, minha banca desde o início do mestrado, agradeço pelas contribuições valiosas que aprimoraram esta dissertação. Para além da vida acadêmica, agradeço o ombro amigo, as palavras de apoio e os abraços de proteção. Carregarei nosso elo para sempre.

À Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares, agradeço por me receber como orientanda, após a partida da Mônica. À senhora, minha deferência por respeitar minha dor e guiar-me para a finalização deste trabalho com muita gentileza. Hoje, eu entendo o apreço de Mônica pela Melias.

Ao grupo de pesquisa Protexoto, agradeço pelos debates nas aulas, nas reuniões e em discussões informais que enriqueceram a ideia desta dissertação. Em especial, agradeço à Mayara Martins, por ter me aproximado da Linguística Textual e por ter facilitado minha entrada no mestrado por meio do Pré-Mestre. Agradeço, sobretudo, por sermos filhos de uma mesma mãe-acadêmica que nos ensinou a nos amarmos e nos ajudarmos como família. Mônica vive em nós eternamente e continuaremos o seu legado.

À Joeliza Maria Sousa Colares, agradeço por ter segurado muitas pontas durante a minha graduação e mestrado e por termos nos escolhido, mutuamente, como irmãs de almas. “Tem pessoas na vida que a gente esbarra e tem pessoas que a gente encontra. ‘Maria’ foi um encontro”.

Aos meus amigos, agradeço por compartilharmos o choro e o riso. A vida tem mais significado com vocês: Rute, Roberta, Sara, Bianca, Mateus e André.

Sou e serei, eternamente, grata a tudo e a todos!

Mônica Magalhães Cavalcante, presente! Hoje e sempre!

“Porque o amor é o que vale, sem pena.”

(Mônica Magalhães Cavalcante)

RESUMO

Sob a perspectiva da Linguística Textual, este trabalho pondera sobre os processos de intertextualidade e amplia seus modos de expressão em textos digitais nativos, tendo em vista a tecnodiscursividade. Em outros termos, a presente pesquisa fornece uma explicação de como os recursos tecnológicos promovem uma relacionalidade entre textos, por meio das redes sociais, com as ferramentas tecnológicas que utilizamos no nosso cotidiano nos dias atuais. Com esse propósito, no tocante às intertextualidades, fundamentamo-nos em Genette (2010); Piégay-Gros (2010); Carvalho (2018) e Cavalcante (2021); quanto à tecnodiscursividade, valemo-nos de Paveau (2021); Cavalcante (2022) e Muniz-Lima (2022). Assumimos, com Cavalcante *et al.* (2022), que a tecnodiscursividade é um pressuposto de que os atos de linguagem se unem aos recursos tecnológicos da máquina, instaurando uma interação entre o humano-máquina. Comungamos com o dialogismo bakhtiniano que os textos estão sempre em diálogos com outros textos, o que é suscetível de ocorrer em produções que circulam na internet, as quais têm propriedades particulares e requerem atenção das Ciências da Linguagem. Entretanto, interessa à Linguística Textual a marcação desses diálogos, denominada intertextualidade. Com base em Carvalho (2018), partimos do pressuposto de que o fenômeno da intertextualidade se subdivide em estritas (quando há a retomada de um texto específico) e amplas (quando é retomado um conjunto de textos inespecíficos compartilhados em uma dada sociedade). Quanto à metodologia, a presente pesquisa é de natureza hipotético-dedutiva e surgiu da observação de lacunas em pesquisas anteriores no que tange ao estudo da intertextualidade na tecnodiscursividade. Para que nosso objetivo geral fosse cumprido, seguimos as seguintes ações: i) analisamos como ocorrem as retomadas a outros textos nos tecnotextos para descrevê-las; e ii) consideramos os processos intertextuais cristalizados na Linguística Textual para atribuir-lhes um um olhar e análise pós-dualista ao quadro categorial já estabelecido nos estudos da LT. Este trabalho tenciona compreender o funcionamento da intertextualidade na tecnodiscursividade para realizar uma descrição de como ocorrem os processos intertextuais em ambiente digital. Com isso, necessitamos nos deter nos recursos fornecidos pela mídia internet e selecionamos postagens do Instagram e do Twitter/X que têm recursos próprios como as arrobas, hashtags, links, retuítes, compartilhamentos externos, rastreamentos de pesquisas, entre outros. Desta pesquisa, destacamos alguns resultados: 1) a retomada de um texto específico ou de um conjunto de textos dentro dos eventos enunciativos digitais pode ocorrer de duas maneiras: a primeira é a técnica, que diz respeito às retomadas por meio da utilização de recursos fornecidos pela máquina; a segunda não é, pois concerne às

retomadas por intermédio de enunciados multissemióticos. Levando em conta a relacionalidade dos tecnotextos, 2) o processo de referência (PIÉGAY-GROS, 2010) deve integrar as intertextualidades estritas, porque se trata de um fenômeno de menção distinto das alusões, e, nos tecnotextos, percebemos que essa remissão costuma ocorrer por meio de um segmento linguageiro clicável. Além disso, cremos que 3) as alusões amplas podem perpassar todas as intertextualidades estritas; 4) o processo intertextual de alusão estrita se vale de um “conjunto de dados da rede”; por fim, 5) o recurso de “compartilhamento” promove processos de transposição.

Palavras-chave: Linguística Textual; intertextualidade; tecnodiscursividade.

RESUMÉ

Sous la perspective de la linguistique textuelle, ce travail examine les processus d'intertextualité et étend leurs modes d'expression dans les textes numériques natifs, en tenant compte de la technodiscursivité. En d'autres termes, cette recherche explique comment les ressources technologiques favorisent la relationnalité entre les textes via les réseaux sociaux, en utilisant les outils technologiques que nous utilisons au quotidien. Concernant les intertextualités, nous nous appuyons sur Genette (2010), Piégay-Gros (2010), Carvalho (2018) et Cavalcante (2021). Quant à la technodiscursivité, nous nous référons à Paveau (2021), Cavalcante (2022) et Muniz-Lima (2022). Nous assumons, avec Cavalcante *et al.* (2022), que la technodiscursivité présuppose que les actes de langage s'unissent aux ressources technologiques de la machine, instaurant une interaction homme-machine. Nous partageons avec le dialogisme bakhtinien l'idée que les textes sont toujours en dialogue avec d'autres textes, ce qui est susceptible de se produire dans les productions circulant sur Internet, qui ont des propriétés particulières et requièrent l'attention des sciences du langage. Cependant, la linguistique textuelle s'intéresse à la marque de ces dialogues, appelée intertextualité. Selon Carvalho (2018), l'intertextualité se subdivise en stricte (lorsqu'il y a reprise d'un texte spécifique) et large (lorsqu'un ensemble de textes non spécifiques partagés dans une société donnée est repris). Quant à la méthodologie, cette recherche est de nature hypothético-déductive et elle est née de l'observation des lacunes des recherches antérieures concernant l'étude de l'intertextualité dans la technodiscursivité. Pour atteindre notre objectif général, nous avons suivi les actions suivantes : i) nous avons analysé comment les reprises d'autres textes se produisent dans les technotextes afin de les décrire ; et ii) nous avons considéré les processus intertextuels cristallisés dans la linguistique textuelle, pour leur attribuer un regard et une analyse post-dualiste dans le cadre catégoriel déjà établi dans les études de LT. Ce travail vise à comprendre le fonctionnement de l'intertextualité dans la technodiscursivité afin de décrire comment se déroulent les processus intertextuels en environnement numérique. Pour cela, nous avons examiné les ressources fournies par les médias Internet et avons sélectionné des publications sur Instagram et Twitter/X, utilisant des arrobas, hashtags, liens, retweets, partages externes, traçage de recherches, entre autres. Dans cette recherche, nous soulignons quelques résultats : 1) la reprise d'un texte spécifique ou d'un ensemble de textes au sein des événements énonciatifs numériques peut se produire de deux manières : la première est technique, se référant aux reprises utilisant les ressources fournies par la machine ; la seconde ne l'est pas, concernant les reprises via des énoncés multisemiotiques. Compte tenu de la relationalité des technotextes, 2) le processus de référence

(Piégay-Gros, 2010) doit intégrer les intertextualités strictes, car il s'agit d'un phénomène de mention distinct des allusions, souvent via un segment langagier cliquable. De plus, nous croyons que 3) les allusions larges peuvent traverser toutes les intertextualités strictes. 4) Le processus intertextuel d'allusion stricte utilise un « série de données du réseau » et le partage favorise des processus de transposition.

Mots-clés : Linguistique Textuelle ; intertextualité ; technodiscursivité.

ABSTRACT

From the perspective of Text Linguistics, this paper ponders the processes of intertextuality and expands on its modes of expression in native digital texts, with a view to technodiscursivity. In other words, this research provides an explanation of how technological resources promote relationality between texts through social networks, with the technological tools we use in our daily lives today. To this end, with regard to intertextuality, we base our work on Genette (2010); Piégay-Gros (2010); Carvalho (2018) and Cavalcante (2021); as for technodiscursivity, we draw on Paveau (2021); Cavalcante (2022) and Muniz-Lima (2022). We assume, along with Cavalcante *et al.* (2022), that technodiscursivity is an assumption that acts of language unite with the technological resources of the machine, establishing a human-machine interaction. We agree with Bakhtinian dialogism that texts are always in dialog with other texts, which is likely to occur in productions circulating on the internet, which have particular properties and require attention from the Language Sciences. Text Linguistics, specifically, is interested in the marking of these dialogues, called intertextuality. Based on Carvalho (2018), we assume that the phenomenon of intertextuality is subdivided into strict (when a specific text is mentioned) and broad (when a set of non-specific texts shared in a given society is mentioned). As for methodology, this research is hypothetical-deductive in nature and arose from the observation of gaps in previous research regarding the study of intertextuality in technodiscursivity. In order to achieve our general objective, we took the following steps: i) we analyzed how mentions to other texts occur in technotexts in order to describe them; and ii) we considered the intertextual processes crystallized in Textual Linguistics in order to give them a post-dualist look and analysis of the categorical framework already established in TL studies. This paper aims to understand how intertextuality works in technodiscursivity in order to describe how intertextual processes occur in a digital environment. We therefore needed to look at the resources provided by the internet media and selected posts from Instagram and Twitter/X that have their own resources such as handles, hashtags, links, retweets, external shares, and search tracking, among others. In this research, we highlight some results: 1) the reference of a specific text or a set of texts within digital enunciative events can occur in two ways: the first is technical, which concerns mentions through the use of resources provided by the machine; the second is not, as it concerns mentions through multisemiotic utterances. Taking into account the relationality of technotexts, 2) the process of mention (PIÉGAY-GROS, 2010) must be part of strict intertextuality, because it is a phenomenon of mention that is distinct from allusions and, in technotexts, we realize that this mention usually occurs through a clickable linguistic segment.

In addition, we believe that 3) broad allusions can permeate all strict intertextualities; 4) the intertextual process of strict allusion makes use of a “set of network data”; finally, 5) the resource of “sharing” promotes processes of transposition.

Keywords: Textual Linguistics; intertextuality; technodiscursivity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA (1) – Citação, em Genette (2010)	37
FIGURA (2) – Madame des Loges	38
FIGURA (3) – Imitação ao estilo de versículos bíblicos	40
FIGURA (4) – Artigo “Uma análise argumentativa e intertextual dos estereótipos”	42
FIGURA (5) – Canção <i>Deve ser horrível dormir sem mim</i> , de Glória Groove e Manu Gavassi	43
FIGURA (6) – Yoko Ono e sua mania de separação	44
FIGURA (7) – Plágio na Canção <i>Canteiros</i> , de Fagner	45
FIGURA (8) – Paráfrase no poema <i>Europa, França e Bahia</i> , ...	48
FIGURA (9) – Paródia no poema <i>Canto de regresso à pátria</i> , ...	49
FIGURA (10) – “Confronto de ideias”, do jornal <i>O Povo</i>	53
FIGURA (11) – Citação de Bakhtin	58
FIGURA (12) – Fábula de Millôr Fernandes	58
FIGURA (13) – Paráfrase em obras acadêmicas	59
FIGURA (14) – <i>Que horas ela volta?</i> (2015)	60
FIGURA (15) – <i>O grito</i> com o peso da balança	61
FIGURA (16) – Companhias aéreas: TAM e GOL	63
FIGURA (17) – Print do Twitter (X) na tela do computador	82
FIGURA (18) – Famosas no Met Gala	97

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo (1) – Print do retuite de Lula	69
Exemplo (2) – Postagem do Jornal <i>O Povo</i>	70
Exemplo (3) – Família Boca Rosa	71
Exemplo (4) – Print de retuite de @MarizaB	84
Exemplo (5) – Retuíte de @MarizaB	85
Exemplo (6) - Print do processo de citação.....	87
Exemplo (7) – Print do processo de transposição	88
Exemplo (8) – story de @jobsoncast.prof.....	89
Exemplo (9) – Captura de tela de tuíte e post	90
Exemplo (10) – Lula e Joe Biden	92
Exemplo (11) – Camila Coelho e Ralph Lauren	93
Exemplo (12) – Novela Pantanal	94
Exemplo (13) – Camila Coelho no Coachella	95
Exemplo (14) – Print de post de Lincoln Sant’Ana	96
Exemplo (15) - Anúncios da @livupoficial	99
Exemplo (16) - Anúncios de cadeiras para escritório	100
Exemplo (17) – Anúncios de exercícios de inglês.....	101
Exemplo (18) – Lula tuita que criou o MEI	103
Exemplo (19) – Print de post sobre Lula, de @choquei	105
Exemplo (20) – Print do tuíte de @FelippeRegazio	107
Exemplo (21) - Jeffrey Dahmer e Jair Bolsonaro	108
Exemplo (22) – Paródia @essemnino e @aline.dutraf	110
Exemplo (23) – TOC TOC TOC	112
Exemplo (24) – Mestrados	112
Exemplo (25) – Marvel e D.C	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A interação para Goffman (2014)	31
Quadro 2 - Organograma geral da transtextualidade	40
Quadro 3 - Organograma da intertextualidade	47
Quadro 4 - Primeiro modelo de Sant'Anna (2007).....	50
Quadro 5 - Hierarquização dos parâmetros subjacentes às relações intertextuais	52
Quadro 6 - Identificação de parâmetros intertextuais nas alusões do artigo Sim.....	54
Quadro 7 - Organograma das intertextualidades estritas e amplas, de Carvalho (2018)	57
Quadro 8 – Intertextualidades estritas e amplas na tecnodiscursividade	81
Quadro 9 – Intertextualidades em ambientes digitais	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
2 NOÇÕES CARAS À LINGUÍSTICA TEXTUAL E À INTERTEXTUALIDADE EM AMBIENTES DIGITAIS: TEXTO, CONTEXTO, DISCURSO, INTERAÇÃO E TECNODISCURSIVIDADE	29
3 TEORIAS INTERTEXTUAIS	36
3.1 As transtextualidades	36
3.2 Reorganização das categorias de análise	41
3.2.1 A proposta de Piégay-Gros (2010)	41
3.2.2 A proposta de Sant’Anna (2007).....	47
3.2.3 A proposta de Nobre (2014)	50
3.3 Intertextualidades estritas e amplas	55
4. TECNODISCURSIVIDADE	65
5 METODOLOGIA	74
5.1 Caracterização da pesquisa	74
5.2 Delimitação do universo e da amostra.....	75
5.3 Técnica de coleta de dados.....	76
5.4 Categorias e procedimentos de análise de dados.....	77
6 TECNODISCURSIVIDADE E SUAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS	79
6.1 Os gestos tecnolinguageiros	81
6.1.1 O compartilhamento de conteúdo.....	82
6.1.2 Palavras clicáveis: marcação, redocumentação e rastreabilidade	91
6.1.3 Conjunto de dados da rede	98
6.2 Pós-dualismo em enunciados multissemióticos	102
6.2.1 Componentes humano-máquina: paródia	110
6.2.2 Alusão ampla na tecnodiscursividade.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119

REFERÊNCIAS.....	121
ANEXOS	124

1 INTRODUÇÃO

“Viver significa participar de um diálogo”
(BAKHTIN, 1961, p.293).

A eclosão das interações nos ambientes digitais tem sido objeto atual de reflexão para pesquisadores das Ciências da Linguagem e são de sobeja importância para os estudos da Linguística Textual, perspectiva teórica com a qual este trabalho dialoga. Sob tal guisa, os textos produzidos on-line e que circulam na internet têm características singulares e requerem atenção para a compreensão de questões sobre o seu modo de funcionamento, a noção de contexto para ecossistemas digitais, a construção de sentido dentro desses textos, a retomada de textos anteriores em ambientes digitais, etc.

Nessa perspectiva, a motivação para este trabalho advém do interesse em explicar como as intertextualidades se manifestam no ambiente digital, onde as ferramentas tecnológicas são partes integrantes do texto, para pensar em processos intertextuais que abarquem as singularidades do hibridismo humano-máquina no ambiente tecnodiscursivo. Com isso, nós nos debruçamos sobre as discussões que cercam os textos nativos digitais, compreendemos a retomada de um texto específico ou de um conjunto deles e levamos em consideração recentes pesquisas que defendem que as intertextualidades podem se dar por um movimento estrito ou amplo. Especificamente, investigamos como a marcação dos diálogos entre textos se apresenta no contexto on-line digital.

A intertextualidade surgiu na Teoria Literária, com Julia Kristeva (1974), quando defendeu que todos os textos são um “mosaico de citações” (p.64). Essa ideia floresceu do pressuposto dialógico bakhtiniano de que todos os enunciados estão sempre em diálogo, como uma atitude responsiva (no sentido lato da palavra) a outros enunciados anteriores. Entretanto, interessa à Linguística Textual a marcação desses diálogos entre dois ou mais textos, ou entre gêneros, ou entre estilos. A intertextualidade se configura, assim, como uma categoria de análise da Linguística Textual (LT).

Esses diálogos entre textos passaram a ser estudados como categoria de análise em Genette (2010), o qual denominou essas relações como “transtextualidade”, definida como “tudo o que o coloca [o texto] em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (p.10). O autor subdividiu as transtextualidades em cinco categorias, a saber: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade.

Piégay-Gros (2010) reorganizou a proposta de Genette, alargando a noção de intertextualidade e colocando-a como uma categoria que se realiza através de movimentos de copresença (citação, alusão, plágio e referência) ou derivação (paródia, travestimento burlesco e pastiche). Essa reorganização inspirou bastante a proposta que hoje é apresentada pelo grupo Protexoto, que reconsiderou critérios deste e de outros estudos.

Ao longo do desenvolvimento das pesquisas, a intertextualidade foi sofrendo modificações de retiradas e de acréscimos de novos processos. Preferimos não chamar de “evolução” dos estudos, mas de adaptação, pois cada trabalho buscou dar conta dos diálogos entre textos do seu contexto. Em virtude dessa adaptação, nasceram diversos trabalhos sustentados na proposta genettiana: Koch, Bentes e Cavalcante (2007); Faria (2014); Nobre (2014); Carvalho (2018) e Cavalcante (2021), entre outros.

Em Affonso Romano de Sant’Anna (2007), encontramos um modelo com quatro categorias analíticas mais abrangentes e semiológicas, as quais foram organizadas em dois eixos opostos: o primeiro, o eixo parafrástico, que é responsável por abranger a repetição e a consagração do que é dado; o segundo, o eixo parodístico, que comporta a contestação e a contradição. O autor se pauta, no entanto, por um critério muito mais funcional, o que favorece a sobreposição de processos intertextuais.

Em vista disso, seguiremos a descrição de Genette (2010) e de Piégay-Gros (2010), que levam em conta também a distinção formal. Além disso, Sant’Anna (2007) pensa sua proposta para textos literários e verbais, enquanto que nossa pesquisa observa os fenômenos em textos multissemióticos e considera a integração de traços contextuais no ambiente digital.

Na obra *Intertextualidade: diálogos possíveis* (2007), as autoras defendem que as marcas intertextuais vão além do lexema, independentemente do nível de estruturação. Desse modo, Koch, Bentes e Cavalcante descrevem quatro tipos de intertextualidade *stricto sensu*, as quais exigem a presença de um intertexto: temática, estilística, explícita, implícita.

A intertextualidade temática está em textos que abordam o mesmo assunto, a mesma área de conhecimento ou correntes de pensamento. Para ilustrar, temos os artigos de divulgação científica que pertencem ao mesmo campo científico e versam sobre a mesma questão, modificando apenas a metodologia. A intertextualidade estilística é semelhante à “intertextualidade ampla de imitação de estilo” (ver Carvalho, 2018) e ocorre quando um texto imita um estilo - de um autor, de jargões profissionais, de um determinado gênero - cristalizado na memória coletiva da sociedade.

Na intertextualidade explícita, o próprio texto faz menção à referência do texto-fonte. Enquadram-se neste tipo as citações de que o autor lança mão como um recurso de

autoridade na elaboração de resumos, dissertações, teses, entre outros textos científicos que precisam de comprovação de dados. A implícita, ao contrário da explícita, não apresenta a referência do texto-fonte, mas espera-se que o interlocutor recupere os sentidos e o intertexto através dos seus conhecimentos compartilhados, como é o caso das alusões. Há os casos de intertextualidade implícita em que o locutor deseja ocultar a referência do intertexto, a fim de que os interlocutores não recuperem o texto-fonte. Nessas situações, entendemos que se trata do plágio.

Para as autoras, há intertextualidade “quando, em um texto, está inserido em outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores” (p.17). Essa obra realiza uma substancial contribuição à literatura sobre o assunto, na medida em que aplica as propostas a textos de gêneros variados, diferentemente de Genette (2010), Piégay-Gros (2010) e Sant’Anna (2007), que analisaram apenas textos literários. O problema é que Koch, Bentes e Cavalcante (2007) não se propõem a elaborar uma classificação geral dos fenômenos, mas apenas a demonstrar o funcionamento das intertextualidades nos diferentes textos.

Os trabalhos pioneiros em torno do tema consideraram, portanto, as relações entre textos da esfera literária. Faria (2014) ousou um passo além disso, pois, num movimento semelhante ao de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), investiga o fenômeno não somente em textos literários, mas também, e principalmente, em textos verbo-imagéticos de gêneros variados. A autora destaca a importância da intertextualidade na construção dos sentidos de um texto e estabelece critérios para a classificação das manifestações intertextuais em textos com semioses verbais e visuais, analisando se as intertextualidades por derivação podem se (re)definir a partir da inserção das relações de copresença nas derivacionais.

No mesmo ano, Nobre (2014) constatou que, em uma mesma ocorrência, podem ser verificados, simultaneamente, dois parâmetros distintos e essenciais para o fenômeno intertextual:

1) um parâmetro funcional, que corresponde ao grau de captação ou subversão de um intertexto ao texto-fonte, isto é, os graus variados de desvio ou de aproximação entre o texto que retoma e o texto retomado - o menor desvio está para a paráfrase (captação para convergência ou divergência do sentido do texto-fonte), assim como o maior desvio está para a paródia (subversão dos sentidos do texto-fonte em regime lúdico ou satírico);

2) e um parâmetro constitucional, por meio do qual se percebe se a relação intertextual ocorre entre textos específicos ou entre um conjunto específico de textos. A intertextualidade entre dois textos específicos (estritos) é organizada por dois parâmetros:

composicional (subdividido por copresença e derivação, como em Piégay-Gros (2010), formal (ramificado em reprodução, adaptação e menção); e referencial, dividido em explicitude e implicitude.

Nobre (2014) renunciou à tentativa de agrupar todos os fenômenos textuais num quadro classificatório só, o que seria proposto, quatro anos depois, pela tese de Carvalho (2018). Da tese do autor, ressaltamos a dimensão constitucional, particularmente as subdimensões composicional e formal, que abarcam as grandes categorias que vamos analisar.

Carvalho (2018) reconheceu a necessidade de ir além dos estudos supracitados e ampliar a categoria analítica intertextual, a fim de incluir os textos multissemióticos e também de considerar nas intertextualidades fenômenos pouco marcados. Para tal propósito, a autora estabeleceu que a intertextualidade se subdivide em estritas (quando há a retomada de um texto específico) e amplas (quando é retomado um conjunto de textos de um conhecimento compartilhado em uma dada sociedade).

As estritas se organizam por copresença e derivação. Os processos de citação, alusão e paráfrase, inseridos no processo de copresença, ocorrem pela inserção de partes de um texto em outro. Já os processos de paródia e transposição se dão por derivação, quando um texto se transforma originando um novo texto. Além desses processos, encontramos o processo de metatextualidade, que ocorre quando um texto surge com o propósito de comentar ou avaliar um texto anterior e não se enquadra na copresença ou derivação. Apesar de admitirmos o conceito de metatextualidade da autora, não é nosso objetivo trabalhar este processo, em razão de percebermos que os movimentos se repetem no ambiente digital e a definição de Carvalho (2018) contempla o processo intertextual da metatextualidade na Web 2.0.

Nas intertextualidades amplas, Carvalho (2018) incluiu os processos de alusão ampla, que se realiza por meio da retomada de determinados conhecimentos construídos na memória coletiva através de diversos textos; e os processos de imitação, que podem ser dar por imitação de gênero ou de estilo cristalizados na memória discursiva. Das intertextualidades amplas, dedicamo-nos a analisar apenas o processo de alusão ampla, tendo em vista que notamos que as imitações de gênero e de estilo também se desenvolvem em ambientes digitais, como descrito na tese de Carvalho (2018).

Cavalcante (2021) adotou o organograma de Carvalho (2018) sobre intertextualidades estritas e amplas, mas o reorganizou para que as alusões amplas pudessem estender-se aos outros processos intertextuais, pois defende que até as intertextualidades estritas se recriam na interdiscursividade e criam novos contextos. A autora, no entanto, não explicita como a interdiscursividade pode afetar, mais especificamente, os fenômenos intertextuais.

Com base nos textos produzidos e com a relacionalidade estabelecida entre esses textos, buscamos analisar os processos intertextuais tendo em vista seu funcionamento na tecnodiscursividade, em textos produzidos na Web 2.0. Para tanto, partimos do precursor esboço das relações entre textos, Genette (2010), e recuperamos os processos necessários dos trabalhos (re)organizadores da ideia genettiana. Adotamos o conceito de intertextualidades estritas e ampla, da proposta de Carvalho (2018), e consideramos a extensão da alusão ampla, de Cavalcante (2021), mesmo que em processos estritos.

Para isso, valemo-nos dos pressupostos sobre tecnodiscurso, de Marie-Anne Paveau (2021), que o define como um conjunto de produções desenvolvidas on-line. Para tal, a autora alicerçou sua proposta em uma abordagem pós-dualista e simétrica, isto é, destacou que os elementos chamados de “extralinguísticos” atuam na produção verbal. Para a autora, existe um hibridismo homem-máquina nas relações languageiras, por isso ela critica a abordagem dualista e suas subdivisões: logocêntricas (*logos* no centro) e egocefalocêntricas (locutores no centro). De acordo com Bruno Latour (1997), no pós-dualismo, temos o homem e o objeto tecnológico agindo em conjunção nas interações, e todas as ações humanas estão atravessadas por recursos tecnológicos, de modo que as máquinas e seus recursos são agentes da interação.

No contexto de interação digital em que vivemos, Paveau (2021) destaca a necessidade de superar a perspectiva dualista e dedicar os estudos linguísticos aos textos/discursos digitais. Em *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), a teórica utiliza os termos *texto*, *discurso* e *interação* quase como equivalentes. Para este trabalho, compreendemos “discursos digitais nativos” como “textos digitais nativos”. À luz da Linguística Textual, admitimos o conceito de texto, segundo Cavalcante *et al.* (2019), como unidade de coerência em contexto, isto é, as unidades de sentido que constroem um texto são instauradas no momento enunciativo imediato, mas incorporam valores e crenças que se cruzam na interdiscursividade.

Para descrever essas produções on-line e com ferramentas da internet, Paveau (2021) apresentou seis características da tecnodiscursividade: a composição, a deslinearização, o aumento, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade, das quais trata em seu dicionário em verbetes. Apesar disso, para efetivar as investigações, a pesquisadora recorreu aos padrões de análise de textos pré-digitais e reconheceu, criticamente, que as Ciências da Linguagem estão atrasadas no que concerne aos tecnodiscursos - tanto epistemologicamente como teórica e metodologicamente (PAVEAU, 2021, p. 29), dado que as pesquisas que analisam produções digitais nativas demonstram impasses para contemplar todos os aspectos tecnológicos das interações on-line, considerando-as independentemente do hibridismo

humano-máquina. Este é o objetivo crucial de nossa pesquisa: ponderar sobre os processos intertextuais tendo em conta a tecnodiscursividade, ampliando seus modos de expressão em textos digitais nativos.

Atualmente, a Linguística Textual trata a tecnodiscursividade utilizando suas categorias de análise já cristalizadas, a saber: os gêneros; os modos de interação; as modalidades argumentativas; a referencialidade; as sequências narrativas, descritivas, explicativas e argumentativas; a coerência e a organização tópica; a heterogeneidade de vozes; e a intertextualidade. Tais categorias têm sido repensadas com o propósito de contemplar as especificidades dos textos produzidos digitalmente. Nossa pesquisa tece considerações nessa direção, mas se dedica particularmente à intertextualidade.

Em uma das propriedades que Paveau (2021) atribuiu à tecnodiscursividade, autora reconhece que, na “relacionalidade”, os discursos digitais nativos estão ligados de maneira técnica, isto é, os “tecnodiscursos” estabelecem uma relação entre o texto-fonte e outras produções discursivas. Porém, a autora apenas menciona essa relação sem investigar sua ocorrência. Essa indagação motivou nossa pesquisa e nos levou a perguntar como se descrevem essas relações intertextuais na tecnodiscursividade. A partir dessa questão, nesta dissertação, buscamos explicar como as intertextualidades se manifestam no ambiente digital, cujas ferramentas tecnológicas são partes integrantes do texto.

Diante dessas e de outras reflexões, defendemos que, mesmo que não existam processos intertextuais novos, há uma evolução dos processos intertextuais no ecossistema digital, que tem ferramentas próprias, diferentemente dos estudos dualistas, cujos conceitos foram pensados em uma era pré-digital. Dessa forma, os processos intertextuais já descritos na literatura especializada exigem um novo olhar, levando em consideração o caráter híbrido das práticas linguageiras na tecnodiscursividade e as propriedades que as caracterizam.

Émérit (2020) iniciou uma discussão a respeito das noções de texto e contexto no ambiente digital e propôs uma tipologia de contextos que se subdivide em dois níveis e são ligados a publicações em redes sociais digitais. No primeiro nível está o contexto digital e diz respeito ao tipo de site, recursos tecnológicos dos usuários, etc. O segundo nível é o contexto comunicacional e corresponde ao processo de elaboração, forma de apresentação e recepção da produção digital nativa.

Sobre o primeiro tipo de contexto, a autora o aproxima da noção de ambiente de Paveau e assume que “ambiente digital representa um conjunto, um lugar, formando o ecossistema dentro do qual os enunciados (ou textos) aparecem e evoluem” (ÉMÉRIT, 2020,

p. 176 – tradução livre¹). Diante disso, são os ambientes digitais que determinam as competências de um texto digital nativo e estão organizados em três níveis que se interligam.

O nível mais amplo é o “meta-ambiente digital”, que abrange diversos tipos de ambientes, ecossistemas e as telas por meio das quais os usuários acessam as máquinas. O segundo nível é o “ambiente digital”, que contempla as redes sociais, os serviços de mensagem eletrônica, entre outros. Por último, Émérit (2020) aponta que em cada ambiente digital estão os “ecossistemas digitais” (último nível), a saber: nas redes sociais, temos o Instagram, o Twitter (X), o Facebook, etc., e, em paralelo, temos o gmail, o outlook, o hotmail como serviços de mensagem eletrônica.

Nesta dissertação, assumimos a distinção de níveis da autora, mas dedicaremos nossa atenção às redes sociais digitais Instagram e Twitter (X), ecossistemas que nos permitiram analisar as ferramentas oferecidas que estabelecem ligações técnicas e discursivas com outros textos anteriores. Adotamos, também, a postura de “pesquisador-usuário” (ÉMÉRIT, 2020), em razão de buscarmos informações necessárias à execução da nossa pesquisa em nossos próprios perfis nas redes sociais.

Os trabalhos recentes sobre tecnodiscurso tomam como base as pesquisas supracitadas para direcioná-las a novos objetivos. Em Duarte e Muniz-Lima (2020), os autores didatizam a proposta de Paveau e fazem uma união entre a teoria e a prática. A proposta de Paveau é explanada por meio de uma explicação do conceito de “discurso nativo digital”, e é feita uma análise de suas características para se discutir aspectos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no referente à compreensão e à produção de gêneros construídos tecnodiscursivamente, no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Souza e Conceição (2015) também mantêm suas preocupações com o ensino e ressaltam a importância da utilização dos hipertextos produzidos nas aulas de língua portuguesa, pois defendem que tal ferramenta é importante para o desenvolvimento da criticidade do aluno. Além disso, observam que a sociedade moderna e a geração nascida na era digital oferecem múltiplos significados às leituras ao usarem as mídias digitais e interagirem através delas. Apesar da rica discussão sobre textos produzidos em mídias digitais, o trabalho, contudo, não versa sobre a tecnodiscursividade propriamente dita, porque focaliza apenas os processos intertextuais.

¹ Optamos por inserir, no original, o trecho traduzido livremente para o português: “L’environnement numérique représente un ensemble, un lieu, composant l’écosystème à l’intérieur duquel les énoncés (ou les textes) apparaissent et évoluent.” (ÉMÉRIT, 2020, p. 176).

A tese de Muniz-Lima (2022), dentro do âmbito dos estudos em Linguística Textual, revisita a noção de interação em ambientes digitais. A autora, seguindo uma abordagem pós-dualista (Paveau, 2017), argumenta que a interação é um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores, humanos ou não humanos, que varia conforme a mídia, o suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos envolvidos. Sua análise foca em como esses elementos influenciam as interações em textos digitais nativos. Ao invés de descrever critérios analíticos, a pesquisa empreendida pela autora buscou refletir sobre as implicações de uma visão interacional mais ampla no contexto digital e afirmar que a interação é crucial para a definição de texto na Linguística Textual brasileira.

Podemos observar que os trabalhos sobre tecnodiscursos são preparadores de terreno para a remodelação das pesquisas de modo geral, para que os linguistas reflitam sobre as transformações que a linguagem está sofrendo para adequar-se ao advento massivo das interações por meio das tecnologias digitais. Somado a isso, percebemos que há estudos distintos sobre intertextualidade e tecnodiscursos, todavia esses trabalhos não refletem sobre a convergência desses fenômenos.

Nesta pesquisa, seguimos as perspectivas estabelecidas pela Linguística Textual, fazendo interface com a Análise do Discurso Digital, visando a preencher as lacunas a respeito das retomadas em textos nos ambientes digitais. Dessa forma, repensamos os conceitos dos processos de intertextualidade, tendo em vista as novas práticas interacionais e os diálogos textuais que elas permitem, de maneira a chegarmos a uma elucidação detalhada sobre como as tecnodiscursividades fazem intertextualidade. Em outros termos, nosso trabalho pretende fornecer uma explicação de como os recursos tecnológicos promovem uma relacionalidade entre textos, por meio das redes sociais, com as ferramentas tecnológicas que utilizamos no nosso cotidiano nos dias atuais.

Por fim, para atender aos objetivos levantados nesta pesquisa, nossa dissertação se organiza da seguinte forma nos capítulos subsequentes a esta introdução.

No primeiro capítulo, posicionamo-nos como uma pesquisa que segue o aporte teórico e metodológico da Linguística Textual. Iniciamos o capítulo com uma visão sociológica sobre a interação para chegarmos aos conceitos recentes que sustentam os estudos da interação digital. Além disso, ao conceituarmos as noções caras à Linguística Textual e às intertextualidades, justificamos o motivo de optarmos pelos termos “textos” e “contextos” em detrimento dos termos “discurso” e “ambiente”.

No segundo capítulo, discorreremos por diversas teorias intertextuais. Dedicamos o primeiro subtópico deste capítulo para explicar a proposta de Genette (2010), que desenhou os

processos intertextuais para que os estudos do texto pudessem utilizá-las como categoria de análise. Em seguida, percorremos os estudos que buscaram reorganizar e atualizar, conforme a necessidade de sua época, o quadro genettiano. Com isso, visamos a apontar quais processos intertextuais são pertinentes para nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, intitulado *Tecnodiscursividade*, tratamos sobre o viés pós-dualista que adotamos para esta pesquisa e, ao indicarmos os verbetes, de Paveau (2021), relevantes ao estudo das intertextualidades no ambiente digital, evidenciamos os pontos que fazemos interface com a Análise do Discurso Digital.

No quarto capítulo, esclarecemos a natureza da nossa dissertação, conforme Marconi e Lakatos (2001), e o caráter da investigamos que adotamos, conforme Gil (1999). Também justificamos nossas escolhas no que diz respeito à seleção do corpus, à técnica utilizada na coleta de dados e as categorias e procedimentos para a análise que adotados ao tratar de tecnotextos retirados do Instagram e do Twitter (X).

No quinto capítulo, intitulado *Tecnodiscursividade e suas relações intertextuais*, chegamos ao âmago da nossa proposta. Neste ponto, seguindo um viés pós-dualista, discutimos sobre os processos aplicáveis às remissões entre textos e os unimos aos conceitos da Análise do Discurso Digital. Por fim, realizamos a análise de nosso corpus, buscando responder às questões que foram elaboradas, os objetivos que foram definidos e as hipóteses que foram levantadas no início do processo do mestrado e desta pesquisa, com vistas a descrever como as intertextualidades se materializam em ambiente digital.

2 NOÇÕES CARAS À LINGUÍSTICA TEXTUAL E À INTERTEXTUALIDADE EM AMBIENTES DIGITAIS: TEXTO, CONTEXTO, DISCURSO, INTERAÇÃO E TECNODISCURSIVIDADE

“Se o texto é uma unidade de coerência em contexto e uma unidade de comunicação (...) então o texto é o iceberg inteiro.”
(CAVALCANTE *et al.*, 2022, p.22).

Para iniciarmos esta dissertação, acreditamos que a nossa primeira incumbência é nos posicionarmos diante da atual Linguística Textual - área da Linguística que seguimos - e indicarmos quais as noções relevantes para esta pesquisa. Neste capítulo, apontamos a base sociológica que influenciou os atuais estudos sobre interação digital, para chegarmos à discussão das concepções basilares que defendemos para alicerçar este trabalho e justificar as decisões que tomamos ao descrever o funcionamento das relações entre textos digitais nativos.

Em 1956, com a publicação da obra *Representação do eu na vida cotidiana*, Erving Goffman inaugurou a analogia entre a interação humana e o teatro, em situações cotidianas da vida. Seguindo este viés, chamado da microsociologia, Goffman (2014) compreende a interação face a face como um encontro entre atores que desempenham papéis sociais em uma tentativa de influenciar o outro e estes papéis são desenvolvidos com base na projeção dos papéis sociais que os outros vão assumir.

Para representar esses papéis corretamente, os indivíduos acessam conhecimentos anteriores - em um movimento dialógico (no sentido bakhtiniano do termo) - sobre os elementos da interação: ator, desenvolvimento, participante, plateia e cenário. Isto é, há uma expectativa do modo moralmente apropriado de como agir em cada interação, a qual sempre será uma simulação, pois os indivíduos se apresentaram “sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores” (p.11).

Tal constatação de que as interações são simulações e que nunca contatamos sujeitos empíricos - pois trata-se de uma encenação cujos envolvidos estão desenvolvendo papéis sociais - influenciou os atuais estudos do texto dentro da Linguística. A Linguística Textual, a seu turno, assume este conceito como unidade de coerência em contexto. Isto é, as unidades de sentido, que constroem um texto, são instauradas no momento enunciativo imediato, mas incorporam valores e crenças. Conforme Beaugrande (1997) e Cavalcante *et al.*

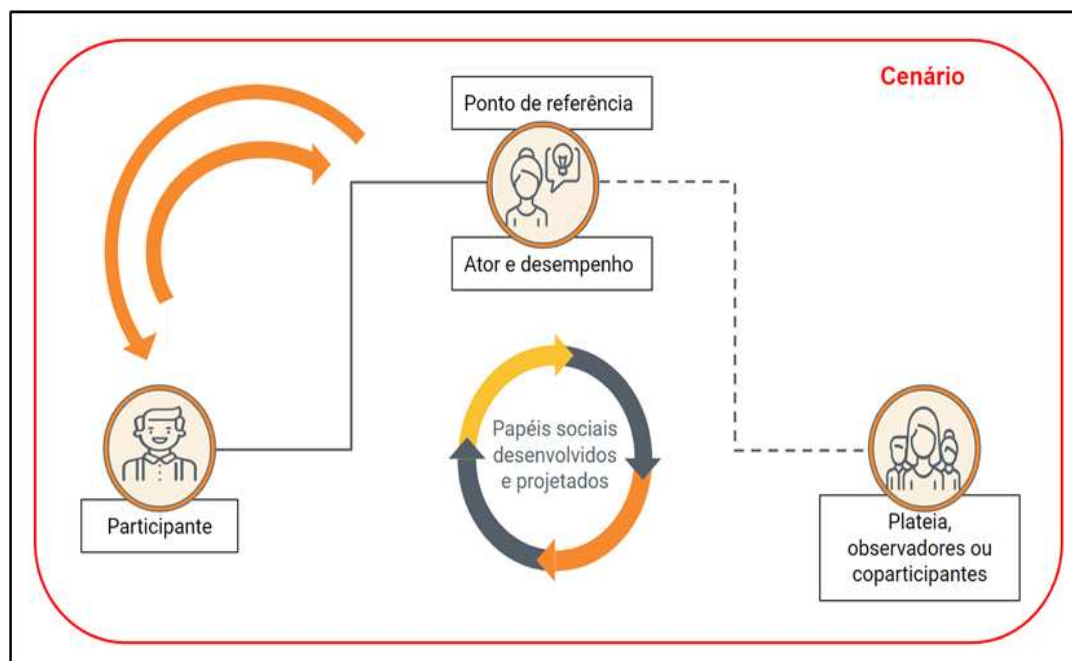
(2019), o texto é um evento, isto significa dizer que ele é único e irrepetível, acontecendo de uma forma nova a cada vez que enunciado em uma situação comunicativa particular.

Um texto que, aparentemente, é o mesmo, quando tem alterados alguns fatores (tais como: os interlocutores e os seus papéis sociais desenvolvidos no ato da interação, os contextos sócio-históricos, as situações comunicativas), ganha novos sentidos e passa a ser um novo evento, portanto, um novo texto. Para exemplificar, quando um mesmo texto é lido por diferentes indivíduos, e estes têm interpretações diferentes moldadas pelo seu contexto ou quando o mesmo indivíduo faz a leitura do mesmo texto em momentos diferentes, a sua interpretação muda decorrente das crenças, dos valores, da visada argumentativa, o que faz configurar um novo evento. Logo, o texto é um simulacro, pois a coerência é instituída por meio da simulação de uma situação enunciativa imediata, criada e dentro de uma encenação: eu (quem fala) / aqui (lugar daquele que fala) / agora (momento em que o “eu” toma a palavra).

Goffman (2014) propõe uma descrição de elementos envolvidos em uma interação e, por partir de uma perspectiva teatral, utiliza termos da dramaturgia e os retrata da seguinte maneira: o **ator** é quem realiza a ação da comunicação ou qualquer atividade que vise a influenciar o outro. Esta ação ou atividade será chamada de **desempenho**, e a união entre ator e desempenho gera o **ponto de referência** da interação. O outro para quem o ator se direciona e cujo papel ele leva em conta para “adaptar-se” é chamado de **participante**. A posição de ator e participante se mantém em constante alternância, visto que o participante se torna ator no momento em que realiza um desempenho e o ator se torna participante no instante que o outro toma “a palavra”. O autor fala ainda em **plateia** (que são os observadores), que não interage ativamente com o ator e participante, mas estes se preocupam com a imagem que estão compartilhando para o grupo dos observadores, logo a plateia exerce uma influência na interação. Por fim, toda interação está em um **cenário**, situação comunicativa cristalizada que dita os padrões comunicativos para cada interação específica e que molda como os atores, os participantes e os observadores devem agir.

A configuração do autor pode ser visualizada no esquema a seguir:

Quadro 1 - A interação para Goffman (2014)



Fonte: elaboração própria.

No primeiro elemento da interação, vimos que os atores exercem uma ação para influenciar o outro e, para que isto aconteça, o indivíduo mobiliza diversos artifícios, objetivando fazer com que o participante acredite na sua encenação. Não podemos ignorar que esta atuação também é avaliada pela plateia que observa a interação sem interferir diretamente.

Com base em Goffman (2014), mas também em outros autores, Cavalcante *et al.* (2019) admitem que todo texto é guiado por uma orientação argumentativa, visto que os sujeitos tentam constantemente influenciar o outro no que se refere à sua maneira de pensar e agir, mesmo quando não defendem um ponto de vista explícito. Portanto, na situação interativa, os interlocutores estão em uma incessante negociação e em uma busca de influenciar o outro.

Para além desses pressupostos goffnianos, dentro do escopo teórico-metodológico da Linguística Textual, encontramos uma dedicação à compreensão da interação que se apresenta no contexto on-line digital. Consideramos que o primeiro traço limitante da definição do sociólogo é que sua proposta foi pensada para interações gestuais e verbais, enquanto que recentes pesquisas linguísticas precisam lidar com interações multissemióticas para tratar de interações desenvolvidas digitalmente e on-line.

Além disso, na microsociologia, o ator e o participante se encontram fisicamente face a face - revelando instantaneamente suas impressões e emoções através de gestos e expressões - e são observados por uma plateia que julga as ações sem interferir em um

desempenho. Nas redes sociais, reconhecemos que as interações podem se dar de diversas formas: postagens, comentários, mensagens, curtidas, reações com emojis, entre outros.

No ambiente digital, o locutor que elabora o texto não se direciona para um participante, mas a um grupo de “seguidores” que podem ver sua publicação. Ao mesmo tempo, ele tem consciência de que essa postagem pode adquirir um alcance maior e chegar aos seus “não seguidores”, para o caso de perfis abertos, por exemplo. O direcionamento não é mais guiado por um outro específico e uma plateia, mas por uma bolha, e o indivíduo assume os valores defendidos pelos membros daquela bolha social. Por exemplo, um estudante do curso de Letras com habilitação em francês, em suas redes sociais, provavelmente postará conteúdos sobre linguística, literatura, língua francesa ou piadas sobre o árduo processo de escrita de um TCC. Apesar de não se dirigir a uma pessoa específica, o ator guia a temática da publicação considerando o interesse da bolha em que está inserido e a expectativa que o público tem das suas ações.

Levando em conta o quadro (1) e o ambiente digital, supomos que o locutor é quem realiza a postagem para uma bolha, a qual torna-se interlocutor ativo no momento que decide participar da interação com comentários, curtidas ou reações de emojis. Dessa forma, não podemos conceber a noção de “participante”, que chamamos de interlocutor, como em Goffman (2014), uma vez que o reconhecemos como agente ativo na interação. Em outros termos, o locutor (ator) e os locutores (participantes) realizam uma atividade (desempenho) em atitude reativa ao outro.

Outro ponto de divergência está no tópico em que Goffman (2014) define interação como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (p. 28), havendo a obrigatoriedade do encontro físico imediato. No ambiente digital, as interações não exigem um encontro físico e face a face, pois podem ocorrer mediante um contato virtual: seja por ligação de vídeo, que permite o encontro digital face a face, ou por uma curtida em foto, que não instaura uma presença material, por isso, preferimos tratar apenas como “interação”. Para Ingedore Koch (2015), o texto é o lugar onde a interação se realiza. Com o advento da Web 2.0, o texto e o fenômeno da interação devem integrar a matéria linguística e não linguística.

Segundo a ótica da LT, não existe texto sem contexto. Os elementos que engendram o texto são particulares de cada interação e, através de um movimento cíclico, o sentido é instaurado por meio de múltiplos fatores. Por isso, o texto autoriza múltiplos sentidos, o que não significa dizer que são ilimitados ou que autoriza qualquer leitura. Isso revela a importância de “não desvincularmos a noção de texto da noção de contexto” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 17), pois a construção de sentido vai além do que é visto explicitamente (a materialidade

linguística, visual e sonora). Uma situação interacional incorpora também caráter híbrido do texto, os papéis sociais assumidos pelos interlocutores, as determinações de gênero discursivo, as relações intertextuais, as coordenadas dêiticas que nos orientam sobre a localização da pessoa, espaço e tempo sobre os pontos de vista assumidos, sobre a visada argumentativa que orienta a comunicação.

Nessa perspectiva, com apoio em Hanks (2008), consideramos as características fundamentais de contexto: a primeira, a *incorporação*, que se refere à união dos elementos organizacionais, situacionais e as características sócio-históricas; a segunda, a *emergência*, que corresponde ao próprio acontecimento do texto que é enunciado naquele momento em uma dada interação. Logo, o contexto é parte integrante do texto, o qual é sempre situado, em razão de acontecer a cada vez dentro de uma situação comunicativa, e os aspectos contextuais - sejam eles, históricos, sociais e culturais - são imprescindíveis para a construção de sentido.

De acordo com Paveau (2021), o termo “contexto” deveria ser substituído pelo de “ambiente”, de modo a comportar o conceito de ambiente ecológico: um conjunto de dados humanos e tecnológicos em que os discursos são gerados. Por sua vez, Émérit (2017) prefere preservar o termo “contexto” por já estar cristalizado nos trabalhos que se dedicam às ciências linguísticas, pois, para a autora, é necessário que o contexto inclua a natureza compósita das produções digitais. Em concordância com Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), neste trabalho, assumimos “a concepção de contexto corresponda à própria visão de ambiente” (p. 333), isto é, o contexto integra as ações humanas e as ações tecnológicas. Um estudo do texto não se reduz à materialidade linguística, mas abrange o linguístico e o tecnológico, hibridizados, considerando os aspectos sócio-históricos.

Vale observar que a perspectiva de texto, de Paveau (2017), teórica da Análise do Discurso Digital, não coincide com a noção defendida pela Linguística do Texto do grupo de pesquisa Protexto, que, por sua vez, é a noção com a qual este trabalho se inclina. A autora assimila o texto à materialidade física, como se ele não incluísse os aspectos contextuais, ao passo que o discurso mesclaria a materialidade física do texto e os dados sócio-históricos e socioculturais.

Sob o ponto de vista da LT, admitimos a noção de discurso como um posicionamento “assumido em textos” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 28), que, por sua vez, são carregados de valores estabelecidos em contexto. Por exemplo, o discurso religioso, o discurso político, o discurso acadêmico, o discurso de esquerda ou o de direita - estes são instaurados nos textos, reconhecidos através da memória coletiva e compartilhados pelos interlocutores.

As pesquisas em LT não se debruçam sobre os cruzamentos discursivos em si mesmos, mas sobre a relação entre os discursos, os modos de organização do texto, os aspectos interacionais e a argumentatividade. Assumimos, assim, o posicionamento teórico de que o texto emerge e circula em contexto, o qual engloba dados sociais, históricos e materiais, da mesma maneira que contempla os diversos aspectos envolvidos no jogo da interação, inclusive os discursos.

A interação, portanto, está estritamente imbricada à noção de texto. Muniz-Lima (2022, p. 82) defende que a interação é “um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenados, e que acontece de diferentes modos”, ou seja, ocorre através da realização de textos, cujos sujeitos envolvidos não são empíricos e desempenham papéis sociais.

No tocante às interações em ambientes digitais, a autora acrescenta o termo “interatividade”, definindo-o como uma propriedade, simultaneamente, tecnológica e linguageira, que resulta em realização de “ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos” (p. 124). Em outros termos, remete a possibilidades de reação com as ferramentas disponibilizadas por um ecossistema. A interação pode variar em graus diferentes de interatividade, com base em três aspectos: o controle do conteúdo, o caráter dialogal e a sincronicidade.

O primeiro aspecto, controle do conteúdo, está relacionado à possibilidade de os interlocutores nele interferirem “editando-o, excluindo-o ou compartilhando-o” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 80) nos textos que circulam em ambientes digitais. Por exemplo, o Twitter (X) tem uma ferramenta de “compartilhamento”, que permite o retuíte, o direcionamento de uma publicação para a caixa de mensagem de um amigo virtual dentro do mesmo aplicativo ou mensagem através de outro ecossistema, o *story* no Instagram, entre outras possibilidades através do mesmo “botão”. Com um clique, os interlocutores escolhem o direcionamento que desejam dar a esse recurso, para se relacionar com o conteúdo, seja reforçando-o, seja refutando-o. O caráter dialogal diz respeito às trocas de turno nas interações digitais, assim como na possibilidade de os interlocutores interagirem com os textos digitais por meio dos canais de comentários abertos dentro das mídias. A variável sincronicidade concerne ao tempo de resposta proporcionado pelos interlocutores em uma interação, o que pode indicar o grau de motivação do interlocutor em participar daquela troca. No WhatsApp, pode haver diálogos com respostas rápidas ou situações em que a resposta é apenas a visualização da mensagem.

Paveau (2021) intitula as produções elaboradas e propagadas no contexto digital on-line como tecnodiscursos, as quais são criadas por intermédio das ferramentas disponíveis na mídia. Em consonância com Cavalcante *et al.* (2022), assumimos que não se trata de um texto ou de um discurso, “mas sim, de um pressuposto de que os atos de linguagem” (p. 82) se imbricam aos recursos tecnológicos fornecidos pela máquina, em uma “tecnodiscursividade”. Nesta dissertação, ao tratarmos das produções nativas digitais da tecnodiscursividade, seguiremos Duarte e Muniz-Lima (2020 e 2021) e utilizaremos o termo “tecnotexto”, por seguirmos os pressupostos da LT. Consideramos que as “produções elaboradas on-line” (PAVEAU, 2021, p. 28) são, ao nosso ver, textos nativos digitais.

Compreendemos que a interação acontece por meio de uma encenação particular que engloba a participação dos interlocutores (que fazem projeção de si e dos outros), dos papéis sociais assumidos, dos contratos e propósitos comunicativos, da organização e das funções desempenhadas pelos gêneros em contexto. Reiteramos que, dentre os parâmetros de análise da LT, priorizamos os processos intertextuais presentes na tecnodiscursividade, dado que as produções textuais realizadas em contexto digital on-line podem envolver uma relação entre textos, de modo explícito ou implícito, conforme discutiremos nos itens seguintes.

3 TEORIAS INTERTEXTUAIS

“Sei que às vezes uso palavras repetidas
Mas quais são as palavras que nunca são ditas?”
(RUSSO, Renato. Quase sem querer. 1986).

Há mais de quatro décadas, com a publicação da obra *Palimpsestes: la littérature au second degré* (1982), de Gérard Genette, a intertextualidade ganhou um estatuto diferente da teoria formulada por Kristeva (1974), e as relações entre os textos passaram a ser estudadas através de categorias de análise. Neste capítulo, discutimos as propostas que visitamos para fundamentar nosso trabalho e começamos com as “transtextualidades”, propostas por Genette (2010). Em seguida, seguimos com a reorganização realizada por Piégay-Gros (2010); a proposta de Santana (2014); o modelo de Nobre (2014); e chegaremos às intertextualidades estritas e amplas de Carvalho (2018).

3.1 As transtextualidades

Nos anos oitenta, Genette propôs o termo **transtextualidade** como tudo o que estabelece a relação de um texto, seja esta implícita ou explícita, com outros textos, ou seja, trata-se de um conceito maior que ampara as reflexões sobre intertextualidade. Neste tópico, percorremos o quadro analítico completo deste autor para compreendermos as alterações propostas por autores futuros que visavam a reorganizar o quadro teórico-classificatório genettiano.

Genette (2010) definiu cinco categorias que apontam para aquilo que transcende o texto, de acordo com uma “ordem crescente de abstração, implicação e globalidade” (p. 12). É importante frisar que toda a reflexão do autor se concentra no âmbito literário, de modo que as categorias estipuladas foram pensadas para a análise de textos literários. Os cinco tipos de relações distintas entre os textos definidos pelo autor são: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade.

O conceito de **intertextualidade** diz respeito às relações de copresença de um texto em outro. Para tanto, estas relações podem apresentar-se em forma de citação, quando há menção direta e marcada a um outro texto; alusão, quando o texto evocado é incorporado sutilmente, e exige maior percepção por parte do leitor; e o plágio, quando há o emprego literal de outro texto sem a devida declaração de autoria.

Cabe ressaltar que Genette (2010) desenvolveu seus estudos sob o enfoque do paradigma estruturalista. Sob essa ótica, tais relações intertextuais são medidas pela forma. Enquanto na citação a literalidade do intertexto é marcada por aspas, verbos *dicendi*, recuo no texto, na alusão a incorporação não é marcada, podendo haver modificações formais no texto recorrido. O plágio, por sua vez, constitui-se numa citação literal sem marcações formais, fazendo com que a autoria do intertexto não seja identificada. Embora reconheçamos a existência e importância de flagrar o plágio, mesmo nas tecnodiscursividades, não é nosso objetivo abordá-lo nesta dissertação, porque a consideração plágio requer a análise das sanções sociais, o que foge ao escopo desta pesquisa. Vejamos exemplos de citação e alusão:

FIGURA (1) – Citação, em Genette (2010)

aparentemente extensiva a tudo isso que chamo de transtextualidade: "O intertexto", escreve ele, por exemplo, "é a percepção pelo leitor de relações entre uma obra e outras, que a precederam ou a sucederam", chegando até a identificar, em sua abordagem, a intertextualidade (como fiz com a transtextualidade) à própria literariedade:

A intertextualidade é [...] o mecanismo próprio da leitura literária. De fato, ela produz a significância por si mesma, enquanto que a leitura linear, comum aos textos literários e não-literários, só produz o sentido.⁶

Porém, a esta ampliação teórica corresponde uma restrição de fato, pois as relações estudadas por Riffaterre são sempre da ordem de microestruturas semântico-estilísticas, no nível da frase, do fragmento ou do texto breve, geralmente poético. O "traço" intertextual, segundo Riffaterre, é então

Fonte: GENETTE (2010, p. 13).

Em *Palimpsestos: a literatura de segunda mão* (2010), o autor lança mão da definição de intertextualidade dos estudos de Michael Riffaterre para afirmar que a abordagem deste é mais ampla que a genettiana: a intertextualidade para Riffaterre é como a transtextualidade para Genette, a própria literariedade. Em (1), temos o recorte de uma página da obra, em que o autor faz do processo intertextual de citação, o que está assinalado pela cor amarela, utilizando aspas para marcar o limite entre o seu texto e o intertexto.

Nas alusões, supõe-se a compreensão da relação entre os textos, pois a retomada é mais sutil. Genette (2010) exemplifica este processo através de uma brincadeira feita com provérbios por Madame des Loges para Voiture, a qual diz:

FIGURA (2) – Madame des Loges

“Esse não vale nada, provemos um outro.”

Fonte: GENETTE (2010, p. 14).

No enunciado, o verbo “provar”, no lugar de “propor”, alude ao fato de que Voiture era filho de um mercador de vinhos. Madame des Loges não faz uma menção direta e com marcas tipográficas, há uma presença menos explícita de um texto dentro de outro.

Por **paratextualidade**, Genette (2010) compreende as relações existentes entre texto e os diversos paratextos, isto é, título, prefácios, posfácios, prólogos, capas, orelhas de livro, dentre outros. Compreendemos que o livro e os seus elementos paratextuais constituem um único texto; e as relações intertextuais (em termos atuais) são feitas a textos anteriores. Seguindo as categorias de análise da LT, a retomada a elementos dentro do mesmo texto são objeto de estudo dos processos referenciais. Logo, não consideramos a paratextualidade, de Genette, como uma categoria que estabelece relação entre um ou diversos textos e, por isso, não a utilizaremos neste trabalho.

A terceira forma de relação, a saber, a **metatextualidade**, é definida como sendo o fenômeno em que os textos comentam, avaliam e/ou criticam um texto anterior, sem necessariamente citá-lo. O autor exemplifica esta categoria com a obra *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, que evoca - por uma relação de crítica - *O sobrinho de Rameu*, de Diderot.

Por **arquitectualidade**, Genette entende as relações entre o texto e seu estatuto genérico. “Trata-se da classificação taxonômica, explícita ou não, em que se pode enquadrar um texto” (CARVALHO, 2018, p. 23). A autora salienta que essa categoria é muito profícua no âmbito da literatura, visto que os textos são mais notadamente aliados a seus estatutos genéricos, muitas vezes explicitados no próprio título da obra, como ocorre no *Soneto de amor maior*, de Vinícius de Moraes. A criação do poeta brasileiro é composta a partir de uma estrutura clássica, o soneto - como diz no título - e segue a estrutura de dois quartetos e os dois tercetos, totalizando 14 versos decassilábicos regulares. Entretanto, a autodeclaração do gênero logo no título não assegura uma correspondência entre o texto e o gênero. Além disso, consideramos que a relação entre o texto e o gênero, que ampara todos os enunciados com a mesma

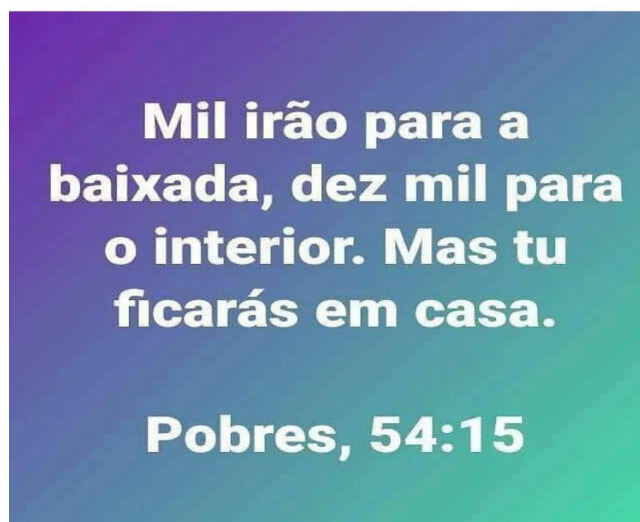
característica, é dialógica e não intertextual. Compreendemos que todos os textos estão em diálogos com outros, mas não são todos que consegue marcar esta relação. Logo, todo texto é dialógico, mas nem todo texto é intertextual.

A última categoria explicitada por Genette (2010), a **hipertextualidade**, concerne às relações estabelecidas entre um texto A e um texto B, ou seja, é quando um *hipertexto* brota inteiramente de um *hipotexto*. Não se trata de comentário ou avaliação, como na metatextualidade, mas de transformação ou imitação.

Na transformação, opera-se a passagem de um texto inteiro a outro, por meio de modificações estilísticas ou genéricas, sem, todavia, desviar-se de elementos semânticos que evidenciem o hipotexto. Essa relação se subdivide em transposição, paródia e travestimento. A primeira transformação é a de caráter sério e não altera a essência semântica no novo texto, como ocorre nas traduções. A segunda transformação concerne ao regime lúdico, modificando os propósitos comunicativos do texto-fonte, e é exemplificada, pelo autor, com a obra *Chapelain décoiffé*, de Boileau. A última é de regime satírico, como em *Virgile travesti*, de Paul Scarron, o qual parodia criticamente o poema épico, *Eneida*, de Virgílio.

Por imitação, Genette (2010) compreende a abstração de formas estilísticas ou genéricas de um conjunto de textos ou de padrões genéricos. Diferentemente da transformação, a imitação não ocorre em relação a um texto específico. O autor discrimina subtipos hipertextuais, que conjugam a funcionalidade da transformação e da imitação, as quais também podem ter o regime sério (forjação), lúdico (pastiche), sério (forjação) ou satírico (charge). Na imitação de regime sério, a forjação é o recurso que possibilita que os padrões genéricos sejam reproduzidos e perpetuados, instaurando o cânone, como ocorreu com as epopeias clássicas. No segundo regime, o lúdico, Genette (2010) não esclarece se se trata da imitação de um estilo genérico ou de um autor, o que nos leva a considerar os dois casos como imitação do regime lúdico. Apesar da omissão da informação, o autor exemplifica com *L'affaire Lemoine*, cujo autor imita o estilo de Balzac, Flaubert, os irmãos Goncourt ou o Duque de Saint-Simon. No terceiro, Carvalho (2018) afirma que a charge “comporta as imitações que subvertem determinados padrões genéricos, rebaixando os arquétipos sem, contudo, descaracterizá-los totalmente” (p. 29). Vejamos o exemplo apresentado pela autora:

FIGURA (3) – Imitação ao estilo de versículos bíblicos

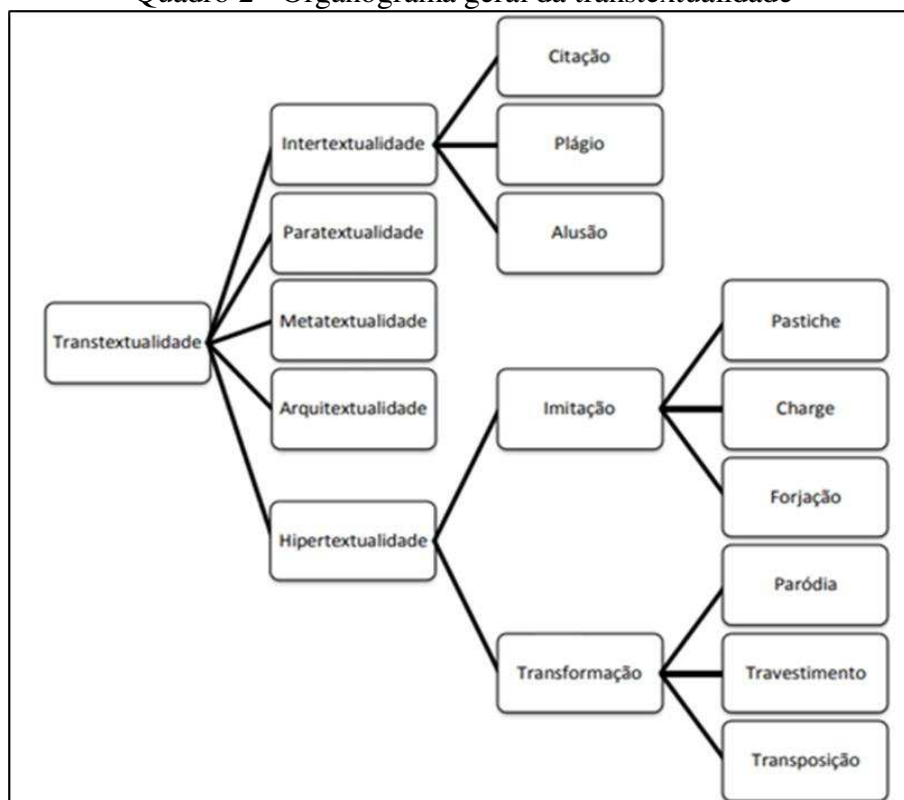


Fonte: Carvalho (2018, p. 30).

Em (3), temos a imitação do estilo de versículos da Bíblia Sagrada, abordando a temática da falta de dinheiro e, por isso, impossibilitando o indivíduo de sair de casa. Outra característica é a suposta referência ao local do texto: o livro seria “Pobres”, o capítulo “54” e o versículo “15”.

A figura a seguir sintetiza as classificações de Genette:

Quadro 2 - Organograma geral da transtextualidade



Fonte: Nobre (2014, p. 54).

No que concerne às hipertextualidades genettiana, corroboramos com Carvalho (2018) na medida em que compreendemos o risco do reconhecimento do propósito da transformação ou imitação, o grau de ludicidade ou de seriedade que fica a cargo do direcionamento da recepção. Ademais, os limites entre o lúdico e o satírico não são bem delineados, o que pode fazer com que os textos transitem de um regime a outro. Tomamos a decisão metodológica de considerarmos que as imitações podem ser de estilo de gênero ou autor e as transformações que há mudança formal ou semântica, com traços humorísticos, são consideradas paródia e as transformações de um texto em outro sem traços de humor são as transposições (ver Carvalho, 2018).

Detivemo-nos em discutir as transtextualidades de Genette (2010) por considerarmos a sua proposta como a nossa principal base teórica e o nosso ponto de partida. Consideramos que o seu grande mérito está em fornecer categorias de análise que marcassem as relações entre textos. Reconhecemos que os recursos das cinco categorias se mostram relevantes para os estudos atuais sobre intertextualidade, pois sua proposta é o alicerce de inúmeros outros estudos que o sucederam ao longo dos anos.

3.2 Reorganização das categorias de análise

Neste item, abordaremos o avanço nos estudos intertextuais que visam a reorganizar os processos classificatórios de Genette (2010). Mostraremos as sucessivas propostas de classificação da intertextualidade que antecederam a proposta defendida na tese de Ana Paula Carvalho (2018) e que são relevantes para a construção do nosso empreendimento. Começamos, então, pela discussão acerca das propostas de Piégay-Gros (2010), de Sant'Anna (2007) e de Nobre (2014).

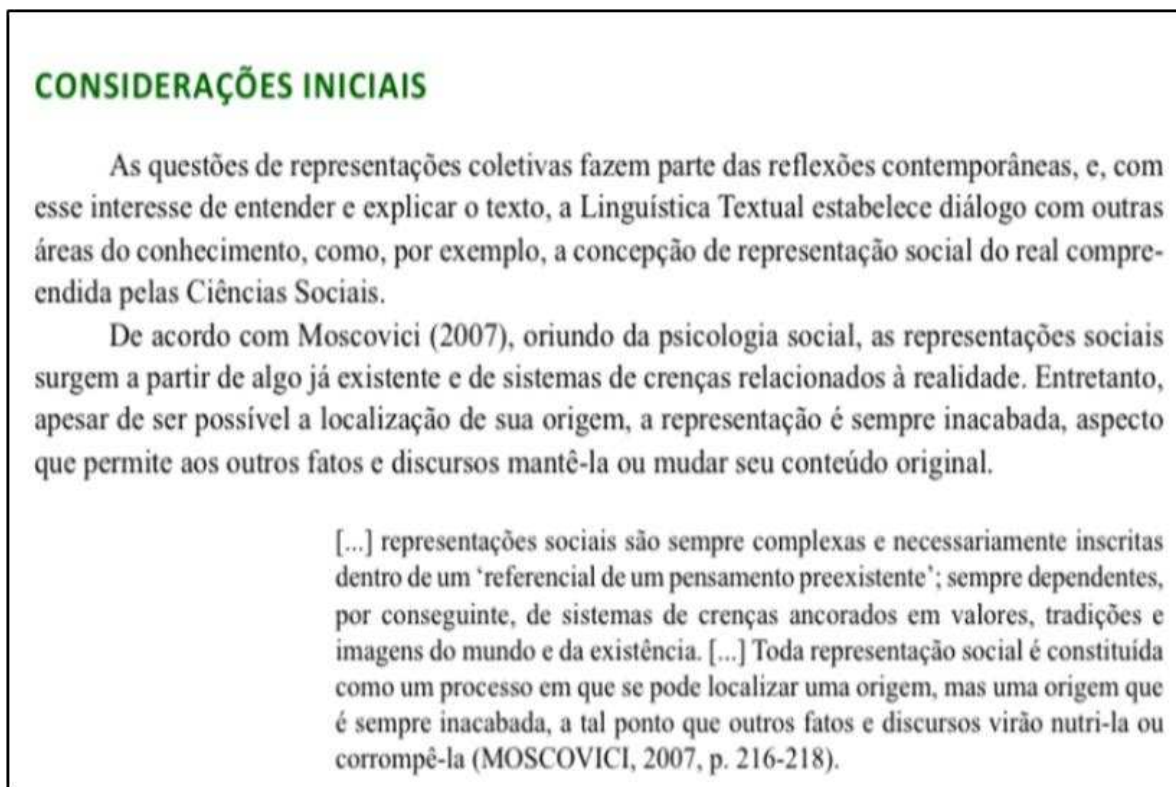
3.2.1 A proposta de Piégay-Gros (2010)

Em Piégay-Gros (2010), temos uma reestruturação do quadro classificatório genettiano. A principal modificação elaborada pela autora está no alargamento do conceito de intertextualidade, a qual amparava somente os processos de citação, plágio e alusão. Com a reformulação, a intertextualidade substitui a transtextualidade, tornando-se a noção macro, que comporta todos os processos. Entretanto, os conceitos e a nomenclatura dos processos de Genette (2010) são conservados. Piégay-Gros (2010) subdivide a intertextualidade em dois traços: o de copresença e o de derivação.

A **copresença** é correspondente à “intertextualidade” de Genette (2010) e é definida como a incorporação de partes de um texto em outro. Pode aparecer de maneira explícita ou implícita. As intertextualidades que apresentam a fonte do texto retomado são explícitas: citação ou referência.

A **citação** contém maior grau de explicitude, pois apresenta quase sempre aspas, marcas tipográficas que indicam o início e o fim do texto-fonte. A autora defende que este processo intertextual está ligado à função de ornamentação quando utilizada em romances. Para exemplificar, Piégay-Gros (2010) analisa a Obra *Mémoires d'outre tombe*, de Chateaubriand, que contém uma passagem extraída das *Mémoires*, de François Miot. A citação também pode desempenhar a função de autoridade, como veremos no exemplo a seguir.

FIGURA (4) – Artigo “Uma análise argumentativa e intertextual dos estereótipos”



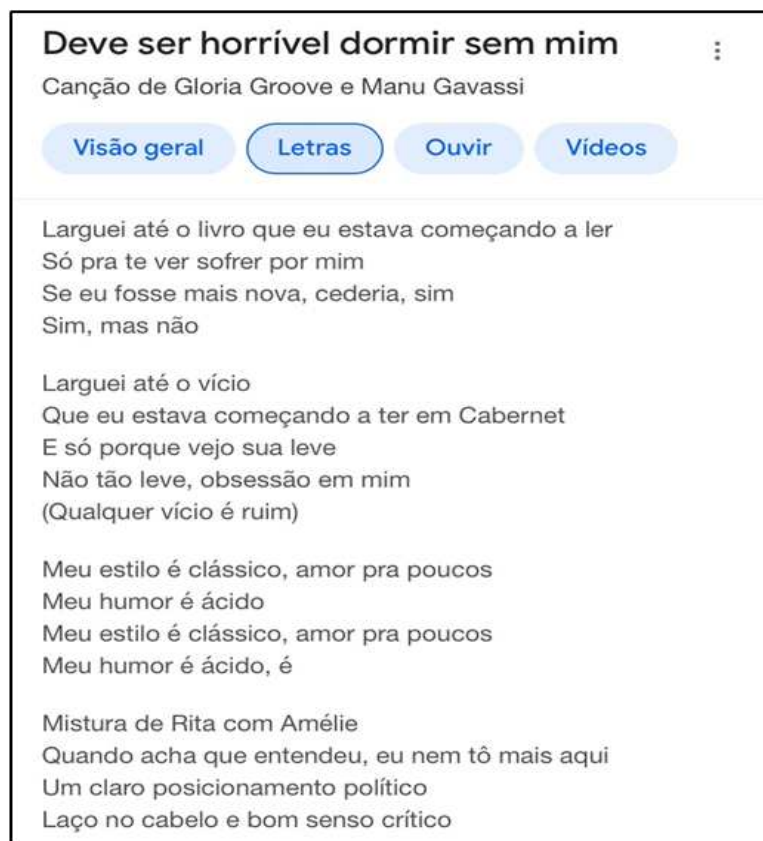
Fonte: COSTA, D. DE C. B.; SOARES, M. S.; FARIA, M. DA G. DOS S. Uma análise argumentativa e intertextual dos estereótipos. **Revista de Letras**, v. 1, n. 41, 15 jul. 2022, p. 2.

Em (4), as autoras do artigo “Uma análise argumentativa e intertextual dos estereótipos” (2022) recorrem à citação do texto de um outro autor para abordar e destacar a definição que será desenvolvida ao longo do trabalho: a das “representações sociais”. Em produções acadêmicas, a citação é constantemente utilizada para reforçar um ponto de vista defendido em um texto.

A **referência** é uma novidade da proposta de Piégay-Gros (2010) e é definida como uma retomada explícita de um elemento do texto sem haver a necessidade de citá-lo, como é o caso de menções a títulos de obras, nomes de autores e personagens, etc. A autora escolheu a obra *A comédia humana*, de Honoré de Balzac, para exemplificar este processo intertextual.

Outro exemplo que serve para evidenciar o uso das referências é a música *Deve ser horrível dormir sem mim*, de Glória Groove e Manu Gavassi.

FIGURA (5) – Canção *Deve ser horrível dormir sem mim*, de Glória Groove e Manu Gavassi



Na terceira estrofe, as cantoras mencionam os nomes “Rita” e “Amélie”. A primeira trata-se da cantora brasileira Rita Lee, conhecida como “rainha do rock brasileiro” e por seu estilo irreverente. O segundo nome é de uma personagem fictícia do filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (2001). As compositoras não citaram trechos da música da Rita Lee ou do filme francês, apenas fizeram menções a nomes conhecidos e previamente instaurados na memória discursiva de uma determinada sociedade, com isso a referência foi recuperada.

Faria (2014) e Carvalho (2017) optam por dar o mesmo tratamento às referências e às alusões, pois, para as autoras, referir e aludir podem ser semelhantes, já que ambas não garantem o resgate do texto-fonte. A figura (5) chancela o argumento das teóricas, visto que

somente membros da bolha que conhecem a cantora Rita Lee e o filme francês recuperarão todos os sentidos da música, o que pode parecer atributo exclusivo da alusão.

Cavalcante (2012), no entanto, pontua a relevância da referência em determinados gêneros, como nos trabalhos acadêmicos, pois a referência a autores e obras funciona como um argumento de autoridade, além de ser uma norma técnica. Nos textos produzidos e divulgados em contextos digitais, a referência apresenta novas funções: dêitica, de redocumentação, entre outros. Além disso, admitimos que os processos intertextuais não são excludentes e podem coexistir no mesmo evento comunicativo e, a nosso ver, na figura (5), há alusão e referência. Dessa forma, decidimos, nesta dissertação, reintegrar este tipo copresença no quadro das intertextualidades, para lidar com os tecnotextos.

Nos textos cuja fonte é contextual ou nos quais se espera que o locutor não seja identificado, as intertextualidades são consideradas implícitas, como nos casos de alusão e plágio. Piégay-Gros (2010) afirma que a **alusão** não é literal - como na citação - e “pode parecer mais discreta e mais sutil” (p. 226). A autora ilustra com a obra *L’Inquisiteur*, de Robert Pinget.

Entendemos que a alusão é a retomada de outro texto por pistas contextuais; nela, as menções indiretas são recuperadas através do conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Vejamos um exemplo:

FIGURA (6) – Yoko Ono e sua mania de separação



Fonte: @tirinhasnointa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtIKbz9HuKi/?igshid=YWJhMjlhZTc=>. Acesso em 18 jan. de 2023.

Na charge, percebemos que a mãe reclama com a filha, que está separando com o garfo os ingredientes da salada. A criança se chama Yoko Ono, mesmo nome da artista plástica japonesa que teve um relacionamento amoroso com o cantor John Lennon, líder da banda The Beatles. Acredita-se que John nunca conseguiu separar a vida pessoal da profissional e o casamento com Yoko Ono foi um dos pontos que motivou a “rivalidade” entre John Lennon e Paul McCartney. Por isso, muitos atribuem a polêmica do término dos Beatles a ela. Dessa forma, a charge traz uma criança japonesa separando os alimentos no prato para aludir ao fim da banda, supostamente causado pela artista plástica.

Já o **plágio** lança mão da citação e da paráfrase, mas tem a intenção de ocultar o verdadeiro autor, em razão disso, trata-se de uma prática desonesta, como afirma Santos (2020, p. 20) ao definir o plágio como “o fenômeno que se configura numa relação entre textos, através de um duplo movimento de manutenção do texto-fonte e disfarce do texto-plágio, por meio do qual é possível aferir a realização da apropriação indébita.”. O autor analisa um trecho do poema *Marcha*, de Cecília Meireles, e o trecho da canção *Canteiros*, de Fagner. Observemos:

FIGURA (7) – Plágio na Canção *Canteiros*, de Fagner

TEXTO-FONTE Poema “Marcha”, Cecília Meireles	TEXTO ACUSADO DE PLÁGIO Canção “Canteiros”, Fagner
Quando penso no teu rosto, fecho os olhos de saudade; tenho visto muita coisa, menos a felicidade. Soltam-se os meus dedos tristes, dos sonhos claros que invento, Nem aquilo que imagino já me dá contentamento. [...]	Quando penso em você Fecho os olhos de saudade Tenho tido muita coisa Menos a felicidade Correm os meus dedos longos Em versos tristes que invento Nem aquilo a que me entrego Já me dá contentamento [...]

Fonte: Santos (2020 p. 183).

Santos (2020) mostra que as repetições - marcadas de rosa - ocorrem tanto nas expressões, quanto na estrutura (duas estrofes organizadas em quartetos). Além disso, o autor evidencia que alguns termos foram alterados por outras expressões próximas, que podem ser consideradas sinônimas se analisarmos semanticamente, como o caso dos verbos “soltam” e

“correm” (na linha 5 do poema de Cecília Meireles e na canção de Fagner), os quais assumem o mesmo sentido do verbo “mexer”. O movimento de aproximação das duas produções artísticas foi considerado plágio. Apesar de o cantor Fagner garantir ter dado os devidos créditos à poetisa através do encarte elaborado por ele, a informação não saiu no encarte do CD divulgado pela gravadora.

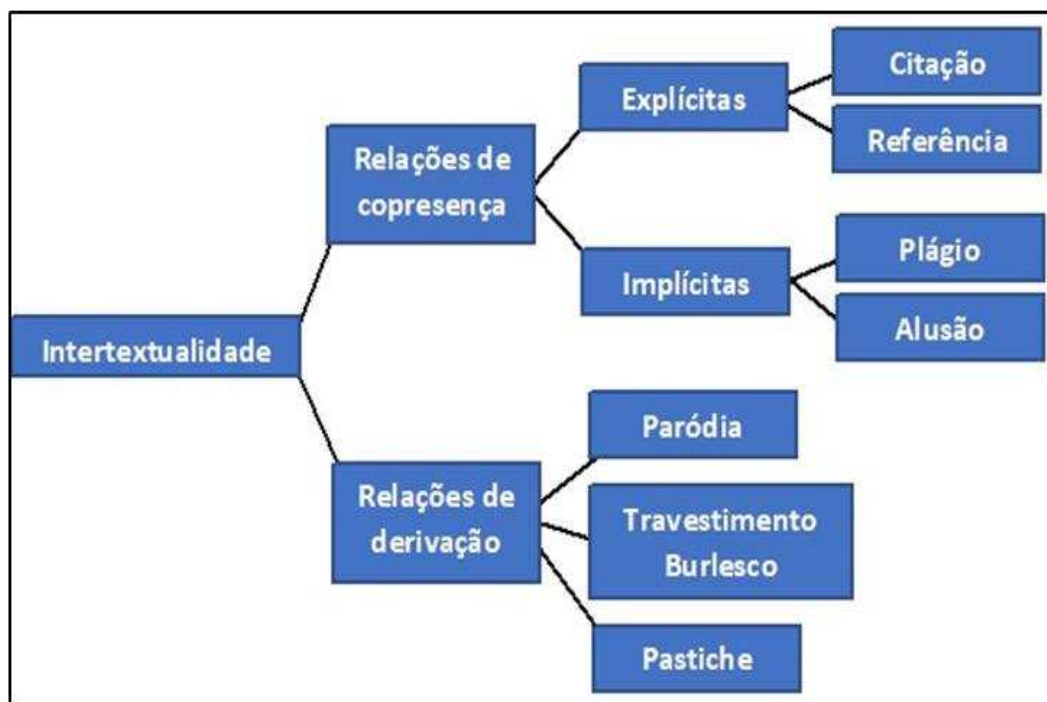
O segundo traço, o de **derivação**, diz respeito à transformação de um texto em um novo através de mudanças na forma ou no sentido original, entretanto, deve ser mantido algum elemento para que o texto-fonte possa ser recuperado. Em Piégay-Gros (2010), a derivação corresponde às relações “hipertextuais”, de Genette (2010), contudo, suprime os processos de charge, forjação e transposição. A autora propõe que as derivações comportem a paródia, o travestimento burlesco e o pastiche.

Na **paródia**, estão as alterações do texto-fonte, inclusive sintáticas, mantendo o mesmo estilo; o travestimento burlesco é “uma simples variante da paródia” (p. 230), correspondendo às transformações do parâmetro funcional, o qual lida com a mutação do texto-fonte com o objetivo de rebaixar o seu estilo sério para um estilo mais satírico e crítico; o pastiche está relacionado às imitações de estilo.

Nesta dissertação, lidaremos apenas com a paródia, que contempla o travestimento burlesco e com o pastiche, por nome de imitação de gênero ou estilo. Um dos exemplos de paródia analisado por Piégay-Gros (2010) foi em uma passagem de *Tartuffe*, de Molière, que modifica um verso de *Sertorius*, de Corneille. A autora salienta que, em Molière, temos o verso “Ah! por ser devoto, não sou menos homem” parodiando o verso de Corneille: “Ah! por ser romano, não sou menos homem...”.

A reconfiguração da proposta de Genette pela autora pode ser visualizada no esquema a seguir.

Quadro 3 - Organograma da intertextualidade



Fonte: Cavalcante (2012, p. 146).

Consideramos que em Piégay-Gros (2010) temos uma remodelação da proposta teórico-classificatória de Genette (2010), para a qual a autora lança três grandes contribuições pertinentes para este trabalho: o alargamento do conceito de intertextualidade; a divisão das relações por copresença (que podem ser explícitas e implícitas); e o acréscimo do processo intertextual de referência.

3.2.2 A proposta de Sant'Anna (2007)

Affonso Romano Sant'Anna (2007) propõe um modelo de categorias analíticas que redefine os conceitos de paráfrase e paródia, como também instaura os conceitos de estilização e apropriação. O autor ressalta que esses conceitos são do interesse das produções multissemióticas, como as pinturas, a música, a moda, etc. Mas mantém suas observações na literatura para textos verbais.

No conceito de **paráfrase**, Sant'Anna (2007) apresenta uma ampliação das categorias de análise intertextuais, dado que Genette (2010) e Piégay-Gros (2010) não haviam inserido o termo paráfrase em seus quadros organizacionais. Sant'Anna (2007) entende a paráfrase como uma “reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita” (p. 17). Em outros termos, a paráfrase não pode se distanciar da essência do texto-fonte.

O autor observa que o uso da paráfrase permite elucidar e didatizar o texto original, estratégia muito comum em textos acadêmicos, pois o discurso acadêmico permite ser parafraseado, enquanto que o discurso poético não permite. Concordamos com Faria (2014) e discordamos da afirmação do autor, visto que é comum encontrarmos o parafraseamento em “poemas de exaltação à Pátria” (p. 56).

Sant’Anna (2007) salienta que a paráfrase é “mais que um efeito retórico e estilístico”, trata-se de um “efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fê ou procedimento estético” (p. 22), já que a ciência lança mão da paráfrase para esclarecer as afirmações e fórmulas, da mesma forma que a religião e as artes utilizam para expressar e reafirmar seus valores ideológicos. Para ilustrar a paráfrase, o autor escolheu os poemas: *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e *Europa França e Bahia*, de Carlos Drummond de Andrade. Vejamos:

FIGURA (8) – Paráfrase no poema *Europa, França e Bahia*,
de Carlos Drummond de Andrade

Texto Original <i>Canção do exílio</i> , de Gonçalves Dias	Texto com paráfrase <i>Europa, França e Bahia</i> , de Carlos Drummond de Andrade
Minha terra tem palmeiras Onde canta o sabiá, As aves que aqui gorjeiam Não gorjeiam como lá	Meus olhos brasileiros se fecham saudosos Minha boca procura a ‘Canção do Exílio’. Como era mesmo a ‘Canção do Exílio’? Eu tão esquecido de minha terra... Ai terra que tem palmeiras Onde canta o sabiá!

Fonte: Sant’Anna (2007, p. 23 - 24).

Podemos afirmar que há um deslocamento que liga os poemas, entretanto, este deslocamento é mínimo e há uma tentativa de conservar os sentidos do texto-fonte. Além da paráfrase, há uma citação no verso: “Onde canta o sabiá!”.

No tocante à **paródia**, Sant’Anna (2007) salienta que - diferentemente da paráfrase - ocorre quando há uma recriação proposital de sentidos do texto original, ou seja, há um contraste com o texto-fonte que é marcado, demonstrando uma descontinuidade de pensamento (p. 28). Percebemos que o critério de Sant’Anna é de base ideológica e argumentativa, diferentemente da proposta de Genette (2010), que é estrutural. Para exemplificar a paródia, Sant’Anna (2007) utiliza os poemas: *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e *Canto de regresso à pátria*, de Oswald de Andrade. Observemos:

FIGURA (9) – Paródia no poema *Canto de regresso à pátria*,

de Oswald de Andrade

Texto Original <i>Canção do exílio</i> , de Gonçalves Dias	Texto com paródia <i>Canto de regresso à pátria</i> , de Oswald de Andrade.
Minha terra tem palmeiras Onde canta o sabiá , As aves que aqui gorjeiam Não gorjeiam como lá	Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar os passarinhos daqui não cantam como os de lá

Fonte: Sant’Anna (2007, p. 24).

No caso (9), o distanciamento entre os textos é maior, há uma alteração de sentido ocasionado por um deslocamento completo, instaurado pela substituição do nome comum “palmeiras” para o próprio “palmares”, nome do famoso quilombo onde negros - liderados por Zumbi - foram dizimados, no ano de 1695. Além disso, Oswald de Andrade usou da paronomásia, figura de linguagem que extrai combinações de palavras que possuem semelhança fônica e/ou mórfica, mas com sentidos diferentes. Dessa forma, compreendemos que há uma recriação do texto-fonte, alterando o seu sentido.

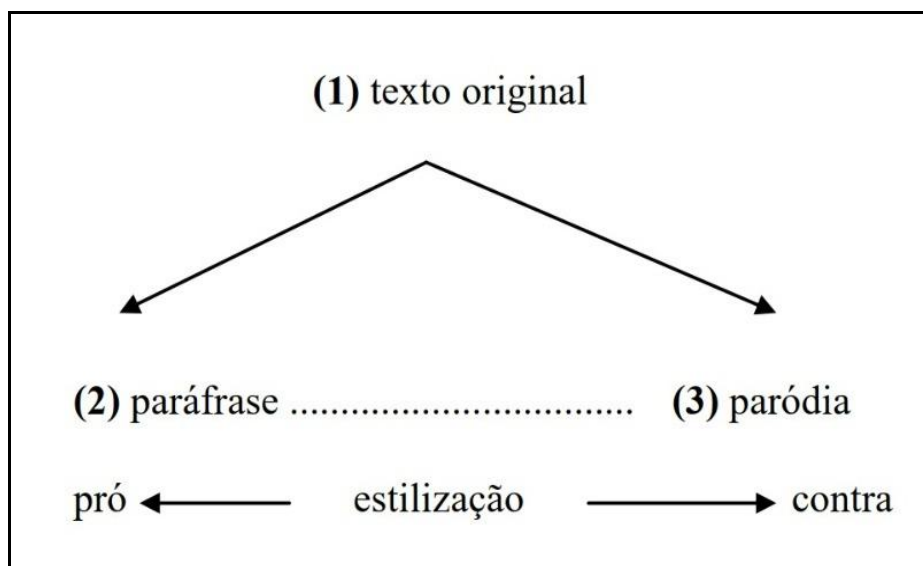
Com essa divergência entre continuidade e descontinuidade, o autor instaura dois eixos - parafrástico e parodístico - que têm a estilização como confluência. No polo da paráfrase, predominam as semelhanças e o deslocamento é mínimo, porque o desvio busca a concordância com os sentidos elaborados no texto-fonte; e, no polo da paródia, prevalecem as diferenças e as modificações do texto parodiado.

Por sua vez, a estilização, conceito acrescentado por Affonso Romano de Sant’Anna (2007), alarga o deslocamento em relação à frase, mas não contradita o sentido original. Ela está no meio-termo. Considerando-se que a paráfrase é o menor desvio do texto-fonte, a estilização é o “desvio “tolerável” e a paródia é o “desvio total” ou mais radical (p. 38). Assim, para o autor, a paráfrase resulta das alterações sintáticas mínimas; a estilização recria o texto a partir de estilo diferente do original, mas preservando os sentidos; a paródia ocorre na mudança de sentidos do texto-fonte.

Por fim, temos a apropriação - termo postulado por Sant’Anna (2007) e inexistente em outros quadros teóricos classificatórios de intertextualidade. Tal categoria é definida como a bricolagem de textos de outros locutores - uma espécie de cortes e colagem de produções alheias. Para ilustrar, podemos pensar nas técnicas utilizadas no movimento artístico Cubismo,

o qual utilizava fragmentos de materiais cortados e colados para resultar em uma obra/novo texto. Podemos visualizar a polarização proposta por Sant’Anna (2007) a seguir:

Quadro 4 - Primeiro modelo de Sant’Anna (2007)



Fonte: Sant’Anna (2007, p. 36).

Da proposta de Sant’Anna, mantemos somente a distinção entre paráfrase e paródia, que será enriquecida com outros critérios constitucionais sugeridos pelos outros autores já mencionados aqui.

3.2.3 A proposta de Nobre (2014)

Nobre (2014) delinea o seu próprio conceito do fenômeno intertextual e estabelece parâmetros e critérios que organizam os diversos tipos de intertextualidade, distanciando o conceito do fenômeno de outros, como de interdiscursividade, polifonia, heterogeneidade, conhecimento enciclopédico e dialogismo.

Em seu trabalho, utiliza Genette (2010) e Piégay-Gros (2010) como base para sua proposta, considera a intertextualidade como “uma estratégia de textualização” (p. 13) e postula que essa estratégia ocorre por meio de dois critérios. Em relação ao primeiro, o autor chama de critério da **consciência**, e defende que o locutor, ao lançar mão dos processos intertextuais na elaboração de seus textos, tem total percepção de que está lidando com um texto produzido anteriormente.

Na Linguística Textual com a qual lidamos, não buscamos dar conta da intenção do autor. Além disso, seguindo o ponto de vista dialógico bakhtiniano, um enunciado nunca será

completamente novo, e o enunciador nunca será o único dono do seu dizer, dado que o locutor produz texto com base em textos produzidos anteriormente. O fato é que o locutor planeja o seu texto visando a influenciar o outro, por isso o sujeito acredita ter o controle do seu dizer. Contudo, além do seu “dizer”, há em seu discurso um atravessamento de vozes, das quais o sujeito não tem total consciência e as quais não pode controlar.

Na tecnodiscursividade, as ações são - ao mesmo tempo - tecnológicas e linguageiras, o que nos leva a compreender que certas ações geradas pelas máquinas e sem nenhuma intenção humana envolvem processos intertextuais. Como ocorre nos textos produzidos a partir de rastros captados pelos algoritmos, o indivíduo demonstra interesse em algum conteúdo específico e, logo em seguida, anúncios publicitários aparecem nas suas redes sociais oferecendo o conteúdo buscado. Dessa forma, não aceitamos o primeiro critério postulado por Nobre (2014).

Sobre o segundo critério, o autor nomeia como **materialização (inter)semiótica**, ou seja, o cotexto - aquilo que é visto na materialidade do texto e que revela as relações intertextuais por marcas explícitas e implícitas. Admitimos este critério por acreditarmos que a intertextualidade é, justamente, a marcação revelada no texto das relações entre textos retomados. Essas marcações podem ser evidentes, como nos casos de citação, paráfrase, transposição, ou podem ser por pistas e insinuações, como nas alusões.

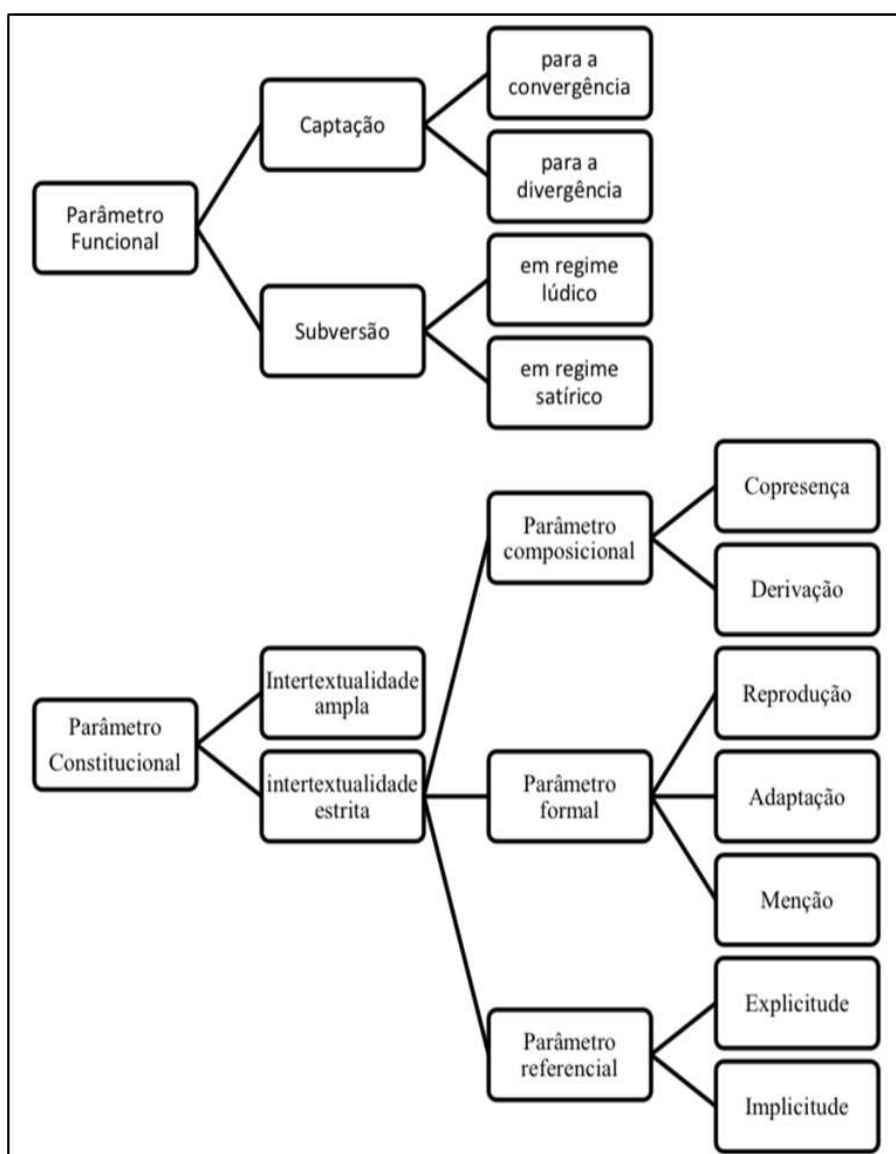
O autor sugere que a intertextualidade seja analisada por diferentes aspectos, com o objetivo de que esses novos parâmetros contemplem todos os fenômenos intertextuais. O primeiro **parâmetro é o funcional**, que diz respeito ao grau de aproximação ou de desvio entre o texto intertextual e o texto-fonte. Neste parâmetro, a intertextualidade pode se dar com a finalidade de: i) captação - para a convergência ou divergência - em que partes do sentido do texto-fonte é conservado; ou de ii) subversão, em que o sentido do texto-fonte é desviado para cumprir um propósito lúdico, crítico ou depreciativo.

No segundo parâmetro, **o constitucional**, a relação ocorre entre textos específicos ou entre um conjunto específico de textos e investiga os diversos processos intertextuais descritos pela Linguística Textual. O autor defende que, se essa relação se der entre dois textos (o texto-fonte e o texto intertextual), devemos tratar como intertextualidade estrita, mas, se for a retomada de mais de um texto, devemos denominar de intertextualidade ampla. Essa postulação de Nobre (2014) foi o ponto de partida da proposta de Carvalho (2018).

O viés constitucional amplo não apresenta subcategorias, enquanto que, no estrito, os processos podem ser vistos mediante três critérios: um composicional, um formal e um referencial. O primeiro define se as relações intertextuais ocorrem por copresença ou derivação

- seguindo o modelo conceitual de Piégay-Gros (2010). A copresença é a remissão a fragmentos de um outro texto, sem alterar a forma ou conteúdo, como ocorre nas citações. Na derivação, temos a “transformação” do texto-fonte gerando um novo texto, como é o caso das adaptações de romances em peças teatrais, havendo alteração na forma. O viés formal estabelece três modos de retomar o texto-fonte: por reprodução, que é o caso das cópias literais, sem alterações sintáticas; por adaptação, quando temos alterações nas estruturas sintáticas do texto original, mas conservando o sentido do texto-fonte, que é o caso da paráfrase; e, por menção, nos casos em que um texto é evocado por meio de referências e alusões. O último viés, o referencial, está relacionado ao grau de explicitude ou implicitude do nome do autor do texto-fonte. O redimensionamento proposto por Nobre pode ser sintetizado pela seguinte figura.

Quadro 5 - Hierarquização dos parâmetros subjacentes às relações intertextuais



Fonte: Nobre (2014, p. 110).

Após a visualização de quadros teóricos e metodológicos a respeito da intertextualidade para o autor, compreendemos que esse fenômeno pode se realizar por meio de processos explícitos e implícitos - mas sempre marcados. Convém exemplificar a concomitância dos parâmetros funcionais e constitucionais, para isso, reproduzimos uma das análises presentes na tese de Kennedy Nobre (2014).

O exemplo a seguir traz um artigo, de 2014, publicado no jornal cearense *O Povo*, na seção “Confronto de ideias”, em que foram convidados dois articulistas para defender opiniões divergentes a respeito de uma temática polêmica e o tema abordado em (10) é sobre um projeto de melhoria de mobilização urbana da Prefeitura de Fortaleza que objetiva transformar a Praça Portugal em um cruzamento de vias. As respostas publicadas partiam da questão “Este é o melhor projeto para a área?” e carregavam como título os termos “Sim” ou “Não”, conforme o ponto de vista assumido pelo autor.

FIGURA (10) – “Confronto de ideias”, do jornal *O Povo*

Sim

Escrever sobre o projeto da nova Praça é um pouco como Prometeu desafiar os deuses do Olimpo da opinião pública cearense. Todos os dias algum destes deuses vai vir comer um pedaço do meu fígado. Vou logo avisando que meu fígado não anda lá com a bola toda. A Praça Portugal de hoje é uma das coisas mais equivocadas que esta cidade já produziu. Um monumento à ditadura dos carros. Se Caymmi passasse nela, diria que “quem gosta dela é ruim da cabeça ou doente do pé...” A Praça nasceu dos donos dos loteamentos, que resolveram dividir em quatro lotes iguais. Daí surgiu a rotatória como uma solução viária que exige a combinação de atributos (largura e raio de curva da via, velocidade média, faixas de tráfego, acesso e saída) que estão fora de sintonia no atual desenho da Praça. Isso produz conflitos no tráfego. Impossibilidade de acesso ao pedestre. Enfim, uma solução ingênua para o pequeno volume de tráfego da época. Há quem a defenda como componente da memória urbana. Que memória é esta? A memória social é uma construção. Cada povo pode escolher e ‘resignificar’ o que considera importante. E o que há de importante ali? Quem tem saudades da Praça do Ferreira da época da ditadura? Essa praça é até pior do que aquela. Em todos os aspectos. A área acessível atual dedicada a pedestres não chega a 1.500 m² hoje (são as áreas periféricas, fragmentadas com inúmeros bloqueios e praticas onde estão bancas de revista). A proposta atual vai multiplicar em cinco vezes a área de uso por pedestres, possibilitando a criação de espaço de convivência e de sociabilidade urbana tão necessários à nossa cidade. Os grupos de opinião que torpedeiam o projeto tem objetivos diversos. Partidos cumprem o papel de criticar, pois a maioria de esquerda que estava no poder, depois de arrasar a educação e saúde, resolveu tomar a si a bandeira do verde de forma quase religiosa. Uma parte da galera cumpre seu papel de desafiar a autoridade, qualquer que seja ela, no que estão certos. Os limites são impostos pela autoridade, que, seja qual for, inclusive a paterna, é em geral careta. Acho esta barulheira muito legal. Afinal, mais do que debater obras, estamos aprendendo a pensar processos (sic).

Fonte: Nobre (2014, p. 113 - 114).

O texto ilustrado é do professor doutor em sociologia Paulo Linhares, o qual se posicionou a favor da mudança e, para enriquecer sua argumentação, lança mão de recursos intertextuais. O ponto de partida é a referência ao mito grego de Prometeu, a divindade que roubou o fogo dos deuses e o entregou à humanidade. Tal atitude despertou a ira de Zeus, que acorrentou o titã no alto de uma montanha para que seu fígado fosse bicado todos os dias por uma enorme águia. À noite, o órgão se regenerava e, no dia seguinte, o pássaro voltava para devorá-lo novamente.

Segundo Nobre (2014), observando o encontro dos parâmetros no exemplo (10), no parâmetro funcional, tempos a função de subversão, pois há um desvio da história mitológica para cumprir um propósito lúdico, visto que não satiriza e ridiculariza o texto original, mas é feita uma comparação entre o autor e o personagem Prometeu. No parâmetro constitucional, nota-se o ponto de encontro entre o texto do jornal *O Povo* e o *Mito de Prometeu*, instaurando-se uma intertextualidade estrita, sobre a qual desdobram-se outros três critérios. No composicional, constata-se a copresença, visto que o autor do artigo inicia seu texto por menção a fragmentos de um texto anterior. Essa copresença se materializa por meio do critério formal de menção ao referente Prometeu e da ação de devorar o fígado. Por fim, o referencial direciona-se à explicitude, por efeito da menção ao nome próprio do titã grego, o que leva o leitor a acessar o mito na sua memória discursiva. Observemos a figura que sintetiza a convergência dos parâmetros no texto (10):

Quadro 6 - Identificação de parâmetros intertextuais nas alusões do artigo Sim

Parâmetro funcional	Captação	Para a convergência	
		Para a divergência	
	Subversão	Em regime lúdico	
		Em regime satírico	
Parâmetro constitucional	Intertextualidade ampla		
	Intertextualidade estrita	Parâmetro composicional	Derivação
			Copresença
		Parâmetro formal	Reprodução
			Adaptação
			Menção
		Parâmetro referencial	Explicitude
			Implicitude

Fonte: Nobre (2014, p. 115).

No quadro (6), o autor evidencia os parâmetros e critérios utilizados no artigo *Sim* através da cor cinza. Resumindo, no parâmetro funcional, temos subversão em regime lúdico. No parâmetro constitucional, a relação é estrita por copresença e realizada por menções explícitas.

Nobre (2014) realizou seu objetivo de separar a intertextualidade de outros conceitos e perpassou todos os quadros classificatórios das intertextualidades, estabelecendo parâmetros que nos levam a compreender melhor o funcionamento do fenômeno enquanto recurso textual.

Além disso, Carvalho (2018) tomou como ponto de partida a distinção qualitativa para intertextualidades estritas e amplas, de Nobre (2014), e propôs que a relação pode se dar entre dois textos (estritos) ou entre um conjunto de textos que possuem determinada semelhança, seja conteudística ou formal. Entretanto, há, nesses estudos, lacunas a serem preenchidas a respeito da intertextualidade, especialmente a que ocorre em textos multimodais, sobretudo os que são produzidos e divulgados digitalmente.

No item seguinte, abordaremos os estudos intertextuais mais atuais que tomam como largada os processos classificatórios de Genette (2010) e exploram os conceitos de estrito e amplo, com o enfoque na tese de Ana Paula Carvalho (2018), para a qual examinaremos os processos intertextuais estritos e amplos por meio de uma abordagem pós-dualista.

3.3 Intertextualidades estritas e amplas

Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) entendem a intertextualidade como um fenômeno textual-discursivo que abrange as relações entre textos, gêneros e estilos. Para as autoras, a intertextualidade poderia ser dada por remissões de diversos tipos (léxico, estruturas fonológicas, gênero, estilo, tom, etc.), sendo importante “a copresença de textos, parâmetros genéricos ou de estilo(s) de autor(es), que pode ou não ser reconhecida pelo interlocutor” (p. 12).

Embora recentes estudos sobre intertextualidade estejam amparando os diversos tipos de retomada entre textos mediante diversos aspectos, novas pesquisas ainda não foram pensadas dentro do ambiente digital, por isso tratam da materialidade que flagra as remissões a textos específicos ou a contextos determinados. Levando em conta o conceito de compósito, de Paveau (2021), assumimos uma postura pós-dualista frente aos novos tipos de texto produzidos digitalmente, a fim de contemplarmos o hibridismo entre o linguístico e os recursos técnicos.

Acerca dos avanços conceituais da intertextualidade na Linguística Textual, temos a tese de Carvalho (2018), pilar da classificação que adotamos, a qual defende que, quanto à natureza do fenômeno, a intertextualidade se subdivide em duas formas distintas: estrita e ampla, as quais podem coexistir em um mesmo texto.

A intertextualidade **estrita** diz respeito à copresença de um texto em outro, isto é, a inserção efetiva de partes do texto-fonte no texto intertextual. Também é dada pela derivação ou pela transformação de um texto específico ou de partes dele em outro. Reorganizando a proposta de Genette (2010), que é abrangente e complexa, Carvalho (2018) define como estritas as relações de copresença, como a *citação literal*, o *parafraseamento* e a *alusão*; as relações de derivação ou transformação, como a *paródia* e a *transposição*.

Além das relações de derivação mencionadas, a autora admite um subtipo: a *metatextualidade*, que inclui a relação de *comentário/crítica/avaliação* de um texto a outro:

Dito isso, no bojo das categorias de derivação que estamos propondo como reagrupamento, figuram: paródia (A < B, transformando-o com traço de humor); transposição (A < B, alterando-lhe a forma, sem traço de humor) e metatextualidade (A < B, com a finalidade de comentá-lo, avaliá-lo). Como exemplos de relação metatextual, podemos mencionar as resenhas acadêmicas e os comentários que são feitos em postagens na internet. (CARVALHO, 2018, p. 98).

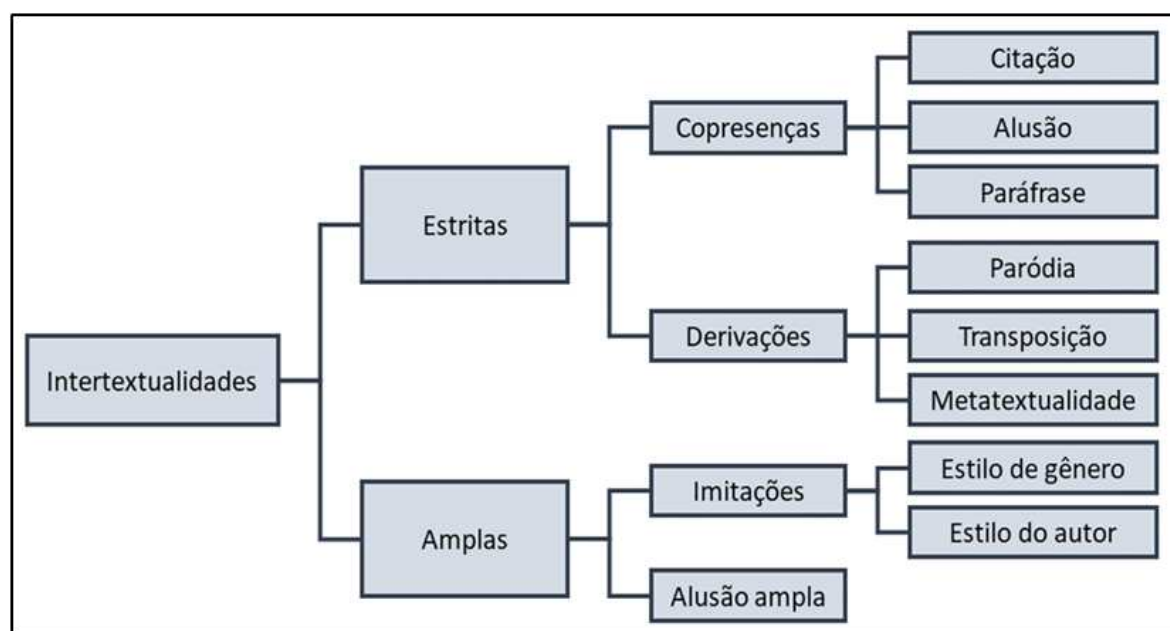
Em outras palavras, a derivação é moldada conforme a presença do traço humorístico ou por sua finalidade de comentário. Na Web 2.0, os comentários, que possuem atributos de crítica e avaliação, aparecem comumente em sites de venda/troca de objetos ou de resenhas de filmes e livros. Para este trabalho, assumimos as distinções definicionais das relações de copresença e derivação, da tese de Ana Paula Carvalho (2018), mas não lidamos com a metatextualidade, visto que nos dedicamos aos ecossistemas Instagram e Twitter (X), e os comentários feitos nas postagens são partes integrantes do mesmo texto quando fazem parte do mesmo evento comunicativo. Quando os comentários compuserem novos textos, defenderemos que se realiza o processo de transposição, como explicado no capítulo 6.

A intertextualidade **ampla**, por não ser uma marca de copresença, é menos facilmente apreensível. Como afirma Carvalho (2018), é

“mais difusa e relativa a conjuntos de textos: por indícios alusivos à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos; ou a uma temática particular divulgada por diversos textos”. (p.81).

Trata-se, portanto, de um diálogo tangível entre um texto e um conjunto de textos, não sendo possível distinguir o texto-fonte a que se recorreu. A autora propõe as seguintes situações para a intertextualidade ampla: *alusões* a textos não particulares e *imitações de gênero e de estilo*. Os casos de imitação são semelhantes aos de pastiche e charge de Genette (2010). Estes processos o autor aborda somente no âmbito literário. Em relação à forjação, apresentada por Genette (2010), Carvalho (2018) a exclui de sua proposta, visto que não encontrou correspondentes não literários. A proposta da autora pode ser visualizada na seguinte figura.

Quadro 7 - Organograma das intertextualidades estritas e amplas, de Carvalho (2018)



Fonte: Cavalcante (2022, p. 385).

Em concordância com Cavalcante (2021), nesta dissertação, assumimos a extensão da alusão ampla para os processos estritos, os quais se criam e se recriam em novos contextos. Além disso, observamos que as definições de Carvalho (2018) seguem atuais e efetivas, contemplando os casos de imitação em ambientes digitais. Portanto, no que diz respeito às intertextualidades amplas, concentramo-nos nas alusões.

A proposta da pesquisadora é direcionada a textos multimodais, por vezes, podendo ser aplicada nas análises de textos digitais nativos. Entretanto, Carvalho (2018) não adotou, em seu trabalho, o pressuposto da tecnodiscursividade, de Paveau (2021). Por isso, julgamos importante explicar e exemplificar como os processos intertextuais - interessantes para esta pesquisa - se comportam para Carvalho (2018), perspectiva de que lançaremos mão para trazer um aprofundamento, pensando nos aspectos técnico e discursivo dos tecnotextos.

No tocante aos processos pertencentes às intertextualidades **estritas**, quando um texto incorpora parte de outro texto, por meio de uma transcrição literal indicada por marcas tipográficas (aspas, itálico, dois pontos, verbo dicendi, recuo da margem), estamos diante de um caso de citação. Como mostra o exemplo a seguir, de Carvalho (2018):

FIGURA (11) – Citação de Bakhtin

“Onde não há texto não há objeto de pesquisa nem pensamento” (BAKHTIN, 2011, p. 307).

Fonte: Carvalho (2018, p.86).

A autora abre sua tese com uma citação de Bakhtin (2011) e a utiliza para exemplificar o protótipo mais conhecido deste processo intertextual, que está marcado por aspas e acompanhado da referência do texto-fonte.

Além do exemplo mais convencional (11), podemos encontrar citações sem marcas quando reproduzem textos - convencionados em uma determinada comunidade - cuja autoria pode ser facilmente reconhecida, mesmo sem estar explícita (CAVALCANTE, BRITO E ZAVAM, 2017, p. 111-112). As autoras demonstram o caso com um excerto da fábula de Millôr Fernandes, que reproduzimos abaixo:

FIGURA (12) – Fábula de Millôr Fernandes

O fim da miséria umana-hurbana

O cabelo esvoaçando à brisa fresca do Corcovado, o Cristo de pedra chorava. Um milagre? Uma andorinha, só, parou.

- Eu estava por aí - disse ela pro Cristo -, mas, como uma andorinha só não faz verão, vou indo pro Norte. Alguma coisa que eu possa fazer pra interromper teu pranto? [...]

Fonte: Cavalcante, Brito e Zavam (2017, p. 112).

No trecho da fábula (12), há uma citação ao ditado popular: “uma andorinha só não faz verão”, porém, o autor não se preocupa em destacar o texto citado por, possivelmente, acreditar que o provérbio faz parte do conhecimento compartilhado da sociedade, logo não deixa de ser citação por não estar marcado.

A paráfrase, por sua vez, é a retomada não literal de um outro texto, com a utilização de termos e expressões do autor do texto “novo”, podendo ter o objetivo de esclarecer o texto-fonte. Vejamos o exemplo de Carvalho (2018):

FIGURA (13) – Paráfrase em obras acadêmicas

“Aqui é necessário exaurir didaticamente esses dois elementos que se polarizam a ponto de podermos dizer que mais do que paródia e paráfrase estamos diante de dois eixos: um eixo parafrásico e um eixo parodístico. [...] Em contraposição, se poderia dizer que a paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. [...]”. (SANT’ANNA, A. Paródia, paráfrase e cia. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 28-29).

“O autor propõe que se fale não de paráfrase e de paródia, mas de eixo parafrástico e eixo parodístico. O eixo parafrástico se colocaria ao lado do idêntico, não traria novidades à língua [...]”.

KOCH, I.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M. Intertextualidades: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007. p. 20.

Fonte: Carvalho (2018, p.91).

Em (13), temos duas citações: a primeira citação corresponde à obra de Sant’Anna (1998) e a segunda à obra *Intertextualidades: diálogos possíveis* (2007). Na primeira, o autor menciona sobre o eixo parafrásico e eixo parodístico, dedicando-se a explicar o primeiro. Na segunda citação, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) parafraseiam a explicação de Sant’Anna (1998). Perceba-se que há modificações na forma com um interesse de preservar o conteúdo original.

Segundo Carvalho (2018), o último processo de intertextualidade estrita por copresença é a alusão, a qual se manifesta por pistas contextuais e recupera conhecimentos compartilhados entre membros de uma dada comunidade. Por ser um processo menos marcado, requer maior captação e entendimento do interlocutor para que o sentido seja plenamente recuperado. Por esta razão, Brito, Falcão e Santos (2017) afirmam que “a alusão é erudição, é a exibição de um saber” (p. 34), pois nem sempre será reconhecida, gerando a sensação de não pertencimento ao grupo que compreendeu todo o sentido do texto. Este processo pode ser ilustrado com o seguinte exemplo, de Carvalho (2018):

FIGURA (14) – *Que horas ela volta?* (2015)

Fonte: Carvalho (2018, p.87).

Em (14), temos a imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff com a atriz Camila Márdila segurando um cartaz com a frase: “Democracia que horas ela volta?”, aludindo à produção cinematográfica brasileira *“Que horas ela volta?”* (2015), escrito e dirigido por Anna Muylaert. O filme conta a história de uma pernambucana chamada Val (Regina Casé), que se mudou para a cidade de São Paulo com o objetivo de conseguir um emprego para dar melhores condições de vida à sua filha Jéssica (Camila Márdila). Por inseguranças quanto à nova vida, Val deixou a menina no interior de Pernambuco e, por falta de recursos, a mãe ficou alguns anos sem conseguir voltar à cidade natal para rever a filha, o que motiva o título do filme.

Outro elemento importante para a compreensão da figura (14) é a respeito do impeachment da primeira mulher presidenta do Brasil. Em 2015, Eduardo Cunha (presidente da Câmara dos deputados) admitiu a denúncia de crime de responsabilidade oferecida contra a presidenta, a qual acusava Dilma Rousseff de infringir a lei orçamentária e a lei de improbidade, como também supunha envolvimento em atos de corrupção na Petrobras. Entretanto, muitos juristas contra-argumentaram as acusações, afirmando que não havia justificativa plausível para o impeachment, visto que as “pedaladas fiscais” não poderiam ser qualificadas improbidade administrativa e que não existiam provas do envolvimento de Dilma em práticas de corrupção.

Retornando à figura (14), a alusão - por meio da frase do cartaz e pelo acréscimo da palavra "democracia" - retoma implicitamente o impeachment de Dilma Rousseff, que, mesmo sem provas, teve seu mandato cassado em agosto de 2016. Tal processo foi rotulado

como “golpe antidemocrático” pelos apoiadores da ex-presidenta e, por essa razão, a dúvida em relação a que horas a democracia voltará ao país, expressa pela frase do cartaz. Portanto, para a compreensão da figura (14), o interlocutor precisa ter um conhecimento prévio sobre o filme brasileiro e sobre a situação política do Brasil, no ano de 2016. Sem isso, não será possível recuperar todos os sentidos presentes no texto, o que pode gerar um sentimento de constrangimento por leiguice frente aos conteúdos abordados.

No que diz respeito às intertextualidades estritas por derivação, elas se subdividem em dois casos: transposição e paródia. A transposição se refere aos textos que se apropriam de um texto-fonte para retextualizar seu conteúdo, havendo apenas “uma adaptação de um sistema semiótico para outro” (CAVALCANTE, 2021, p. 182). Por exemplo: adaptações de romances e HQs para longas-metragens e séries. Para as tecnodiscursividades, no capítulo 6, demonstramos que o processo intertextual de transposição pode ser flagrado pelos movimentos de “compartilhamento”, recurso que liga o linguístico e o tecnológico, nas mídias digitais.

A paródia corresponde às transformações - com desvios na forma ou no conteúdo - do texto-fonte, que apresenta traços de humor para propósitos diversos. Distanciando-se da proposta genettiana, concordamos com Carvalho (2018), que não assume a distinção formal entre o lúdico e o satírico, pois, a depender da bolha a qual o grupo pertencente, pode haver um entendimento sobre o caráter de sátira/crítica/rebaixamento ou lúdico/jocoso. Reproduzimos, a seguir, uma das análises da autora demonstrando essa discussão:

FIGURA (15) – *O grito* com o peso da balança



Fonte: Carvalho (2018, p. 95).

Em (15), do lado esquerdo está o quadro *O Grito* (1893), de Edvard Munch. No plano central da obra, está uma figura andrógina, imersa em um momento de profunda angústia e desespero e, no plano de fundo, temos a doca do fiorde ao pôr do sol, em Oslo. Do lado direito, a pintura é parodiada por uma imagem de alguém atormentado por seu peso na balança. Carvalho (2018) comenta que este processo é comum nas redes sociais em anúncios publicitários e posts com memes, entretanto, não aponta quais ferramentas técnicas são utilizadas para a materialização da paródia. Reconhecemos que a explicação da autora dá conta dos casos de paródia na tecnodicursividade e indicamos os recursos tecnológicos manuseados para a elaboração e divulgação do texto intertextual.

Diferentemente das intertextualidades estritas, em que é possível recuperar de qual texto-fonte foi feita uma remissão direta, indireta ou uma transformação, nas intertextualidades **amplas**, o traço intertextual não se dá pela retomada de um texto específico, mas de um conjunto de textos ou de conhecimentos compartilhados e cristalizados em uma determinada cultura. Logo, as relações são mais imprecisas e se fundamentam em três tipos: imitação de gênero, imitação de estilo e alusões amplas. Para esta pesquisa, abordaremos apenas o último tipo.

Segundo Carvalho (2018), a alusão ampla ocorre por meio de “referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não apontem para um texto específico, estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros” (p. 120). Apesar de semelhante ao pressuposto do dialogismo bakhtiniano, a distinção existe porque, para a consideração da intertextualidade ampla, é imprescindível marcar os textos ou os conhecimentos retomados, o que não é condição para a ideia de dialogismo. Vejamos o exemplo da autora:

FIGURA (16) – Companhias aéreas: TAM e GOL



Fonte: Carvalho (2018, p. 122).

O texto é um anúncio publicitário da companhia aérea GOL. Na modalidade verbal, do lado esquerdo, lemos a frase “Você pode voar assim”, seguido das posições de assentos “7A8A” sobrepostas, expressando a ideia de aperto e desconforto. Do lado direito, está: “Ou voar de GOL” e, novamente, os números de assentos “7A8A”, mas com um espaçamento maior entre as letras e os números, gerando a sensação de local espaçoso e confortável para viajar. Além da disposição e espaçamento das letras, o anúncio é dividido ao meio através das cores: o lado das poltronas apertadas é vermelho, azul e branco, cores da companhia aérea LATAM; o lado das poltronas confortáveis é cinza, laranja e branco, cores da GOL.

Compreendemos, com a autora, que os elementos verbais e visuais aludem à tese de que os aviões mais agradáveis para viajar são os da GOL. Apesar de a companhia aérea não ter mencionado o nome da sua concorrente ou ter exposto imagens mostrando que as poltronas de seus aviões são melhores que as da LATAM, a construção de sentidos sucede de insinuações feitas - através dos enunciados, espaçamentos das letras e cores - e do conhecimento sociocultural acionado para recuperar os sentidos.

Reiteramos a importância do trabalho de Carvalho (2018) para o redimensionamento das categorias definidas por Genette (2010) e para a discussão teórica do fenômeno intertextual para além do critério formal, pois, como argumenta a autora, a intertextualidade pode ser definida através do caráter funcional e contextual. Além disso, a teórica não se limitou aos textos literários, sugerindo que as categorias dessem conta de textos multissemióticos e de variados gêneros para atingir diversos propósitos comunicativos. De

nossa parte, o que buscamos é, em primeiro lugar, explicar como as intertextualidades se manifestam no ambiente digital, em que as ferramentas tecnológicas são partes integrantes do texto.

Desse modo, no capítulo 6, assumimos um posicionamento pós-dualista para a compreensão do fenômeno de intertextualidade e para a análise dos processos estritos e amplos a partir do hibridismo entre o linguístico e o técnico.

4. TECNODISCURSIVIDADE

“É por isso que todo texto é dialógico, porque se presume que, nessa interação, existe um sujeito (**humano ou não**) implicando na ação de enunciar [...]”

(CAVALCANTE *et al.*, 2022, p.16).

Nos capítulos anteriores, discutimos as noções da Linguística Textual que são essenciais para nossa pesquisa e, posteriormente, apontamos a forma como nos posicionamos diante dos inúmeros processos intertextuais propostos por estudos dualistas. Refletimos, assim, até o momento, sobre o fenômeno da intertextualidade concebido no contexto pré-digital e discernimos as categorias que vamos manusear para tratar a intertextualidade sob uma perspectiva pós-dualista. Neste capítulo, acreditamos ser pertinente apontar os verbetes da analista do discurso Marie-Anne Paveau, que utilizamos efetivamente neste trabalho - a saber: **compósito, tecnodiscurso relatado, hashtag e algoritmo** - ao pontuarmos caráter intertextual das ferramentas tecnológicas e analisarmos textos nativos digitais.

Recapitulando, nesta pesquisa, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da atual Linguística Textual, fazendo interface com a Análise do Discurso Digital, apoiamo-nos, para isso, na definição de tecnodiscurso, de Paveau (2021), mas decidimos utilizar o termo “tecnotexto” para tratar das produções que emergem dos/nos contextos digitais. Utilizamos apontamentos da obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (2021) - abordados neste capítulo - para incorporar a tecnodiscursividade à categoria analítica da LT: a intertextualidade, a fim de compreendê-la de acordo com as propriedades da Web 2.0.

Em seu dicionário, Marie-Anne Paveau (2021) tece críticas aos inúmeros trabalhos científicos que tratam o estudo da linguagem conforme uma perspectiva pré-digital, mesmo com o advento da Web 2.0. Para a autora, as Ciências da Linguagem precisam se apropriar das ferramentas tecnológicas e dos novos meios de produzir texto para criar mecanismos que contemplem epistemologicamente as relações digitais e elaborar um aparato teórico-metodológico eficaz para analisar as produções nativas digitais.

Latour (2013), contrariando a abordagem assimétrica assumida pela Ciências ao longo de muitos anos, tenta superar o abismo entre o “homem” e os “objetos”. O autor defende a premissa de uma perspectiva simétrica que estabelece uma igualdade de tratamento entre o “humano” e as “coisas”, os quais se misturam incessantemente e são resultados dessas trocas

de particularidades entre os seres “humanos” e os “não-humanos”. Logo, não há elementos puros e separados em esferas, mas há elementos híbridos de quase-objetos, visto que não ocupam totalmente e exclusivamente nem a posição de objeto e nem a de sujeito.

É nesse contexto de desconforto diante das dicotomias e dualismos presentes nos estudos das Ciências Sociais, que Latour (2012) defende que os atores sociais vão além dos humanos, porque incluem tudo aquilo que age e produz efeito no mundo, afinal, “os objetos também agem” (p. 97) e, por este motivo, “as coisas também têm direito à dignidade de serem textos” (LATOURE, 2013, p. 89).

Primordialmente, segundo o viés pós-dualista, não há como as Ciências da Linguagem manterem seus estudos entendendo a linguagem desvincilhada dos artefatos tecnológicos, mas reconsiderarem seus conceitos admitindo que a interação é elaborada por meio das ações humanas e não humanas, as quais exercem influência mútua na elaboração das atividades humanas.

Diante disso, Paveau (2021) desenvolve o conceito de **compósito**, entendido como o linguístico imbricado com os recursos técnicos fornecidos pelas mídias digitais. Para a autora, o linguageiro concerne às linguagens em diversas semioses e o técnico às ferramentas de ação digitais, como: os botões de compartilhamento, de retuíte, de postagem, de curtida, etc. Ao estudarmos a linguagem, não podemos escolher nos dedicar aos elementos linguísticos em detrimento dos elementos técnicos. Nos textos nativos digitais, o sentido é elaborado mediante o hibridismo da matéria linguística e não linguística/tecnológica em um contexto sócio-histórico e digital.

Neste trabalho, assumimos a definição de compósito e tratamos os textos em sua integralidade, seguindo a concepção pós-dualista que prevê o hibridismo de todos os elementos que estão em contexto. Para isso, entendemos que todos os textos são multissemióticos e colocam em prática, simultaneamente, os diversos tipos de semioses que produzem efeitos de sentido em totalidade. Com a expansão da interação em ambientes digitais, percebemos os recursos técnicos como partes integrantes do texto, uma vez que produzem efeitos de sentido através das semioses imagética, sonora e tátil.

Para formular seus pressupostos pós-dualistas e atribuir o traço de “relacionalidade” à tecnodicursividade, Paveau (2021) assume que bebe de fontes dualistas, assim como o fazemos nesta pesquisa. A autora defende que todos os textos digitais nativos estão interligados de maneira técnica e “qualquer enunciado on-line é materialmente relacional” (p. 311). Paveau admite que tal propriedade convoca noções como intertextualidade ou dialogismo. Entendemos essa aproximação com o pressuposto do dialogismo, o qual compreende que os enunciados se

conhecem e se refletem mutuamente.

Entretanto, não concordamos com a autora na afirmação de que os processos intertextuais só existem se forem estabelecidos ou reconhecidos por humanos, já que, para nós, o locutor manipula os processos intertextuais mediante os recursos digitais e, com isso, podemos evidenciar o hibridismo humano-máquina. Além disso, importa admitir que, caso um dado interlocutor não recupere todos os sentidos do texto intertextual, outro poderá recuperar. Logo, a existência da intertextualidade não mais depende exclusivamente da criação do homem e da percepção de um interlocutor, e esta é uma constatação relevante de nossa pesquisa. Observamos que, para o analista do discurso, a intertextualidade é tratada na mesma dimensão dialogismo, mas, para a Linguística Textual, a intertextualidade não se resume ao pressuposto de que os textos dialogam, pois nos é cara a ideia de que as evidências desse diálogo intertextual devem ser flagradas, de modo a que se possa mostrar que a intertextualidade se faz entre textos específicos (de modo estrito) ou entre textos dispersos (de modo amplo).

Portanto, os tecnotextos, assim como os textos produzidos fora do ambiente digital, lançam mão de textos produzidos anteriormente, e a marcação do ponto de encontro dessas produções nós chamamos de intertextualidade.

Em Paveau (2021, p. 315), encontramos o termo **tecnodiscurso relatado** para designar a transferência de “um discurso de um espaço digital nativo fonte para um espaço digital nativo alvo, por meio de um procedimento automatizado de compartilhamento”, e esse ato de compartilhar pode se dar de diferentes maneiras nas mídias digitais, majoritariamente, mediante tecnossignos. Embora o principal traço do tecnodiscurso relatado seja o ato de compartilhar conteúdos, a autora prefere não ousar postular uma nova categoria com o termo “compartilhamento” devido ao sentido polissêmico da palavra.

O tecnodiscurso relatado se realiza por meio de alguns procedimentos, como os cliques em botões direcionadores, que transferem o texto citante a outro local da Web 2.0, transformando-se em um texto citado. Por exemplo, no Twitter (X), enviamos um tuíte ao *story* do Instagram, onde podemos fazer comentários, adicionar *gifs*, dar localização, mandar músicas, entre outros elementos fornecidos pelo ecossistema. Discutiremos, no capítulo 6, se a relacionalidade advinda dessas ações configura casos de citação (uma copresença) ou de transposição (uma derivação).

Outro modo de tecnodiscurso relatado é o da captura de tela, que funciona como uma fotografia do que está sendo transmitido no celular, computador ou tablet, e o compartilhamento ocorre pela publicação da “fotografia”. Compreendemos que este modo de compartilhamento se vale de recursos diferentes dos supracitados neste capítulo, motivando a

necessidade da distinção entre o recurso tecnológico e o digital, antes de focarmos no terceiro modo de compartilhamento do tecnodiscurso relatado.

Paveau considera como tecnodiscurso todos os textos produzidos e veiculados na Web 2.0 e inclui a captura de tela. Todavia, defendemos que as interações digitais precisam, necessariamente, fazer uso da rede de internet, ao passo que os recursos tecnológicos são mecanismos funcionais que visam a facilitar o serviço do indivíduo ou ampliar seus sentidos. Por essa especificação, entendemos que a captura de tela deva ser considerada como um aparato tecnológico fornecido pela máquina e que é uma ação languageira que envolve não apenas o recurso ao print, em si, mas a ação subsequente de disseminar a captura em um texto em que ela possa ser citada.

Além dos modos de funcionamento, os tecnodiscursos relatados têm diferentes maneiras de se materializar (o relatado direto integral, o resumidor e o repetidor), as quais não são bem delimitadas por Paveau (2021), e esta imprecisão interfere na demonstração do fenômeno.

A primeira maneira é denominada de “relatado direto integral” e refere-se ao compartilhamento de conteúdos, com comentários ou não, de um ecossistema a outro ou de uma função a outra dentro do mesmo ecossistema. Observemos no exemplo a seguir.

EXEMPLO (1) – Print do retuite de Lula



Fonte: @LulaOficial. Disponível em:

<https://twitter.com/janjalula/status/1614975664125353985?s=46&t=gGAlv6CU6Htd9v9OFZjXPA>.

Acesso em 18 jan. de 2023.

No exemplo (1), se nos pautarmos pelo que diz a autora francesa, temos o discurso relatado direto integral com e sem comentário simultaneamente. Em nossos termos, teríamos um caso de citação típica. A primeira publicação, que foi o tuíte do perfil @tesoureiros, pede ajuda aos seus seguidores para encontrar os envolvidos nos atos terroristas contra Congresso, Planalto e STF, no dia 08 de janeiro de 2023. O segundo movimento, que produziu um outro texto, foi o retuíte com comentário de @JanjaLula, que mencionou a postagem primeira e a ela acrescentou a informação de que os homens fotografados entraram no gabinete presidencial. O terceiro movimento foi o texto que estamos analisando no exemplo (1): um o retuíte do presidente Lula na publicação da Janja, transferindo o conteúdo do @tesoureiros e @JanjaLula para o seu perfil @LulaOficial. Entendemos que, no exemplo analisado, há o compartilhamento

integral do conteúdo relato e “o conjunto de seus metadados” (PAVEAU, 2021, p. 320), movendo-o de um contexto a outro por meio de um clique.

O resumidor diz respeito ao compartilhamento não de conteúdos, mas de endereços, URL ou links clicáveis que exercem a função de resumo. Paveau (2021, p. 320) defende que este procedimento é diferente da inserção de um link hipertextual que leva o interlocutor a acessar novos caminhos, deslinearizando a sua leitura, ou seja, o tecnodiscurso relatado resumidor compartilha um conteúdo próprio e não encaminha para um outro conteúdo-alvo.

No entanto, compreendemos o link isoladamente como uma ponte de acesso a um conteúdo integral e não como um resumo deste conteúdo. Além disso, consideramos que os links hipertextuais - que encaminham o interlocutor a novos acessos - podem ser tecnodiscurso relatado resumidor, visto que exercem a função de resumo, e a leitura nunca é linear.

EXEMPLO (2) – Postagem do Jornal *O Povo*



Fonte: @opovo. Disponível em:
<https://twitter.com/opovo/status/1615684176652427266?s=46&t=gGAlv6CU6Htd9v9OFZjXPA>.
 Acesso em 18 jan. de 2023.

No exemplo (2), temos a publicação do jornal *O Povo*, em seu Twitter (X), com a manchete “Greta Thunbert é detida após protesto contra mina de carvão na Alemanha”. Em seguida, temos o link de acesso à matéria completa no site do jornal. Ao inserir o endereço, a imagem e a manchete do site ficam visíveis no tuíte, e o interlocutor decide se, com um clique, acessará a matéria completa. Diferentemente do URL de acesso, em que o escritor² digita na área de pesquisa, aqui se abre uma janela com o conteúdo, o qual não consideramos como resumo, mas como uma expansão.

O último é o compartilhamento exato do conteúdo citante, bem comum nos compartilhamentos de captura de tela que transferem “fotografias” idênticas ao conteúdo citante em novos ambientes. Segundo Paveau (2021), pode ou não apresentar marcas explícitas de que se trata de um “tecnodiscurso” citante. Entretanto, quando o locutor tem a intenção de esconder essas marcas, o “tecnodiscurso” relatado passa a ser considerado plágio, processo intertextual que não abordaremos na presente pesquisa. Vejamos:

EXEMPLO (3) – Família Boca Rosa



Fonte: @Micamayara e @Suetths Disponível em:

<https://twitter.com/micamayara/status/1615694900376346625?s=46&t=phLTAwE5ozIKoI0EHm3dqQ/>
<https://twitter.com/suetths/status/1616057917618229248?s=46&t=phLTAwE5ozIKoI0EHm3dqQ/>

Acesso em 19 jan. de 2023.

² Segundo Paveau (2021), é o locutor que combina o ato de escrita e leitura, em um movimento dinâmico e simultâneo, em ambiente digital.

Em 2023, Bruno Carneiro, mais conhecido como Fred, aceitou participar do reality show Big Brother Brasil 23. O jornalista já teve um relacionamento com a blogueira e maquiadora Bianca Andrade, que tem como nome artístico Boca Rosa. A participação de Fred ganhou notoriedade no Twitter (X) e gerou alguns apelidos aos integrantes da família construída com Boca Rosa. No terceiro exemplo, o perfil @Micamayara fez um tuíte demonstrando seu carinho à família da Boca Rosa (Bianca Andrade), Boco Roso (Bruno Carneiro) e Boca Juniors (Cris). Sem marcas explícitas, o perfil @Suetths fez um tuíte com a mesma frase e foto, acrescentando apenas um emoji e hashtag (#BBB23) - o que se configura como tecnodiscurso relatado repetidor. Apesar de @Micamayara e @Suetths não terem dado créditos ao primeiro perfil que fez essa publicação, entendemos que a ocorrência não foi considerada socialmente como um plágio, pois o conteúdo viralizou e tornou-se um conhecimento compartilhado. Tornou-se uma prática corriqueira aceitar que os tuítes não são inéditos, mas, sim, copiados de um autor desconhecido, o que, em geral, não resulta em sanção social alguma.

Vale destacar que os apelidos foram construídos por processos intertextuais: o “Boco Roso” parodia o nome artístico de sua ex-esposa, fazendo alusão ampla ao fato de Fred ter ficado popularmente conhecido no Twitter (X) como “marido da Boca Rosa”; a criança é apelidada como “Boca Juniors”, fazendo uma referência ao clube de futebol argentino e uma alusão estrita à profissão do pai, que é jornalista esportivo; e o termo “Juniors” faz alusão ampla à prática brasileira de colocar o sobrenome “Junior” quando o filho tem o mesmo nome do pai, com o objetivo de os diferenciar.

Outro verbete importante para esta pesquisa e que repercute sobre as intertextualidades é o recurso tecnolinguageiro da **hashtag**. Em *Análise do Discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), Marie-Anne Paveau define hashtag como “um segmento linguageiro precedido do signo #” (p. 223) e que converte o segmento linguageiro em um elemento clicável”, ou seja, ao adicionarmos o segmento antes das palavras digitais, a tecnopalavra se torna um clique capaz de nos redirecionar a outros ambientes digitais. Para a analista do discurso, a hashtag tem “traços da natureza compósita” (p. 226), já que tem um segmento linguístico (palavras, frases, siglas, etc.) e um aspecto técnico, por ser clicável. Além disso, pode desempenhar diferentes funções, como:

- i) marcação, que diz respeito ao ato de mencionar seres e eventos através da adoção de hashtags, que também convoca o ser mencionado para ver e reagir ao texto que realizou a marcação;
- ii) redocumentação, que está relacionada à possibilidade de retomada de textos, os quais são agrupados em abas que tratam da mesma hashtag e disponibilizados pelos próprios

ecossistemas;

e iii) rastreabilidade, que concerne às atividades do buscador que permite acessar um conjunto de textos relacionados ao tema procurado ou que utilizam a mesma hashtag.

A primeira função estaria, assim, a nosso ver, ligada ao processo intertextual de copresença por referência; a segunda pode envolver intertextualidades diversas; e a terceira promove uma intertextualidade temática, que pode conter diferentes tipos de copresença (aprofundados no capítulo 6).

O último verbete do dicionário, de Paveau, que atua ativamente nos estudos da intertextualidade, é o de **algoritmo**, que, a seu turno, calcula os rastros das atividades dos usuários da Web 2.0, organizando-os para transformá-los em textos futuros que são produzidos pela máquina para interagir com o homem (PAVEAU, 2021, p. 42-43). O ato de a máquina produzir textos para agir sobre o homem reforça o argumento, de Latour (2012, 2013), de que os objetos também são capazes de realizar ações para influenciar os homens. Como vimos, todos os textos podem ser intertextuais e, por isso, defendemos que até as atividades da máquina também retomam a textos anteriores e utilizam processos intertextuais. Pleiteamos que o algoritmo colabora para uma noção de “conjunto de dados da rede”, o qual atua diretamente no processo intertextual de alusão - discussão que será retomada no capítulo 6.

Com a elucidação de alguns verbetes, de Paveau (2021), os modos de interagir no ambiente digital incluem ações humanas e tecnológicas integradas. Os textos são eventos comunicativos, cujos locutores objetivam agir sobre o outro em uma orientação argumentativa. Portanto, os tecnotextos podem ser elaborados por homens e máquinas para influenciar sobre seus interlocutores no seu modo de pensar e agir, podendo apelar aos processos intertextuais na construção de sentido do tecnotexto. Concluimos que os processos intertextuais precisam ser rediscutidos à luz da tecnodiscursividade, movimento que pretendemos fazer com esta dissertação.

5 METODOLOGIA

“No oceano dos fatos, só aquele que lança a rede das conjecturas poderá pescar alguma.”
(MARCONI E LAKATOS, 2017, p.105).

5.1 Caracterização da pesquisa

Com base no redimensionamento do conceito de texto - o qual defende que o texto é novo a cada vez em que é enunciado dentro de um contexto sócio-histórico, e que as produções multimodais, dinâmicas e digitais também são textos – as pesquisas recentes, em Linguística Textual, têm focado em revisitar e reformular os seus conceitos e seus critérios de análise de modo que contemplem as particularidades do texto produzido e divulgado em ambiente digital.

De acordo com Marconi e Lakatos (2001), a presente pesquisa é de natureza hipotético-dedutiva, visto que surgiu da observação de lacunas em pesquisas anteriores no que tange ao estudo da intertextualidade nas tecnodiscursividades. Conforme Gil (1999), nesta dissertação, propomos uma investigação de caráter descritivo e interpretativo, pois visamos a identificar e a explicar os modos como os processos intertextuais ocorrem nos textos digitais nativos.

Para que nosso objetivo geral fosse executado, seguimos as seguintes ações: i) analisamos como ocorrem as retomadas a outros textos nos tecnotextos para descrevê-las; e ii) consideramos os processos intertextuais cristalizados na Linguística Textual, para atribuir-lhes uma ótica pós-dualista, com o propósito de contemplar os textos digitais nativos e suas respectivas características.

Buscamos, portanto, de modo mais sistemático, problematizar algumas questões que até então não o foram por outros pesquisadores, seja da Linguística Textual com a intertextualidade, seja da Análise do Discurso Digital com a tecnodiscursividade: de que maneira ocorre a retomada de um texto específico ou de um conjunto de textos, funcionando como citação ou paráfrase, dentro dos tecnotextos? Como se dá o processo de referência e de alusão estrita no ecossistema digital? Tendo em vista que, na Web 2.0, temos o contexto sócio-histórico e armazenamento de textos publicados e de dados rastreados, o que poderíamos considerar como um “conjunto de dados da rede”? Considerando o processo intertextual de transposição, como este se realiza por meio dos recursos técnicos? De que forma a alusão ampla está presente nos outros processos intertextuais?

Nossa hipótese básica é a de que os textos produzidos e disseminados, exclusivamente, em ambientes digitais dialogam com outros textos de maneira própria em relação aos textos pré-digitais digitais e possibilitam uma relacionalidade que exige um novo olhar aos processos intertextuais descritos na literatura, dado o caráter híbrido das práticas linguageiras na tecnodiscursividade.

Da hipótese básica, desdobram-se as secundárias concernentes a cada critério de análise que abordamos segundo o viés pós-dualista. Conforme o hibridismo humano-máquina, examinamos a hipótese de que i) a retomada de um texto específico ou de um conjunto de textos dentro dos eventos enunciativos digitais pode ocorrer de duas maneiras: a primeira é a técnica, que diz respeito às retomadas através da utilização de recursos fornecidos pela máquina; a segunda não é, pois concerne às retomadas através de enunciados multissemióticos. Divergindo de Faria (2014) e de Carvalho (2018) que dão o mesmo tratamento às referências e às alusões, e levando em conta a relacionalidade dos tecnotextos; ii) podemos afirmar que o processo de referência (PIÉGAY-GROS, 2010) deve integrar as intertextualidades estritas, porque se trata de um fenômeno de menção distinto das alusões. Além disso, hipotetizamos que iii) as alusões amplas podem perpassar todas as intertextualidades estritas. Consideramos que a referência é o processo intertextual que remete a outro texto sem haver menção de trechos, mas, sim, a elementos específicos (CAVALCANTE, 2012). Nos tecnotextos, percebemos que essa remissão costuma ocorrer por meio de um segmento linguageiro clicável. Elaboramos a hipótese que iv) o processo intertextual é estritamente contextual e, nos tecnotextos, vale-se de um contexto sócio-histórico geral e de um conjunto de dados armazenados na rede 2.0. Por fim, considerando os quadros teóricos elaborados em torno dos processos intertextuais de Genette (2010), direcionados a textos verbais ou multimodais, v) acreditamos que o recurso de “compartilhamento” promove processos de transposição.

5.2 Delimitação do universo e da amostra

Nesta dissertação, a delimitação do universo parte do pressuposto de que o texto dialoga com outros textos, através dos processos intertextuais, os quais são responsáveis pela presença (explícita ou implícita) de outros textos na construção de um novo. Também assumimos, com Carvalho (2018), que a intertextualidade se subdivide em estritas e amplas. Na presente pesquisa, tratamos dos processos estritos de copresença (citação, paráfrase, alusão estrita e referência) e de derivação (transposição e paródia) que lançam mão da alusão ampla para (re)criar novos sentidos em cada evento enunciativo.

Defendemos que os textos digitais nativos podem estabelecer uma relacionalidade com outros textos de forma compósita, isto é, utilizando ferramentas tecnológicas disponibilizadas no ecossistema ou mediante o hibridismo entre a matéria linguística e a matéria não linguística. Desse modo, optamos por analisar textos digitais nativos, dos ecossistemas Instagram e Twitter (X), a fim de descrever o modo como se dá a manifestação da intertextualidade estrita, que apela às alusões amplas, nos ecossistemas digitais citados.

Este trabalho tenciona compreender o funcionamento da intertextualidade em textos específicos na tecnodiscursividade, para realizar uma descrição de como ocorrem os processos intertextuais em ambiente digital. Com isso, necessitamos nos deter nos recursos fornecidos pela mídia internet, impossibilitando realizar uma restrita delimitação do corpus. No tocante à amostra, selecionamos postagens do Instagram (*posts*, *reels* e *stories*) e do Twitter, X (tuítes e seus respectivos comentários) que têm recursos próprios, como as arrobas, as hashtags, os links, os retuítes, os compartilhamentos externos, os rastreamentos de pesquisas, entre outros.

Do mesmo modo, selecionamos postagens que dispõem de processos intertextuais por meio de seus enunciados e que são produzidos on-line. Nesta pesquisa, fizemos a seleção dos textos de modo aleatório, com temáticas e gêneros variados, extraindo-os das publicações feitas entre julho de 2022 a agosto de 2023.

5.3 Técnica de coleta de dados

Quanto à técnica de coleta de dados, nesta pesquisa, utilizamos a documentação indireta, isto é, coletamos dados disponibilizados em fontes públicas e privadas, em virtude de considerarmos que encontraremos materiais linguísticos produzidos em situações enunciativas reais, nesse modelo de levantamento, o que nos levará a uma verificação mais efetiva de nossas hipóteses. Adotamos a postura de "pesquisador-usuário", conforme definido por Émérit (2020), ao explorar os perfis das redes sociais dos quais somos parte ativa. Essa abordagem nos permite uma imersão direta na coleta de dados, aproveitando a familiaridade e a compreensão das dinâmicas e interações presentes nesses espaços digitais. Ao utilizarmos nossos próprios perfis, garantimos a autenticidade e a relevância das informações coletadas, essenciais para a execução e aprofundamento da presente pesquisa.

Logo, a nossa principal fonte de dados serão os ecossistemas Instagram e Twitter (X), por meio dos quais selecionaremos as publicações de Instagram - em formato de posts, reels e stories - e no Twitter (X) através dos tuítes e retuítes. Analisamos postagens do Twitter (X) e do Instagram, o que justifica a utilização de QR codes como parte da referência dos

exemplos. Essa escolha metodológica facilita o acesso direto e rápido às postagens específicas, garantindo que os dados sejam verificados e contextualizados de forma precisa. A integração dos QR codes nas referências não apenas reforça a confiabilidade da pesquisa, mas também aprimora a interação entre o leitor e as fontes originais analisadas.

A coleta de dados foi feita por uma seleção de textos das redes sociais selecionadas que contenham processos intertextuais e a documentação aconteceu por meio da ferramenta captura de tela do *smartphone*. No que diz respeito às fontes dos dados, indicamos o endereço da página de onde foram retiradas as informações e a data da publicação. Em relação à apresentação do conteúdo multimodal e dinâmico, a gravação será feita por meio do recurso de gravação de tela disponibilizado pelo *smartphone* da pesquisadora e/ou por meio do *software* de gravação de tela chamado *Quick Time*.

As postagens que comporão nosso corpus podem conter áudios, para isso faremos a transcrição desse material. Por fim, os dados foram analisados em seu ambiente de origem, e a pesquisadora é usuária dos ecossistemas em que os textos foram coletados.

5.4 Categorias e procedimentos de análise de dados

Nossa pesquisa adotou uma abordagem de natureza hipotético-dedutiva (LAKATOS; MARCONI, 2001) e a investigação proposta partiu das observações de um fenômeno particular, a manifestação das intertextualidades em textos digitais nativos, os quais possuem características peculiares e distintas dos textos produzidos fora da Web 2.0.

Para atingir os objetivos que orientam nossa pesquisa, as etapas de procedimentos se iniciaram com o aprofundamento das literaturas que estudam a intertextualidade: Genette (2010) sobre as categorias transtextuais, base primordial para este trabalho; Piégay-Gros (2010) com a ampliação do conceito de intertextualidade e a inserção do processo de referência; Sant'Anna (2007) com o eixo parafrástico; Carvalho (2018) com as intertextualidade estritas e amplas, e com a análise em textos multissemióticos; e Cavalcante (2021) com a ampliação da definição de alusão ampla. O objetivo é discutir com mais propriedade as categorias intertextuais que recorrem ao hibridismo humano-máquina na sua produção. Além de, a partir de Paveau (2021), contribuir para o aprofundamento da discussão sobre a tecnodiscursividade e suas propriedades, a fim de relacioná-las aos procedimentos para identificação das intertextualidades que focalizamos.

Após a leitura do aporte teórico, selecionamos os conceitos dos processos pertinentes e aplicável às remissões, entre textos, feitas nos ecossistemas digitais. Definidos os

critérios utilizados na presente pesquisa, testamos nossas hipóteses sobre os processos intertextuais em tecnotextos do Instagram e do Twitter (X), no período que escolhemos. Nesta etapa, também levantamos as questões que partem das reflexões estabelecidas nas hipóteses e analisamos os dados levantados.

Após o teste das hipóteses para atingirmos os objetivos citados, descrevemos e explicamos como os processos intertextuais são aplicados em cada tipo de relação entre textos digitais nativos, de maneira a atribuímos um olhar e uma análise pós-dualistas ao quadro categorial cristalizado nos estudos da Linguística Textual e contribuirmos para pesquisas sobre intertextualidade, um parâmetro de análise textual de grande relevância.

6 TECNODISCURSIVIDADE E SUAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS

“Sou livre neste mundo e posso abrir qualquer caminho, mas escolho, porque quero, toda vereda que me leve ao estado de amor.”.
(ACIOLI, 2023, p.199).

Nos capítulos anteriores, elencamos algumas noções da Linguística Textual - praticadas pelo Grupo Protexoto - e da Análise do Discurso Digital que alicerçam conceitos relevantes para este trabalho. Em seguida, discutimos algumas propostas sobre a teoria da intertextualidade como categoria de análise do texto e de agrupamento dos processos desenvolvidos e organizados em um quadro teórico classificatório.

Neste capítulo, unimos a tecnodiscursividade às teorias intertextuais, discutidas nos capítulos anteriores, a fim de demonstrar como a relacionalidade entre os tecnotextos se realizam, manuseando as diversas semioses do texto e os artifícios técnicos disponibilizados na Web 2.0. Admitimos que a literatura sobre intertextualidades, embora já tivesse contemplado recursos imagéticos e sonoros na caracterização do fenômeno, ainda não alcançara uma análise de gestos languageiros sob o pressuposto do hibridismo humano-máquina. Após refletirmos sobre as diversas propostas que definiram os processos intertextuais - estabelecendo aproximações e divergências - adotamos a classificação de Ana Paula Carvalho (2018), a qual utilizou por parâmetros os processos estritos e amplos do fenômeno.

Para este trabalho, detivemo-nos aos movimentos tecnolinguageiros que ocorrem nos ecossistemas Twitter (X) e Instagram e que se valem dos processos intertextuais de copresença (citação, paráfrase, alusão e referência) e de derivação (transposição e paródia), os quais são amparados pela alusão ampla (Cavalcante, 2021).

Conforme os estudos dualistas, a intertextualidade era definida como a relação entre os textos, os quais (re)criam novos sentidos a cada contexto enunciativo e, nesta definição, as análises dos processos intertextuais se limitavam às modalidades verbais e visuais. Segundo Merzeau (2009), a ascensão do digital não se reduz a uma mera forma de codificar os conteúdos ou de criar um novo canal de circulação, mas trata-se de uma transformação dos ambientes que interferem nas estruturas e nas relações, o que instiga um novo olhar aos conceitos que as organizam e as formalizam (p. 23). A fim de contemplarmos as retomadas entre textos nativos digitais, percebemos a necessidade de adotar uma perspectiva pós-dualista para os estudos intertextuais.

Entretanto, com este trabalho, não pretendemos reduzir/adaptar a tecnodiscursividade para que ela simplesmente se encaixe nos processos intertextuais, ou vice-versa. Mas tentamos descrever o modo de funcionamento das intertextualidades, na Web 2.0, para que os conceitos cristalizados, no aparato teórico da LT, sejam operacionalizáveis tendo em conta os diversos tipos de tecnotextos e as ferramentas digitais.

Para tanto, diversos aspectos devem ser considerados numa caracterização das intertextualidades no ambiente digital, como o compartilhamento de conteúdos, a relação dos comentários com a primeira postagem, para saber se formam ou não um único texto, a mudança de ecossistema nos compartilhamentos e as modificações que o novo texto sofre com isso, o compartilhamento somente de endereços e de links, bem como o uso de ferramentas como o @ e a #. Tudo isso intervêm no modo como os textos se relacionam na tecnodiscursividade e, portanto, também impactam na análise desses textos, logo, necessitam ser levados em consideração, sobretudo na perspectiva pós-dualista que ora assumimos.

Dessa forma, corroborando com Martins (2024), compreendemos o fenômeno da intertextualidade como a marcação de uma relacionalidade estabelecida entre os tecnotextos que serão sempre multissemióticos (p.124). Mesmo que o locutor julgue que utilizou somente a semiose verbal ou imagética, o tecnotexto interliga as semioses verbais, visuais, táteis (referentes às ferramentas de ação digitais) e sonoras - sendo a última para alguns casos - as quais devem ser analisadas como equivalentes, já que o sentido é criado e recriado pela convergência de todas elas.

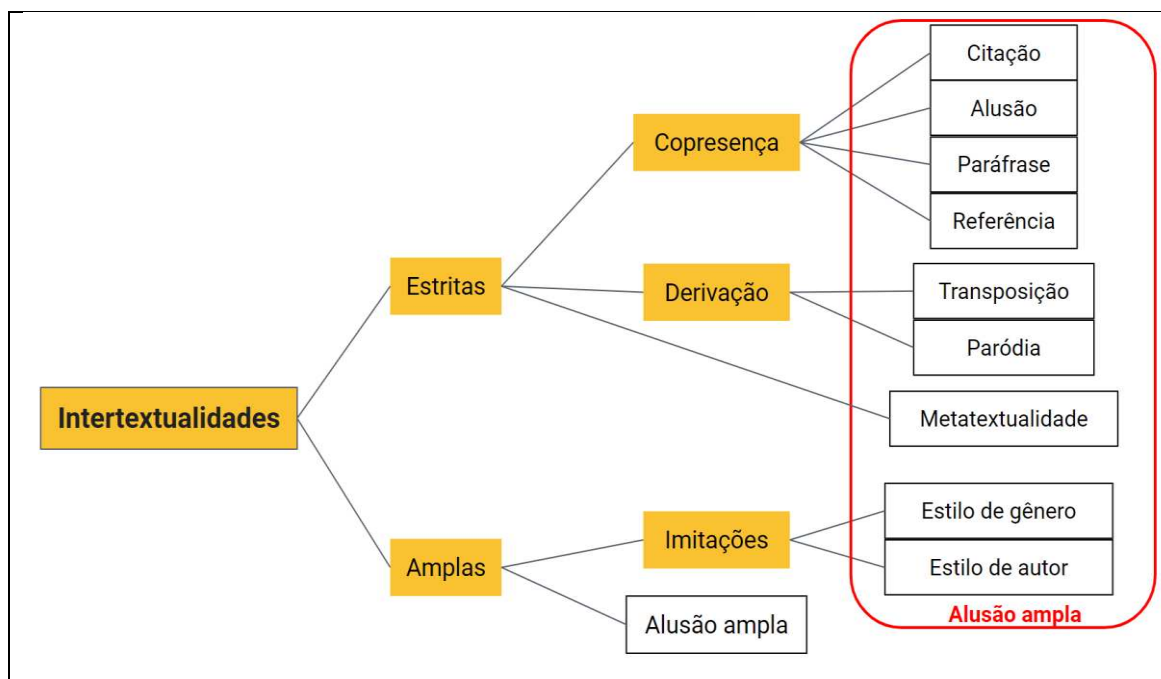
Nossa constatação mais relevante é a de que a retomada de alguns textos é possibilitada pelo que já está previamente disponibilizado no próprio ecossistema. Os textos acabam se conectando, não porque o locutor interpretou essa conexão, mas porque ferramentas como hashtags, por exemplo, possibilitam reunir uma ampla gama de conteúdos e formas.

A abordagem metodológica não se limitou apenas a verificar a retomada de textos por meio de mecanismos tecnológicos em diferentes ecossistemas, mas também a justificar que as copresenças por referência (PIÈGAY-GROS, 2010) deveriam ser reintegradas ao quadro classificatório das intertextualidades. Nosso objetivo foi revitalizar o fenômeno da referência como um exemplo de copresença, mostrando que, especialmente na tecnodiscursividade, alguns gestos tecnolinguísticos têm de fato a função de criar uma referência a alguém ou algo, não apenas a aludir. Portanto, a alusão e a referência devem ser consideradas classificações distintas. Além disso, confirmamos que as intertextualidades amplas permeiam todos os outros casos intertextuais, conforme estabelecido por Cavalcante (2021).

Consideramos que os processos intertextuais cristalizados em trabalhos dualistas

podem contemplar textos nativos digitais. Por isso, não propomos a introdução de novos processos intertextuais além dos já descritos, mas revisamos todos eles sob a perspectiva da ecologia discursivo-digital, com o intuito de enriquecer os estudos linguístico-textuais, como ilustrado no Quadro (8).

Quadro 8 – Intertextualidades estritas e amplas na tecnodiscursividade



Fonte: elaboração própria com base em Genette (2010), Piègay-Gros (2010), Carvalho (2018) e Cavalcante (2021).

Portanto, a análise foi organizada em itens relacionados aos movimentos tecnodiscursivos, nos quais demonstramos como pequenas mudanças, como o modo de compartilhar textos no ambiente digital, resultam em alterações nos processos intertextuais.

6.1 Os gestos tecnolinguageiros

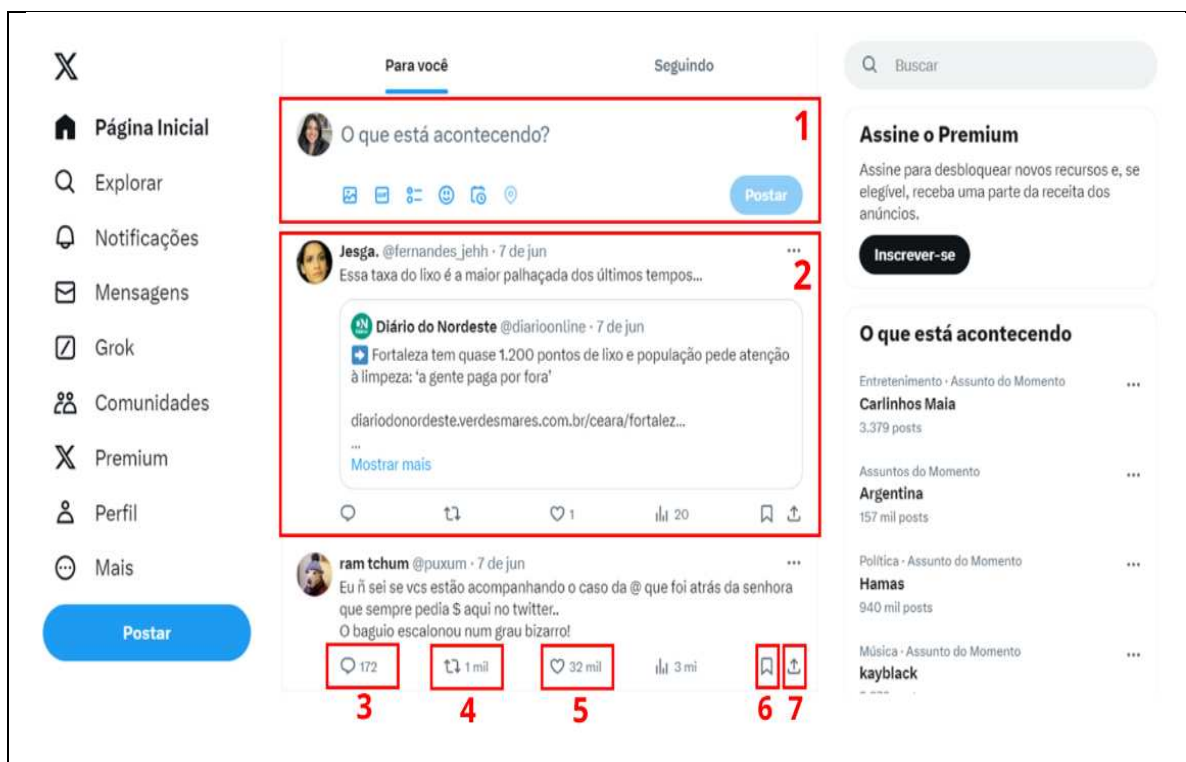
Os gestos tecnolinguageiros são elementos de comunicação que surgem na interação mediada por tecnologias digitais, os quais incluem formas de expressão que combinam linguagem e gestos adaptados ao uso de dispositivos tecnológicos. Alguns exemplos são os tecnobotões, os emojis, os GIFs, os stickers e outras formas de elaboração de textos multissemióticos em ambientes digitais. Além disso, são utilizados para transmitir emoções, reações ou informações de maneira rápida, refletindo as novas formas de interação proporcionadas pelo hibridismo humano-máquina.

6.1.1 O compartilhamento de conteúdo

Na era da Web 2.0, o ato de compartilhar tornou-se uma parte fundamental da experiência digital. Com redes sociais, os usuários têm a capacidade de compartilhar uma ampla variedade de conteúdo e de diferentes formas com apenas alguns cliques.

Antes de abordarmos os diversos modos de compartilhamento que estabelecem as intertextualidades na tecnodiscursividade, julgamos ser relevante explicar o funcionamento do ecossistema Twitter/X. Para tanto, observemos a Figura (17), na qual retângulos vermelhos numerados destacam as diferentes funcionalidades que serão detalhadas a seguir.

FIGURA (17) – Print do Twitter (X) na tela do computador



Fonte: cópia de tela do Twitter (X) da autora.

No Twitter (X), o espaço de **tuitar** (1) permite que o usuário poste um tuíte que será visto por outros. Este tuíte pode conter imagens, vídeos, GIFs, enquetes. Por exemplo, o locutor pode escrever uma mensagem de até 280 caracteres e adicionar uma foto ou um vídeo. Quando alguém compartilha o tuíte de outro, há duas opções: **retuitar** ou **retuitar com comentário** (2). A primeira opção é compartilhar o tuíte exatamente como ele é, sem adicionar comentários. Já a segunda permite que você adicione seus próprios comentários, como feito por

@fernandes_jehh ao compartilhar um tuíte do Jornal do Nordeste e comentar sobre a taxa do lixo, oferecendo sua própria opinião ao grupo pertencente à sua bolha (ver cap. 2).

Quando desejamos responder a um tuíte, utilizamos a função de **comentar (3)**, que significa responder a ele publicamente, e sua resposta aparecerá em uma *thread*³ abaixo do tuíte original, criando uma conversa. Para compartilhar um tuíte com ou sem comentário, você utiliza o **botão de retweetar (4)**. Clicando neste botão, você pode escolher entre retuitar diretamente ou adicionar um comentário antes de compartilhar.

Se você gostar de um tuíte, pode mostrar sua aprovação clicando no **botão de curtir (5)**, representado por um coração. Para marcar tuítes importantes ou interessantes que você quer revisar posteriormente, você pode utilizar a função de **salvar tuíte (6)**.

Além disso, o Twitter (X) oferece a opção de compartilhar tuítes em outras redes sociais. Ao clicar no **botão de caixa (7)**, você pode enviar um tuíte para plataformas como o Instagram, ou compartilhar via mensagem, e-mail e outras opções. Isso facilita a distribuição de conteúdo para diferentes canais.

Com isso, neste tópico, mostraremos que a intertextualidade pode ocorrer por seis formas de compartilhamento, nos ecossistemas Twitter (X) e Instagram, a saber: retuíte com comentário ou sem comentário, compartilhamento de uma função a outra no mesmo ecossistema ou de um ecossistema a outro, captura de tela com comentário ou sem comentário.

No Twitter (X), existem diversos tipos de compartilhamento. O primeiro, o qual consideramos como **citação**, é o retuíte com comentário: o locutor compartilha o tuíte de outro usuário, fazendo um comentário que se localiza acima do citado e este é isolado por linhas que formam um retângulo ao seu redor, servindo como marcas tipográficas que assinalam o limite entre o texto atual e o texto-fonte, como podemos observar no exemplo a seguir:

³ No Twitter, refere-se a uma série de tweets conectados, todos postados pelo mesmo usuário e encadeados para tratar de um mesmo assunto ou narrativa de forma contínua.

EXEMPLO (4) – Print de retuite de @MarizaB



Fonte: @marizabrito. Disponível em:

<https://twitter.com/marizabrito/status/1567523639779540992?s=21&t=vywdnacNhgmpu4qoxNQVSA>
 Acesso em 7 set. de 2022.

Com base nas pesquisas da LT sobre intertextualidade, observamos que a citação está, sobretudo, relacionada ao texto verbal que tinha um trecho transcrito ou reproduzido em uma nova interação, marcado por aspas, marcas tipográficas, verbos *dicendi*, etc. Nos textos produzidos on-line, admitimos que o processo se dá pela retomada de um trecho de um tecnotexto específico, mas as marcações são diferentes, e o movimento de transferência pode se realizar por cliques em botões próprios para o envio do texto de um espaço a outro.

Dessa forma, o tecnotexto acima (4) é composto por partes do texto de Boulos - isolado pelo retângulo, a foto e o @ do autor do texto-fonte - e o comentário de @marizabrito, que está localizado acima do texto-fonte, junto a foto do seu perfil, seu nome de usuário e seu @. Neste movimento, encontramos o recorte de trechos de um texto; não ocorre o movimento de transferência de curtidas e comentários do texto-fonte. Quaisquer comentários e reações no tecnotexto serão feitos na publicação de MarizaB, não mais no texto-fonte. Por essa razão,

estamos considerando que se trate de um caso de intertextualidade por copresença: a **citação**, pois temos uma menção direta e marcada de trecho de um outro texto. Vale ressaltar que no exemplo (4), o tecnotexto pode parecer exclusivamente verbal ou verbo-visual, mas a foto do perfil (semiose visual) e os botões (tátil), que possibilitam reação, são partes integrantes do texto, o que nos faz considerá-lo como um texto multissemiótico.

Já o **retuíte sem comentário** - primeiro tipo de transposição por compartilhamento - consiste no ato de transportar o tuíte de outro usuário para o seu *feed*, sem que haja adição de comentários, como é o caso da citação. Com isso, são levados todos os elementos do texto-fonte, como as curtidas e os comentários, criando uma espécie de intercâmbio entre o perfil do tecnotexto intertextual e o do tecnotexto-fonte. Além disso, qualquer interação feita no novo texto é direcionada ao texto-fonte, ou seja, se um seguidor do usuário que fez o retuíte curtir a publicação, a curtida é direcionada ao texto-fonte por meio do texto alvo, como podemos observar no exemplo a seguir.

EXEMPLO (5) – Retuíte de @MarizaB





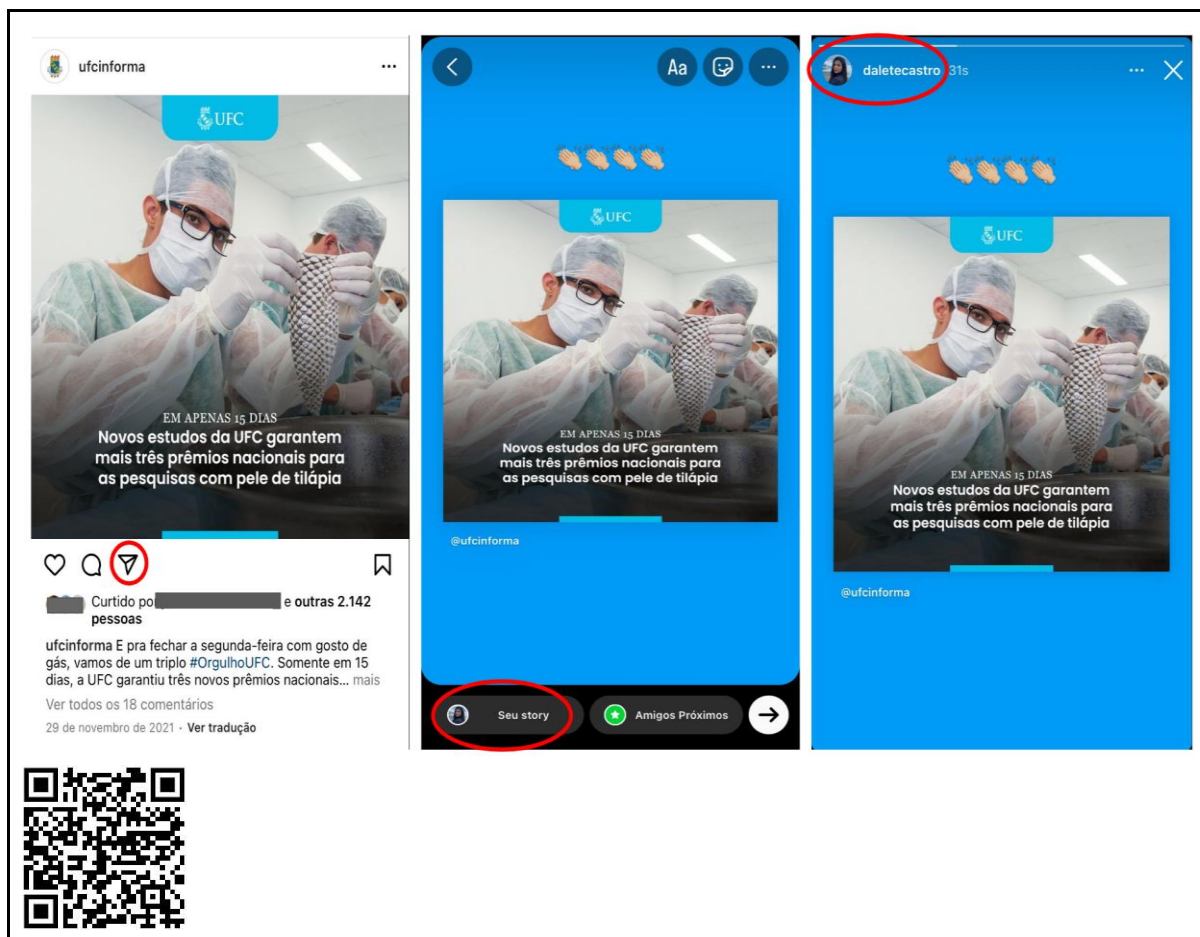
Fonte: @marizabrito. Texto-fonte disponível em:
<https://twitter.com/ptbrasil/status/1565847779217481729?cxt=HHwWgoC9ycmQgbsrAAA>.
 Acesso em: 07 set. de 2022.

No exemplo anterior (5), temos o texto da locutora Mariza B que veio de um retuíte da publicação de @ptbrasil. Com esse movimento, entendemos que um texto completo deriva de outro e é instaurado em uma nova situação textual. No tuíte do @ptbrasil, encontramos um recorte da fala do atual presidente do Brasil, nas eleições de 2022, e uma chamada para assistir à fala completa no link do Youtube. No retuíte, não temos mudança de ecossistema, visto que estamos dentro do Twitter (X), mas temos um novo momento enunciativo em que a usuária MarizaB fez uso da ferramenta de compartilhamento para mostrar o seu apoio ao candidato e aos ideais que estão sendo defendidos.

A transposição refere-se aos textos que retextualizam o conteúdo do texto original sem incluir o humor. Entretanto, na tecnodiscursividade, essa adaptação não se limita à mudança semiótica ou à tradução, mas pode se dar pela mudança de ambientes. Em (5), um tecnotexto publicado em um *feed*, no Twitter, foi transposto para outro *feed*, preservando os sentidos do texto original. A nosso ver, não se trata de uma mera citação, porque não é um caso de copresença de um texto em outro, mas de derivação de um texto inteiro, transposto para um novo evento comunicativo. Em outros termos, há um novo texto que surgiu no momento em que a publicação foi levada para o *feed* de um novo usuário, sendo divulgado para novos locutores, e novos sentidos foram criados em um novo contexto.

No ecossistema Instagram, há o compartilhamento de uma "função" a outra dentro do mesmo ecossistema. Para nós, neste movimento, a **citação** realiza-se no momento em que um tecnotexto é deslocado para outra “função” dentro da própria rede social, através de um tecnossigno, originando um novo momento enunciativo (MARTINS, 2024). Vejamos o exemplo:

EXEMPLO (6) - Print do processo de citação



Fonte da primeira imagem: @ufcinforma. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CW38RzyMLmx/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
 Acesso em 01 mai. de 2023.

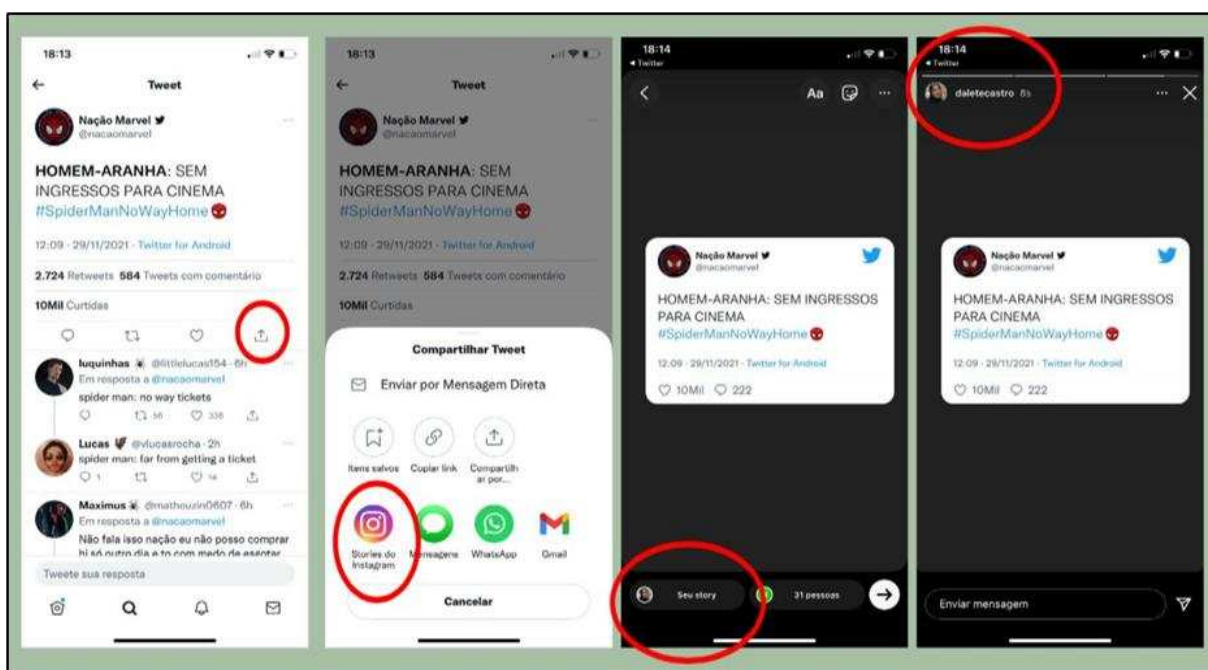
No exemplo (6), temos os três momentos necessários para a **citação** de uma função a outra dentro do mesmo ecossistema. No primeiro momento, é o contato com o texto-fonte e o clique no botão que efetua o envio para outro espaço/função - como podemos ver na primeira imagem em que está uma postagem do @ufcinforma, a qual foi publicada no perfil do usuário e veiculada no *feed* daqueles que o seguem. A mídia Instagram permite a curtida (botão em formato de coração), o comentar (botão em formato de balão de diálogo) e o compartilhar (botão em formato de avião).

Ao clicar no avião, o locutor vai direcionar e publicar a postagem da função *feed* para a função do *story*, conforme o segundo momento e imagem. Na função de *story*, é possível alterar a cor do fundo, inserir comentários verbais, imagéticos (por meio das fotos e gifs) ou sonoros, com músicas. Com isso, a usuária @daletecastro compartilhou um trecho do tecnotexto da @ufcinforma com um plano de fundo azul e emojis de palmas em seu *story*, criando um novo momento enunciativo para atingir seus propósitos comunicativos particulares

- terceiro momento e imagem. Este movimento de compartilhamento - de parte de uma publicação e a inserção de comentários de diversas semioses - gera um novo texto em que o locutor se vale, também, do processo intertextual de copresença por citação.

No quarto movimento, o de compartilhar o texto publicado em um ecossistema a outro, sem haver distanciamento no sentido do texto-fonte, consideramos que se trata do processo intertextual de transposição, a qual diz respeito às adaptações no sistema semiótico do texto-fonte. Contudo, não há alteração de sentido no conteúdo original, são os casos das traduções ou das adaptações de obras literárias para filmes. Na tecnodiscursividade, constatamos que esta adaptação também se realiza pelos movimentos de “compartilhamento”, nas mídias digitais, isto é, opera-se uma mudança de espaços internos ou externos dos ecossistemas. Vejamos:

EXEMPLO (7) – Print do processo de transposição



Fonte: cópia de tela do Twitter (X) e Instagram da autora.

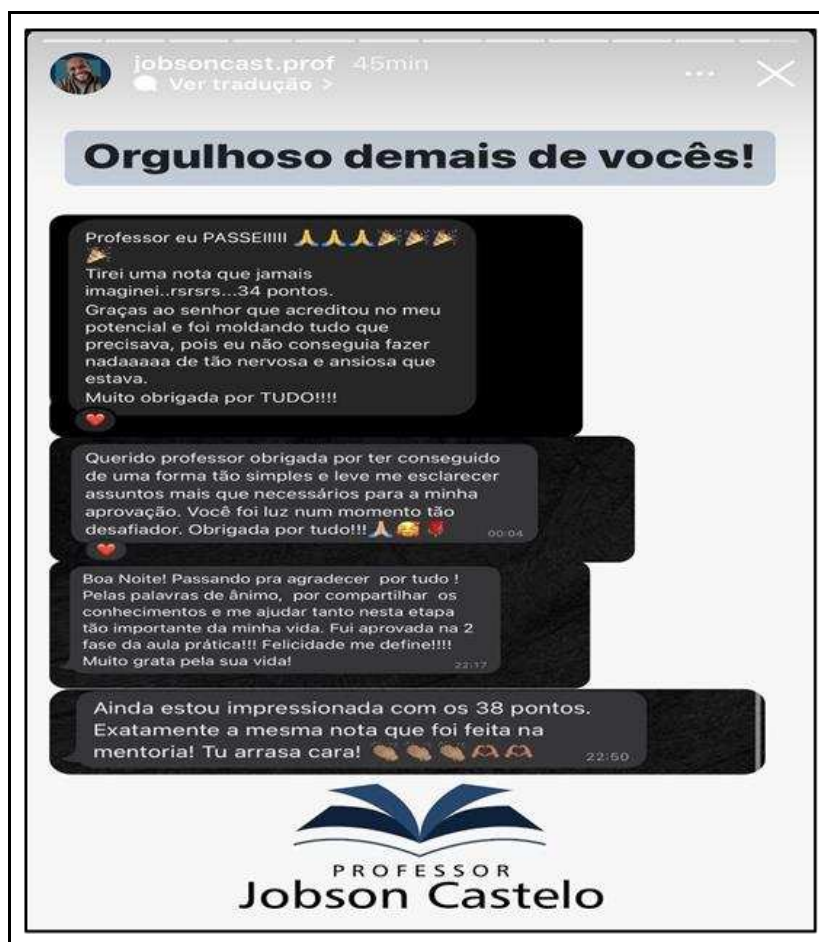
Podemos perceber, no exemplo acima, que um tecnotexto publicado na mídia Twitter (X) foi transposto para a mídia Instagram e republicado no *story*, ou seja, um tecnotexto citante desloca o tecnotexto citado para outro ecossistema por meio de ferramentas tecnológicas fornecidas pela plataforma e ordenadas pelas etapas circuladas de vermelho: primeiro, o locutor clica no botão que indica uma seta saindo da caixa; posteriormente, uma barra é aberta para que possa ser feita a escolha do ecossistema que receberá o texto (optamos pelo Instagram na função

de *story*); o novo ecossistema é aberto na função escolhida; com um último clique em “Seu story”, a publicação é finalizada por intermédio de botões de compartilhamento disponibilizados pelas redes sociais.

Compreendemos que a mudança de ecossistema, no compartilhamento, provoca uma **transposição**, ou seja, a transformação/adaptação de um texto completo em outro, preservando a integridade de sentido do tecnotexto-fonte. Entretanto, não se trata de uma adaptação semiótica ou de uma tradução (GENETTE, 2010) e (CARVALHO, 2018), mas de uma adaptação de ecossistemas.

O último caso de compartilhamento que apontamos é a captura de tela ou *print*. Segundo Paveau (2021), não há um tecnossigno que conduz o texto citado para o texto citante em um movimento direto - como visto nos exemplos 4, 5, 6 e 7 - e não é necessário o uso da internet, pois este é um recurso tecnológico fornecido pelo aparelho. O locutor usuário faz uma espécie de foto do texto e, em seguida, insere-o no espaço digital desejado, como podemos analisar nos exemplos seguintes.

EXEMPLO (8) – story de @jobsoncast.prof



Fonte: cópia de tela do *story* do Instagram @jobsoncast.prof.

Notamos que o usuário @jobsoncast.prof faz *prints* (movimento off-line) de suas conversas privadas com alunos através da ferramenta mensagem do Instagram, recorta (movimento off-line) e posta no *story* (movimento on-line) desse mesmo ecossistema. O trecho do texto citado aparece em caixas retangulares escuras, coladas em um fundo mais claro com a logo da empresa “Professor Jobson Castelo” e há um comentário “ORGULHO DEMAIS DE VOCÊS!” acima do texto citado. No exemplo (8), consideramos que há a inclusão de trechos de tecnotextos anteriores e a ferramenta de captura de tela funciona como uma espécie de reprodução de partes da interação. Além disso, os elementos que sinalizam as fronteiras do texto-fonte são as caixas retangulares nas cores cinza escuro e preta, em um movimento de intertextualidade de copresença por citação.

Atestamos que as citações, em ambientes digitais, podem se manifestar de diversas formas e através de recursos linguísticos e técnicos, sempre acompanhadas de comentário. Outra verificação é a de que os marcadores de fronteira entre o texto-fonte e o texto intertextual não se resumem às marcas tipográficas ou aos verbos *dicendi*, como nos estudos dualistas, mas se ampliaram para aparatos tecnológicos como: linhas, formas geométricas, cores, relevos visuais, entre outros.

Na captura de tela, o texto é postado na sua íntegra e sem adição de comentário, há apenas a mudança de espaço digital, por isso consideramos haver uma transposição por adaptação a outro ecossistema.

EXEMPLO (9) – Captura de tela de tuíte e post





Fonte: @mariribeirov/@memestwitter. Disponível em:
<https://twitter.com/mariribeirov/status/1572968422086000640?s=48&t=NqL1T1Y9wdKkHYa0l99y7A> e <https://www.instagram.com/p/Ci51ptspNSH/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 24 set. de 2022.

No exemplo (9), temos o tuíte de @mariribeirov postado na sua conta do Twitter (X) pessoal, mas de domínio público (quando é aberto para qualquer usuário ver suas publicações), o que permitiu com que o dono da conta @memestwitter, do Instagram, realizasse uma captura de tela do tuíte de @mariribeirov (movimento off-line) e colasse no seu perfil do ecossistema Instagram (movimento on-line). Tais movimentos efetivam o reendereçoamento do texto-fonte, adição de comentários, de ecossistema a outro, na Web 2.0, atuando como processo de **transposição**.

Portanto, sustentamos que o processo de citação ocorre quando há o uso de partes de um texto anterior em um novo evento comunicativo, sempre havendo a presença de comentários. Enquanto que o processo de transposição, nos textos digitais nativos, dá-se por uma mudança de espaços internos ou de conversão dos ecossistemas. Compreendemos que mudanças de alguns movimentos nos tecnotextos acarretam mudanças de processos intertextuais e ressaltamos que o processo de citação ocorre quando há o uso de partes de um texto anterior em um novo evento comunicativo, sempre com o acréscimo de comentários.

6.1.2 Palavras clicáveis: marcação, redocumentação e rastreabilidade

Paveau (2021) explica que, ao adicionarmos certos símbolos, a saber: as hashtags e as arrobas, antes de palavras em contextos digitais, transformamos essas palavras em links que redirecionam para outros conteúdos ou ambientes digitais. Compreendemos que o processo de referência se materializa por meio de menções (ao título da obra ou a eventos, nome dos personagens ou interlocutores) e, nos contextos digitais, o processo ocorre pelos mesmos tipos de menção dualistas supracitados ou pela utilização das palavras clicáveis arroba (@) e hashtag (#), podendo desempenhar as funções de marcação, redocumentação e rastreabilidade (PAVEAU, 2021).

Quando o locutor utiliza a arroba (@), ele convoca ao seu texto o elemento mencionado (marcação) e, com um clique, o interlocutor pode ser encaminhado ao texto referenciado (rastreabilidade), como podemos verificar analisando os exemplos a seguir:

EXEMPLO (10) – Lula e Joe Biden



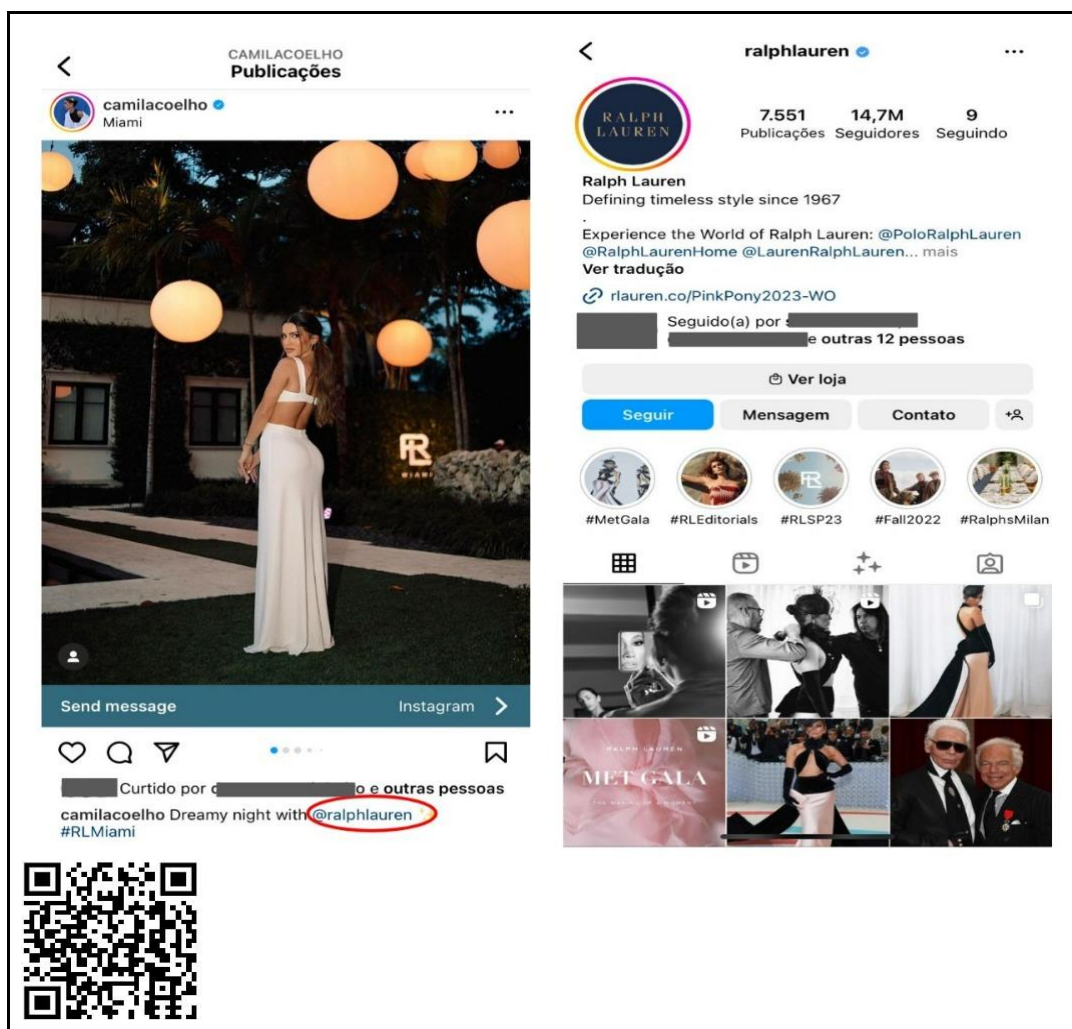
Fonte da imagem esquerda: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/lulaoficial/status/1587177663654920193?s=46&t=BHbcZLOCX0P-m7DTREUhhA>. Acesso em 02 nov. de 2022.

No tuíte (imagem da esquerda), temos o presidente do Brasil marcando com uma arroba (@) o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Entendemos esse movimento como uma remissão sem a presença de trechos de um texto, configurando-se como referência. Ao clicarmos no @JoeBiden, somos encaminhados ao perfil do presidente dos EUA, no Twitter (X). Em função disso, podemos rastrear os dados através dos termos clicáveis estabelecidos no processo de referência.

No Instagram, o movimento de inserção de arroba (@) é semelhante ao Twitter (X). Todavia, os ecossistemas possuem objetivos diferentes: o Twitter (X) oferece um serviço de

microblog e permite que os usuários se atualizem sobre fatos cotidianos do outro em uma via de mão dupla. As menções por @ e # servem para apontar e convidar o indivíduo que participa da história contada, como vimos, no exemplo (10), Lula apontando o participante envolvido em seu relato. Já o Instagram é uma rede social projetada, inicialmente, para a publicação de fotos, por este motivo a marcação é feita quando a imagem da pessoa do perfil marcado está na foto ou há algum elemento que remeta à marca do proprietário do perfil. Observemos:

EXEMPLO (11) – Camila Coelho e Ralph Lauren



Fonte da imagem esquerda: @camilacoelho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrjVnLsunES/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em 03 mai. de 2023.

Em (11), a blogueira Camila Coelho fez uma publicação no seu perfil do Instagram, marcando o perfil @ralphlauren e o mencionando na legenda, que circulamos de vermelho. Ao clicarmos na menção, que está de azul por ter se tornado um link, somos redirecionados ao perfil da marca de roupa Ralph Lauren. Ao fazer referência por arroba (@), na foto, a blogueira indica que está vestindo uma peça da marca e a propaga para uma média de 10 milhões de

seguidores, público que a acompanha em sua conta no Instagram. Neste exemplo, a referência por arroba se deu pela presença explícita da marca Ralph Lauren no texto. Vale ressaltar que os perfis não se tratam de pessoas físicas, mas de identidades desse ecossistema.

Quando o locutor usuário lança mão da hashtag (#), ele convoca ao seu texto o elemento mencionado (marcação) ao mesmo tempo em que o insere em um “conjunto de dados do sistema” (espaço em que todos os tecnotextos que fazem uso da mesma hashtag são redocumentados), com isso, outros usuários da rede podem clicar na hashtag para ter acesso a todos os tecnotextos que fazem o uso dela.

EXEMPLO (12) – Novela Pantanal



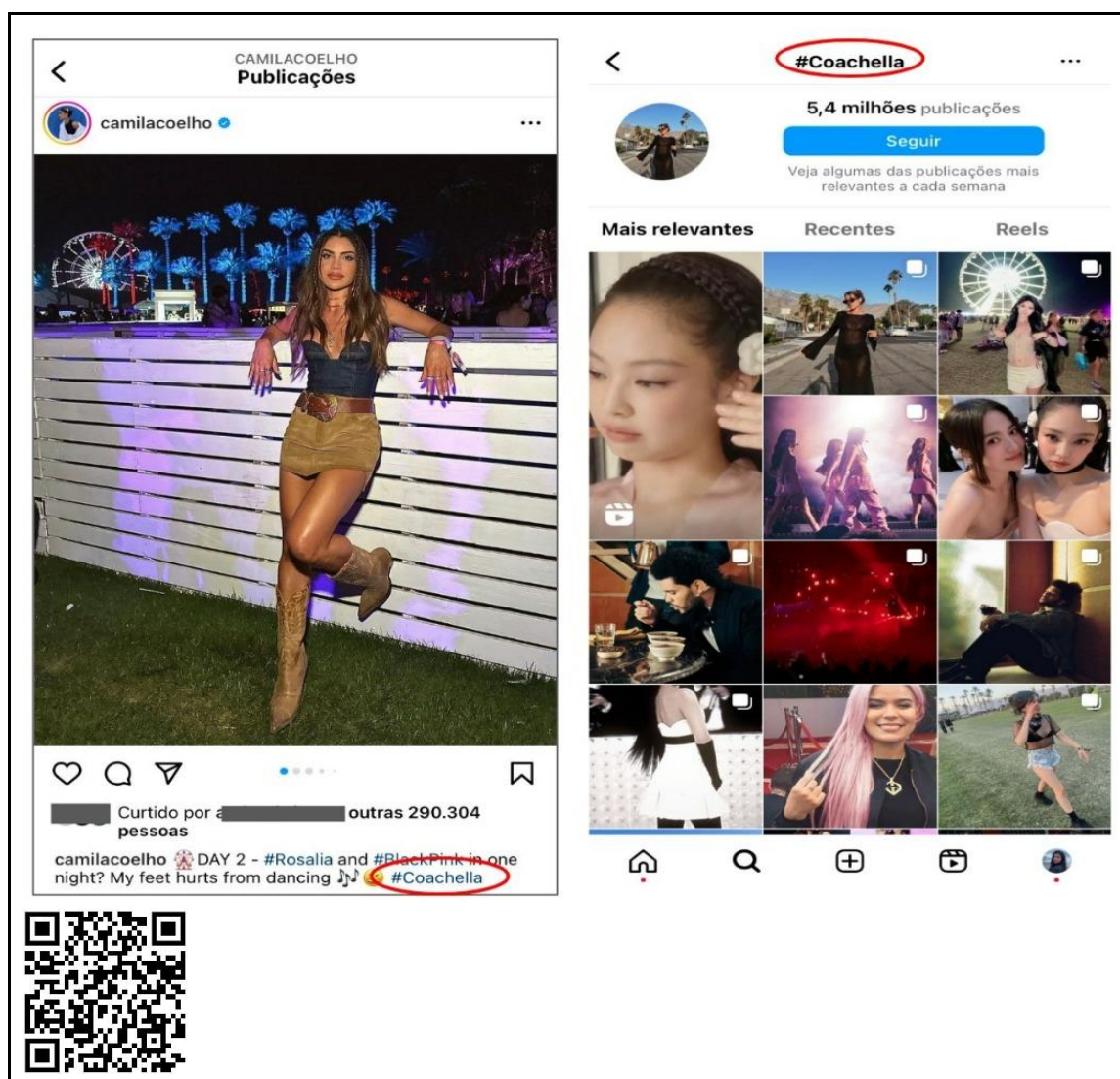
Fonte da imagem à esquerda: @tvglobo. Disponível em:
<https://twitter.com/tvglobo/status/1578573431314030592?s=46&t=EcK5SKVFqAdbUoMgBU8r4Q>.
 Acesso em: 08 out. 2022.

No tecnotexto da esquerda, está um tuíte da @tvglobo sobre o final da novela *Pantanal*. Para colocá-la no fio de tuítes sobre o assunto e destacar o termo “Pantanal”, o perfil

@tvglbo usa a # antecedendo o nome da novela. Ao clicarmos na hashtag, somos encaminhados a um conjunto de tuítes sobre o mesmo assunto. Com isso, o locutor evoca a novela através do seu título - em um processo intertextual de referência, redocumentariza seu tuíte em um contexto interior à rede social utilizada, e os interlocutores podem acessar o texto buscando a hashtag e rastreando os tecnotextos daquele contexto.

No Instagram, é comum encontramos o uso das hashtags em legendas com a intenção de inserir a publicação em uma aba que trate sobre o assunto referenciado para que se possa obter maior visualização, como vemos a seguir:

EXEMPLO (13) – Camila Coelho no Coachella



Fonte da imagem esquerda: @camilacoelho. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CrHna50pDZJ/?igshid=MDJmNzVkMjY=>.
 Acesso em 03 mai. de 2023.

O perfil @camilacoelho fez uma publicação da blogueira no festival musical Coachella. Para legendar a foto, foram utilizadas diversas hashtag, como: #Rosalisa, #BlackPink, #Coachella, com o objetivo de a publicação aparecer nas abas destas buscas. Assim como na marcação por @, ao inserir a #, a palavra torna-se um link que, ao ser clicado, direciona o usuário à aba de textos que utilizaram a mesma hashtag.

Além dos casos de referência com uso da arroba (@) e da hashtag (#), temos os casos de referências sem marcas, sobretudo quando mencionam figuras públicas ou textos pertencentes ao conhecimento compartilhado de um determinado público. Logo, o locutor não destaca a referência por confiar que os apontamentos serão recuperados mesmo sem o apontamento de um elemento clicável, como mostramos a seguir:

EXEMPLO (14) – Print de post de Lincoln Sant’Ana

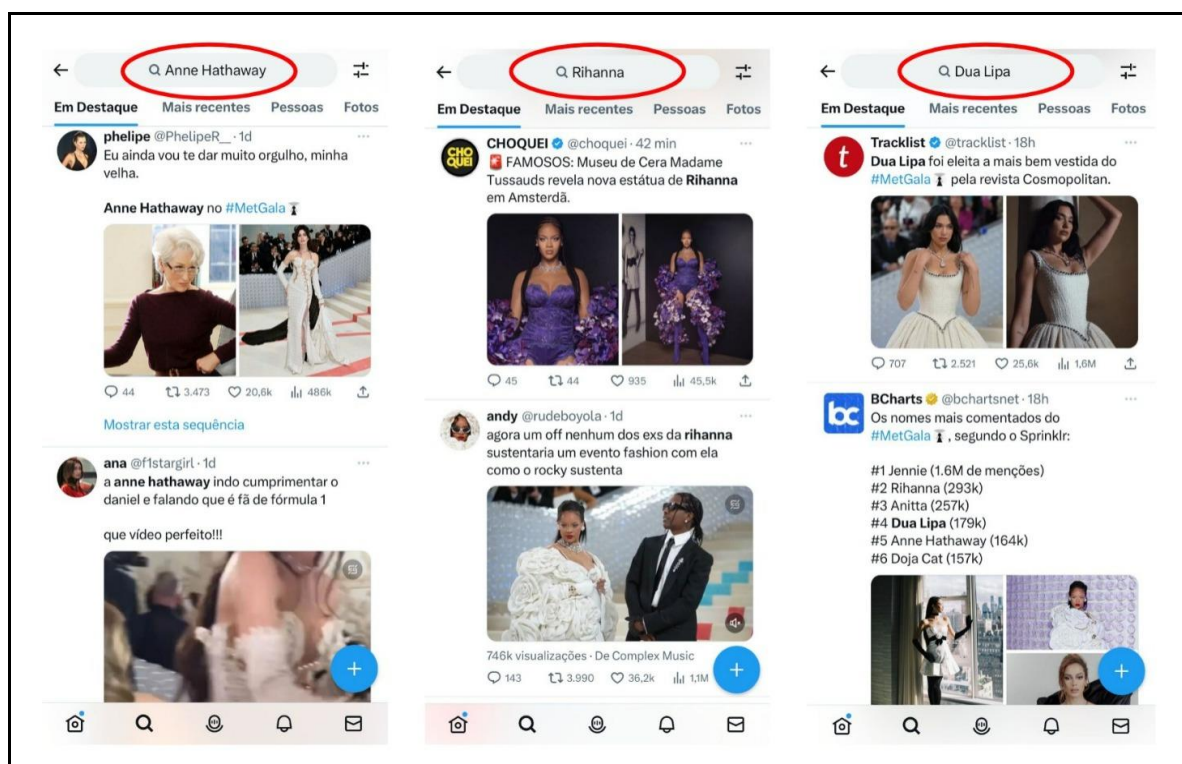


Fonte: @Lincoln_Sant17. Disponível em:
https://twitter.com/lincoln_sant17/status/1653532174581129216?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA. Acesso em: 03 mai. 2023.

Em maio de 2023, aconteceu o evento popularmente conhecido como Met Gala. A ocasião contou com as maiores celebridades do mundo, que se encontraram para a abertura da exposição anual de moda do Museu Metropolitano, em Nova Iorque. A produção dos famosos para o baile atraiu a atenção de uma parte da sociedade e virou tema de diversas postagens dos ecossistemas digitais. Em (14), o perfil @Lincoln_Sant17 citou - por meio de um retuíte com comentário - o tuíte do perfil @SeriesBrasil, que comenta o valor do colar usado por Dua Lipa, no Met Gala. Acima da citação está o comentário referenciando a Anne Hathaway e a Rihanna, mas os nomes não são precedidos com arroba (@) ou hashtag (#). Por se tratar de personalidades amplamente conhecidas, o autor do tuíte pode ter considerado desnecessário a marcação dos perfis das famosas, visto que a atitude de “marcar” é considerada como uma divulgação, da qual as artistas não necessitam. Não podemos deixar de evidenciar que as referências contribuem para a construção da alusão ao filme *Oito mulheres e um segredo* (2018), que conta com atuação de Anne Hathaway e a Rihanna, e narra a história de um grupo de mulheres que planeja roubar um colar de diamantes usado no badalado Met Gala.

Mesmo sem os tecnosignos @ e #, o ecossistema consegue reunir e armazenar os textos que fazem menção aos mesmos termos, como podemos observar na figura seguinte:

FIGURA (18) – Famosas no Met Gala



Fonte: cópia de tela do Twitter (X) da autora.

Na figura (18), fizemos uma busca com termos referenciados no exemplo (14) - circulado de vermelho - e constatamos que o ecossistema reúne todos os textos que utilizam as mesmas palavras ou expressões. A nosso ver, as ferramentas de rastreamento favorecem os “conjuntos de dados do sistema”, que definimos como um espaço reservado para armazenar os dados criados através dos rastros (como veremos no subtópico 6.1.3, sobre alusão estrita) e todos os tecnotextos que fazem uso da mesma hashtag ou que tratam de um mesmo assunto - como vimos neste subtópico com o processo de referência.

6.1.3 Conjunto de dados da rede

Antes de tratarmos do processo intertextual presente neste tópico, a alusão, consideramos interessante retomarmos o conceito de “algoritmo” - apresentado no capítulo 4 - o qual é definido como o processo que coleta e reúne informações sobre pesquisas e interações dos usuários de ambientes digitais, com o objetivo de produzir novos textos direcionados aos interesses dos internautas (PAVEAU, 2021). Para isso, o algoritmo usa *cookies*, URLs de rastreamento exclusivos, *pixels* de rastreamento e outros métodos para obter dados que serão analisados e usados na criação de anúncios para atrair a atenção de maneira mais eficaz.

Atualmente, as empresas utilizam os cookies de publicidade - a ferramenta de rastreamento considerada mais básica - que são pequenos arquivos salvos pelo navegador e armazenados nos dispositivos. Além dessa ferramenta, os anunciantes também rastreiam com base no seu dispositivo exclusivo, usando atributos do sistema operacional, navegador da web em uso, endereço IP, etc., visando a captar suas atividades on-line e enviar campanhas publicitárias específicas.

O ponto a que queremos chegar é o de que existe um espaço destinado ao armazenamento de rastros dos usuários e este espaço é acessado por empresas para produzir tecnotextos personalizados aos usuários da Web 2.0 - movimento semelhante ao dos locutores que acessam conhecimentos compartilhados em uma determinada sociedade para produzir seus textos. Desse modo, compreendemos que o espaço de armazenamento de rastros funciona como um contexto interno da rede e que chamaremos de “conjuntos de dados do sistema”.

A alusão estrita é o processo que faz uma menção indireta e não marcada a elementos recuperados contextualmente. Em ambientes digitais, a nosso ver, os textos alusivos podem apelar ao “conjunto de dados do sistema” e ao contexto para criação dos seus sentidos, como podemos ver nos exemplos seguintes:

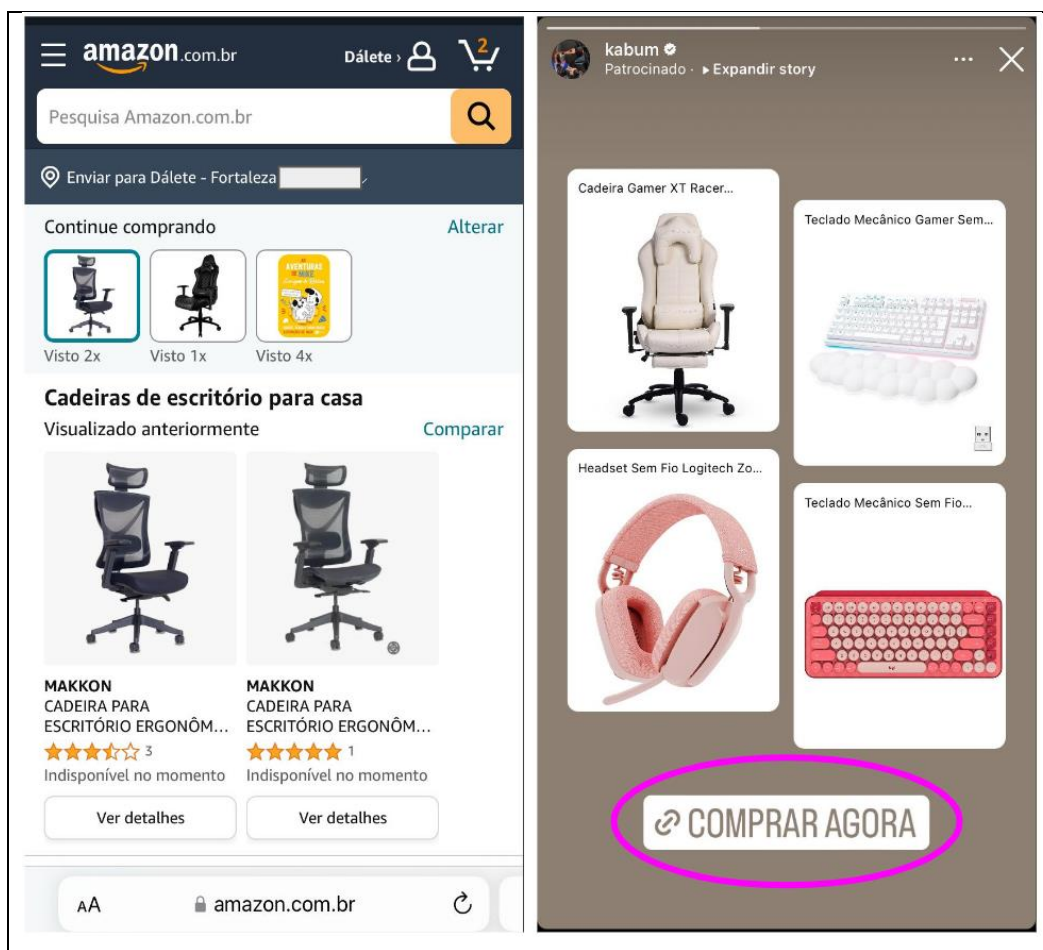
EXEMPLO (15) - Anúncios da @livupoficial



Fonte: cópia de tela do Instagram da autora.

O Instagram possui a função de *story* que é uma forma rápida de interação e que permite a publicação de fotos e vídeos mais informais, cuja duração máxima é de 60 segundos. Eles são exibidos por apenas 24 horas em uma barra específica, que serve para indicar quais os perfis seguidos pelo usuário publicaram *stories*. Entre um *story* de um perfil seguido e outro, aparecem os *stories* com anúncios publicitários de perfis não seguidos, como vemos no exemplo (15). A empresa de *delivery* alimentícios @livupoficial acessou o “conjunto de dados do sistema” para observar os rastros do perfil de @daletecastro e concluiu o seu interesse em refeições de preparo prático e rápido, com isso compôs um texto personalizado de uma possível necessidade da usuária.

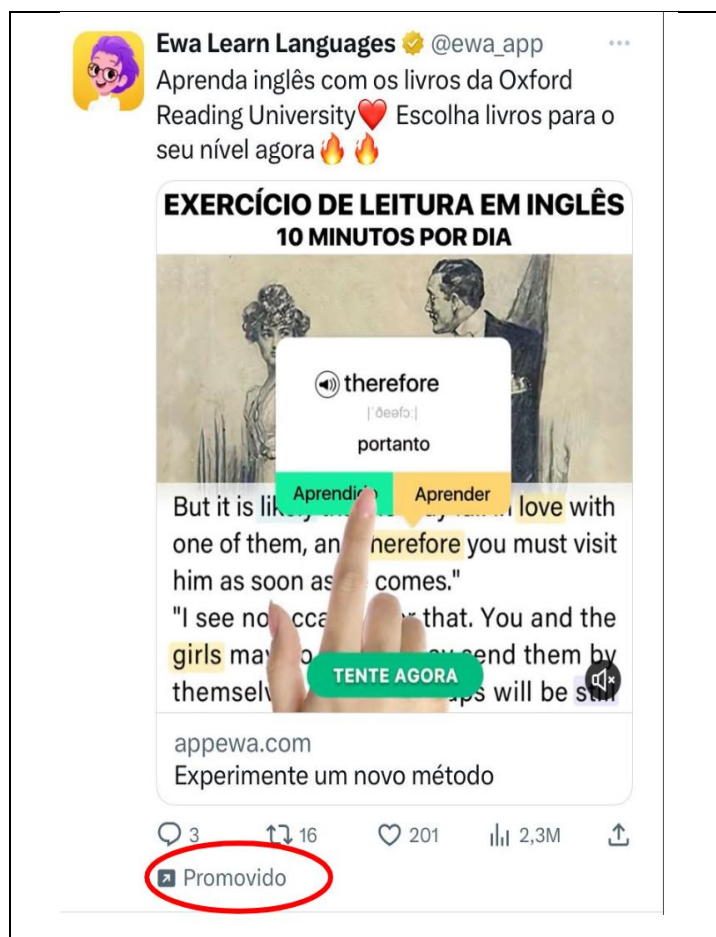
EXEMPLO (16) - Anúncios de cadeiras para escritório



Fontes: cópia de tela da conta Amazon e do Instagram da autora.

Na imagem esquerda, do exemplo (16), é possível perceber que a autora realizou algumas pesquisas sobre cadeiras ergonômicas no site da Amazon. Posterior a essa ação, um anúncio de uma cadeira gamer, criado pelo perfil da loja @kabum, foi exibido nos *stories* de @daletecastro. Esse fenômeno ocorreu devido ao rastreamento de dados. Novamente, as plataformas de comércio eletrônico e redes sociais acessaram ao “conjunto de “dados da rede do sistema” para utilizar cookies e outras tecnologias de monitoramento de atividades on-line dos usuários, coletando informações sobre suas pesquisas, cliques e interações. Esses dados foram analisados, permitindo a criação de anúncios personalizados à necessidade da pesquisadora-usuária.

EXEMPLO (17) – Anúncios de exercícios de inglês



Fonte: cópia de tela do Twitter da autora.

No *feed* do Twitter (X), percebemos um movimento semelhante ao Instagram: em meio aos tuítes dos perfis seguidos, há o tuíte publicitário de um perfil não seguido e que aparece com base nos dados encontrados no “conjunto de dados do sistema”. No exemplo (17), está um tuíte do perfil @ewa_app, pertencente ao aplicativo de ensino de idiomas Ewa Learn Languages. Novamente, a autora e usuária @daletecastro deixou rastros que indicavam uma inclinação ao aprendizado da língua estrangeira, e foram elaborados textos para atender a esta demanda.

Os ecossistemas Instagram e Twitter (X) possuem uma diretriz que obriga os anunciantes a indicarem que a publicação é de um anúncio publicitário e não é conteúdo de um perfil seguido. Por este motivo, são empregados os termos “patrocinado” ou “promovido” - como podem ser observados nos círculos vermelhos, em (15), (16) e (17). Em alguns casos, o tecnotexto publicitário acompanha um link que facilita o redirecionamento a outro aplicativo de compra ou a um contato de solicitação do pedido, como pode ser visto nos círculos cor-de-rosa, em (15) e (16).

Retomando, assumimos por **alusão estrita** a menção a um texto anterior através de pistas e marcações contextuais. É necessário ressaltar que, na tecnoscurividade, essas pistas alusivas não estão visíveis ao público geral, mas é restrito ao locutor alvo da publicidade. Observando os exemplos deste subtópico, percebemos que não há marcas explícitas que a autora fez certas buscas e demonstrou interesse por certos conteúdos, mas podemos recuperar o sentido por conta dos elementos que indicam publicidade, os quais apontam para uma retomada implícita ao “conjunto de dados do sistema” da rede na elaboração de textos personalizados. Ademais, mesmo que não seja instaurado por tecnobotões (como visto, por exemplo, em 6.1.1), consideramos a retomada ao “conjunto de dados do sistema” como alusão técnica por ser um texto elaborado pela máquina e direcionado ao humano.

6.2 Pós-dualismo em enunciados multissemióticos

Neste trabalho, propomos duas formas de materializar a intertextualidade, a **técnica** – como demonstrada nos exemplos anteriores – e a **expressa por meio dos recursos multissemióticos**, conforme abordado em diversos estudos que tradicionalmente mantinham uma visão dualista da linguagem, separando ações humanas de ações não humanas. No entanto, nossa pesquisa segue uma perspectiva da ecologia discursivo-digital, a fim de contribuir para os estudos linguístico-textuais, considerando os sistemas semióticos de um texto e destacando o caráter híbrido das práticas linguísticas na tecnodiscursividade, bem como as propriedades que a definem. Neste subtópico (6.1.4), analisamos os processos intertextuais que se materializam conforme a segunda maneira.

Além das citações instauradas por tecnossignos, como no tópico 6.1, temos as que apresentam traços mais discursivos, mas que lançam mão de recursos técnicos para adaptação e circulação nos meios digitais. Ilustramos com um tecnotexto publicado pelo atual presidente, Lula, na campanha das eleições presidenciais de 2022.

EXEMPLO (18) – Lula tuita que criou o MEI



Fonte: @LulaOficial. Disponível em:

<https://twitter.com/lulaoficial/status/1586446775576977408?s=46&t=L25RYTTP7lPnbw4CH9vb6w>.

Acesso em 30 out. de 2022.

Na publicação, @LulaOficial critica o seu opositor, Jair Bolsonaro, e o acusa de disseminar mentiras ao afirmar que o até então atual presidente deseja acabar com o MEI (Microempreendedor Individual). Abaixo das hashtags - que documentalizam e ampliam a divulgação do texto - nós temos um vídeo de uma fala recortada do presidente, em uma coletiva de São Paulo, onde declara:

Transcrição do vídeo

“O MEI foi criado por mim quando eu era Presidente da República, a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa foi criada por mim, o SIMPLES foi criado por mim. Ou seja, então, não

tem nenhuma explicação, eles estão na rede social dizendo que eu quero acabar com o MEI. Ou seja, eu, sinceramente, eu não consigo conceber como é que alguém disputa as eleições mentindo descaradamente a campanha inteira.”.

O vídeo do tuíte, com a durabilidade de trinta e dois segundos, recorta partes de um vídeo inteiro previamente elaborado, realizando o processo de citação de um trecho de um texto anterior. Os recursos de corte do vídeo, produção e divulgação do tuíte lançam mão de diversos aparatos tecnológicos para a **citação** nesse tecnotexto.

Com os exemplos de citação no Twitter (X), percebemos o valor da noção de “compósito”, de Paveau (2021). Embora o tecnotexto pareça verbal, a elaboração do texto exige o uso das ferramentas tecnológicas, ou seja, o linguístico sempre estará atrelado ao técnico nos ambientes digitais. Outro ponto é o de que as características do ecossistema digital intervêm para que seja multissemiótico, como é o caso da foto de perfil que estará presente, revelando a autoria da produção, dos tecnobotões de ação ou das palavras clicáveis, as quais são palavras e links simultaneamente, como vimos no tópico 6.1.2.

No processo intertextual de **paráfrase**, encontramos a repetição de um texto anterior com o objetivo de esclarecê-lo, criticá-lo, entre outros. Este recurso é muito utilizado em textos acadêmicos e precedido de uma citação com as expressões: “ou seja”, “em outras palavras”, “em outros termos”.

Na Web 2.0, alguns ecossistemas são planejados para que o internauta passe mais tempo na rede e não se sinta entediado. Por isso, as redes sociais estão em constante atualização, com o objetivo de serem sempre atrativas, de fácil acesso e com muitas informações em um período curto de tempo. Portanto, prevalece o caráter de concisão da modalidade escrita nos tecnotexto e, cada vez mais, as interações são feitas mediante um clique, como é o caso da curtida e das reações por emojis.

Na elaboração do tuíte, no Twitter (X), há uma limitação do número de caracteres digitados e a possibilidade de inserção de recursos - vídeos, fotos, sons, *gifs* e localização - para complementar as informações. À vista disso, a **paráfrase está sendo seguida por uma citação multissemiótica e dinâmica**, que está deixando de ser transcrita para ser inserida em formato de fotos ou vídeos. Analisemos:

EXEMPLO (19) – Print de post sobre Lula, de @choquei



Fonte: @choquei. Disponível em:
https://twitter.com/choquei/status/1653439645496094721?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA.
 Acesso em 02 mai. de 2023.

No exemplo (19), no emoji de sirene, indicando que o conteúdo da postagem é alarmante, há uma frase parafraseando a pergunta da jornalista ao Presidente da República; abaixo, entre aspas, há uma citação direta da resposta do Lula; por fim, há um trecho do vídeo da entrevista, cuja transcrição segue abaixo:

Transcrição do vídeo

Jornalista: *o senhor vai pro G7, no Japão?*
 Presidente: *não sei se vou, querida. Sinceramente, não sei se vou!*
 Jornalista: *qual o assunto da conversa com o presidente [...]* (inaudível)
 Presidente: *porque tô querendo ir ao Ceará e tô querendo ir à Bahia inaugurar escola de tempo integral.* (sic).

Percebemos, em (19), duas citações e uma paráfrase: a primeira **citação** está em aspas e faz uma menção direta e marcada à resposta do Lula; a segunda **citação** é o vídeo que

recorta um trecho, de um outro vídeo anterior completo, para inserir no tuíte; e a **paráfrase** é a primeira frase do tuíte que expressa a questão da entrevistadora, em termos diferentes e sem se distanciar do sentido do texto-fonte. Neste exemplo, percebemos a possibilidade de a paráfrase antecipar a citação, que pode aparecer tanto no formato de enunciados multissemióticos e dinâmicos - isolada por uma caixa retangular para limitar o espaço do texto-fonte e seguir as exigências do Twitter (X) de utilizar as ferramentas da plataforma e poucos caracteres digitados - quanto no modelo cristalizado entre aspas.

Além dos casos em que a citação aparece via enunciados multissemióticos, temos o cenário em que o processo intertextual da paráfrase não sucede mais uma citação, na verdade, elas retomam um texto inserido na memória coletiva através de alusões amplas, como está elucidado com o exemplo. Vejamos:

No segundo turno do embate das eleições presidenciais no Brasil, em 2022, o goleiro Bruno Fernandes, condenado pela morte da namorada Eliza Samudio em 2010, declarou voto ao candidato Jair Bolsonaro (PL), seguindo o argumento de que o candidato Lula (PT) era um ex-presidiário que não havia cumprido toda a pena e, por isso, não estava apto para liderar um país.



Na imagem, temos a captura de tela do vídeo que Bruno Fernandes afirma:

Transcrição do vídeo

“Hoje me perguntaram se eu sou 13 ou se eu sou 22. Eu, pessoal, eu sou a favor de um país justo, que seja um país honesto, sabe. E eu coloco é na balança aquilo que foi feito durante todo esse tempo aí, e eu sei que o 22 está fazendo um bom trabalho, no meu modo de pensar, minha opinião, tá? Então é isso, e ponto final. Mas eu acho que é um país da hipocrisia tão grande, um jogo de interesse tão grande, porque uma pessoa que foi condenada, ela volta a liderar um país. Ela perdeu em todas as instâncias e volta a liderar o país, e não cumpriu a pena, e não foi inocentada, não foi inocentada, tá? Eu cumpro a minha pena e cumpro com as minhas obrigações, tá? E eu acho que eu também teria o direito de voltar e exercer a minha profissão, é isso. Entendeu, pessoal? Esse é o meu ponto de vista, é o que eu acho, é o que eu penso [...] Desculpa aí o outro lado aí, pessoal do 13 aí, mas, né, aqui é 22. Então, vamos que vamos, galera.” (sic).

Essa fala gerou uma grande repercussão no ecossistema Twitter (X), pois o público considerou como hipocrisia da parte de Bruno, visto que o goleiro foi preso por homicídio de Eliza, sua ex-companheira. Com isso, diversos tuítes surgiram parafraseando trechos da fala de Bruno Fernandes, como podemos observar no exemplo a seguir:

EXEMPLO (20) – Print do tuíte de @FelippeRegazio



Fonte: @FelippeRegazio. Disponível em:
<https://twitter.com/felipperegazio/status/1579112647865556992?s=46&t=BHbcZLOCX0P-m7DTREUhhA>. Acesso em 02 nov. de 2022.

No exemplo (20), temos o @FelippeRegazio parafraseando a postagem do goleiro Bruno. No entanto, o tuíte é um espaço que disponibiliza apenas 280 caracteres para o locutor elaborar seu texto, logo é comum encontrarmos apenas a paráfrase no tecnotexto, sem a presença explícita do texto parafraseado. Habitualmente, fora da Web 2.0, o locutor explicita a referência do texto-fonte parafraseado, para não cair no plágio. Nos tecnotextos, os usuários tuitam conforme o assunto do momento, sem julgar necessário apontar a fonte já instaurada no conhecimento compartilhado.

Dessa forma, concordamos com Cavalcante (2021), que defende que processos estritos lançam mão da alusão ampla e cremos que, nos tecnotextos, essa constatação condiz bastante com o que acontece no processo de paráfrase.

No tocante à alusão estrita, este processo também ocorre de maneira semelhante às análises de textos multimodais, feitas nas pesquisas dualistas. Entretanto, mostramos como este processo se efetua no ambiente virtual por meio do exemplo seguinte:

EXEMPLO (21) - Jeffrey Dahmer e Jair Bolsonaro



Fonte: @memecrata. Disponível em:
<https://twitter.com/memecrata/status/1577709203678007296?s=46&t=49LPvbKLVzLTz-QxecPICQ>.
 Acesso em: 05 out. 2022.

Em outubro de 2022, foi divulgado um vídeo de Jair Bolsonaro afirmando que participaria de um rito indígena e comeria carne humana. Em meio à polêmica, o perfil do Twitter (X) @memecrata compartilhou o tuíte acima com a imagem citada do pôster de divulgação da série *Dahmer: um canibal americano*, inspirada em crimes reais cometidos pelo serial killer canibal Jeffrey Dahmer, o qual assassinou 17 homens, nos Estados Unidos. Ao lado direito, nós temos a paródia do pôster da série de sucesso da Netflix e encontramos a imagem do ex-presidente do Brasil, a fictícia série é chamada de “Jair: um corrupto miliciano”. Nos extremos das imagens dos pôsteres, lemos a frase “SEPARADOS POR 699.983 VÍTIMAS”.

Com esse tuíte, podemos apontar três alusões realizadas por remissão a conhecimentos compartilhados por uma sociedade. A primeira **alude estritamente** ao vídeo de Bolsonaro e coloca-o na posição de canibal. A segunda alusão está na retomada aos números de vítimas da COVID-19, no Brasil, causados pelo atraso das vacinas, uma **alusão ampla** a diversos textos que noticiaram o fato. A terceira alusão, mais **ampla**, compara o número de vítimas de Jeffrey Dahmer (17 pessoas) com as vítimas da gestão de Jair Bolsonaro, insinuando que, se Dahmer tivesse matado 699.983 pessoas a mais, ele e Bolsonaro não teriam sido "separados na maternidade".

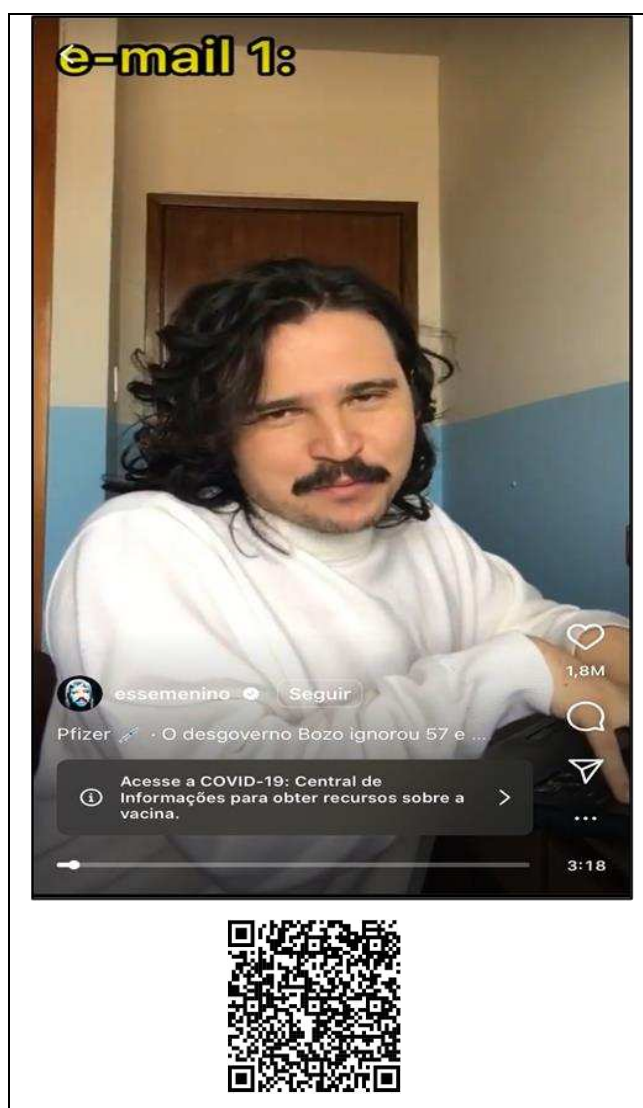
Com o exemplo (21), entendemos que o @memecrata constrói seu tuíte recorrendo a diversos processos intertextuais: para fundamentar seu texto, apela a diversos conhecimentos cristalizados na memória de uma determinada comunidade e faz esse movimento por meio de insinuações contextuais, configurando um caso de **alusão ampla**; para criticar a atitude do Bolsonaro, alude estritamente ao vídeo com o ex-presidente, afirmando que comeria carne humana; e, em um processo de transformação de elementos do card da série (imagem do protagonista e título da obra), o autor realiza uma paródia. Note que um novo referente é estabelecido aqui, ambos são idênticos, diferenciados apenas por 699 vítimas. Foi elaborada uma estratégia argumentativa, também aproveitando-se do conhecimento comum da crença de que duas pessoas são tão parecidas que poderiam ter sido separadas na maternidade.

Mencionamos, ainda, os componentes do compósito homem-máquina (Paveau, 2021). Para a elaboração do texto (21), o locutor @memecrata se enquadra nas características do ecossistema, a saber: a autoria do texto é indicada por uma foto no canto superior esquerdo e o nome do perfil, que pode ou não ser o nome de registro ou uma brincadeira de palavras; o número de caracteres digitados é reduzido e há o uso da ferramenta da adição de imagens. Apesar de o exemplo (21) parecer um simples caso de alusão em texto multissemiótico, a elaboração e a circulação do texto só foram possíveis com o hibridismo humano-máquina, que não pode ser negligenciado em um estudo pós-dualista, como o nosso.

6.2.1 Componentes humano-máquina: paródia

No que se refere ao processo intertextual de **paródia**, divergindo dos processos anteriores que podem ser manifestados por meio de tecnossignos, observamos que não são recursos digitais nativos que determinam o conteúdo parodiado, mas a repetição transformada de partes do texto-fonte, com o propósito de fazer humor. Os recursos técnicos, todavia, são empregados para a elaboração e divulgação da postagem. Vejamos os textos a seguir:

EXEMPLO (22) – Paródia @esmenino e @aline.dutraf



Fonte: @esmenino. Disponível em:
<https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?igshid=YWJhMjlhZTc=>.
Acesso em 07 nov. de 2022.

Transcrição de trecho do vídeo

“‘Querido presidente Bolsonaro’. Não! ‘Presidente Bolsonaro’. Não! ‘Bolsonaro, aqui quem fala é ela, a Pfizer. Tá passada? Adivinha?’. Interrogação, interrogação. ‘As vacinas tão no grau, mami!’’. Exclamação, exclamação, exclamação. ‘Bota a cerva pra gelar, a carne na braza. Beijinho científicos, até já. Pfizer’[...]” (sic).



Fonte: @aline.dutraf. Disponível em:
<https://www.instagram.com/tv/CQZvTXlhlFm/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
 Acesso em 07 nov. de 2022.

Transcrição de trecho do vídeo

“‘Querido amado aluno’. Não! ‘Amado aluno’. Não! ‘Aluno, aqui quem fala é ela, a profa. Tá passada? Adivinha?’. Interrogação, interrogação. ‘Não recebi o seu trabalho, mami!’’. Exclamação, exclamação, exclamação. ‘Vou estender o prazo pra enviar, envia e arrasa. Beijinho educacionais, até já. Profa’[...]” (sic).

No exemplo (22), o locutor @esmenino assume a identidade da vacina Pfizer tentando entrar em contato com Jair Bolsonaro para fechar negociação. Entretanto, o ex-presidente não lhe responde, e o vídeo se desenvolve com o simulacro da vacina Pfizer escrevendo diversos e-mails, alternando entre seus momentos de reflexão em um processo de buscar os melhores termos e a identidade assumida nos e-mails, as quais vão se modificando a cada mensagem sem resposta. O vídeo tem um tom humorístico e critica, por alusão ampla, a postura da gestão de Jair Bolsonaro, que deixou de responder cinquenta e três (53) e-mails da farmacêutica Pfizer, que, por sua vez, desejava um posicionamento sobre a compra das vacinas para a Covid-19.

No tecnotexto seguinte, a locutora @aline.dutraf se coloca no papel social de professora, enviando e-mails ao aluno que está devendo o trabalho da escola e, por isso, não tem nota. Assim como no vídeo o @esmenino, a professora dá diversas chances ao estudante e não obtém sucesso no contato. Vemos que o segundo texto faz uma paródia do primeiro, na medida em que @aline.dutraf usa o mesmo formato de vídeo, a mesma entonação, o mesmo ritmo, entre outros elementos, numa clara imitação de estilo. O que diverge é o conteúdo, que busca atingir um público diferente do vídeo do @esmenino.

Assim como nas paródias do Instagram, no Twitter (X), os recursos digitais proporcionam a elaboração e divulgação do tecnotexto, mas não determinam o conteúdo parodiado com ferramentas do ecossistema. Analisemos:

EXEMPLO (23) – TOC TOC TOC





Fonte: @abocadelobo. Disponível em:
https://twitter.com/abocadelobo/status/1653749650879393794?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA
 . Acesso em: 03 mai. 2023.

Em outubro de 2022, viralizou o vídeo do lado esquerdo em que Lula está assistindo ao capítulo da novela *Pantanal*, no camarim dos Estúdios Globo, antes do debate presidencial, transmitido pela emissora. Em maio de 2023, saiu a notícia de que o ex-presidente Bolsonaro teve o celular apreendido pela Polícia Federal (PF) para investigação do caso de emissão de cartões falsos de vacinação da covid-19 para ele e sua filha menor de idade. Consequentemente, a Polícia Federal apontou indícios de que os envolvidos teriam cometido crimes como associação criminosa, falsidade ideológica e corrupção de menores.

Com isso, apoiadores do atual presidente parodiaram o vídeo de Lula assistindo *Pantanal* e o colocaram diante da TV assistindo à ex-deputada federal Joice Hasselmann (PSDB), contando a seguinte história, no plenário da Câmara:

“TOC, TOC, TOC! Três batidinhas na porta. E aí, quem tá do lado de dentro pergunta: ‘quem é?’ e a resposta é: ‘é a Polícia Federal’ (sic)”.

Na época, Joice Hasselmann se referia à prisão de Milton Ribeiro, ex-ministro da Educação do Governo Federal, por suspeita de corrupção e lobby de pastores evangélicos. Atualmente, a paródia (vídeo da direita) se refere à possível prisão de Jair Bolsonaro e insinua que Lula está se agradando com a infeliz situação do ex-presidente. O processo de transformação não se materializou com cliques em botões que reendereçam ou transformam o conteúdo em um novo. Entretanto, sua estruturação só foi possível por mérito do hibridismo entre o homem e a máquina, que proporcionou as ferramentas de corte de vídeo, a sobreposição de um vídeo no outro, a publicação em formato de tuíte e a disseminação no ecossistema Twitter (X).

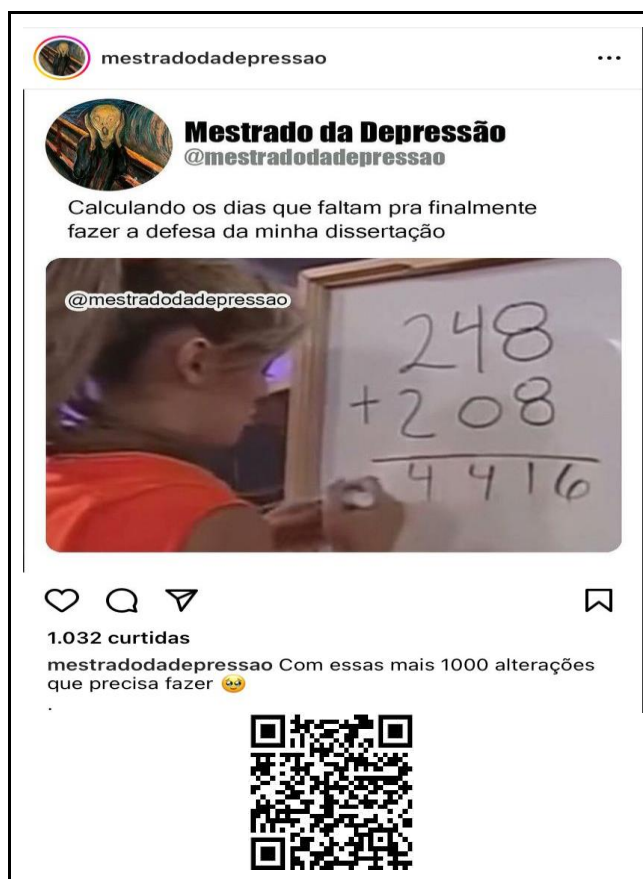
É relevante considerarmos que o processo de paródia é sempre contextual, visto que os sentidos lúdicos e crítico-apreciativos são elaborados com base em um conhecimento compartilhado em uma determinada sociedade, isto é, apelam ao processo intertextual alusivo. Devido a essa característica necessariamente contextual, compreendemos que a paródia nos tecnotextos não se materializa por meio de um botão específico, embora os locutores lancem

mão de ferramentas tecnológicas para a produção - como o recurso de gravação fornecido pela função de *reels* e compartilham por meio do mesmo artifício ou de sobreposição de vídeos e compartilhamento via tuíte. Em virtude disso, apenas ratificamos a definição de paródia pensada em concepções dualistas de que este processo se dá por meio das mudanças de forma ou conteúdo do texto-fonte, com o propósito comunicativo mais humorístico ou crítico-apreciativo. O olhar para o tecnológico não interfere, pois, na configuração da paródia em si.

6.2.2 Alusão ampla na tecnodiscursividade

A **alusão ampla** é definida como o processo intertextual que recorre - implicitamente - a um conjunto de textos ou a um conhecimento compartilhado por uma determinada comunidade. A compreensão dos sentidos elaborado pela alusão ampla não é obrigatória para todas as bolhas, visto que os textos são planejados para um interlocutor projetado e não para todos os grupos sociais. Observemos:

EXEMPLO (24) – Mestrandos



Fonte: @mestradodadepressao. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Crb1tCdpm2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
 Acesso em 05 mai. de 2023.

Em 2016, viralizou um vídeo da modelo Dayane Rivas participando do programa *Combate Guatemala*, do Canal 3. Na ocasião, Dayane precisava realizar operações matemáticas para ganhar a prova, mas ao somar “ $248 + 208$ ”, a modelo começou o cálculo da esquerda para a direita e anotou o resultado “4416” na lousa.

O @mestradodadepressao é um perfil do Instagram que compartilha conteúdos humorísticos e satíricos sobre possíveis situações da vida do estudante de pós-graduação. Para criar a postagem, o locutor utilizou uma captura de tela do momento em que a modelo anotou o resultado errado para representar os mestrandos calculando quanto tempo faltava para concluir a pós-graduação, na expectativa de que faltasse pouco. Mas, devido às inúmeras atividades exigidas, o tempo sempre se estende por mais algum período não esperado.

O humor é gerado por uma alusão ampla ao conhecimento compartilhado de que o tempo para se preparar para a defesa é bastante limitado e há muitas atividades a serem realizadas. O equívoco no cálculo dos dias foi uma descoberta que o mestrando percebeu em relação ao prazo de entrega de seu trabalho. O humor está nesse erro de cálculo por, justamente, apontar um desespero do mestrando. O autor planejou seu texto para a bolha em que seus seguidores estão inseridos, com o objetivo de gerar a sensação de identificação com a situação retratada no texto. Provavelmente, este texto não teria o mesmo efeito se fosse compartilhado entre estudantes do ensino médio, ou seja, em outra bolha.

Dialogamos com a ideia de Cavalcante (2021) e assumimos que os processos estritos se criam e se recriam, em novos contextos, mediante a alusão ampla. Entretanto, a condição para que a intertextualidade - logo, alusão ampla - efetive-se é a evidência da retomada entre os textos. Quanto menos marcada esta evidência, mais riscos existem de a alusão ampla se dissolver nas relações dialógicas bakhtinianas. Aprofundaremos esta discussão por meio do processo de citação.

No início do capítulo 3, na figura (4), temos uma citação com apontamento explícito do texto-fonte, evidenciado por aspas e referência com páginas. Neste caso, não identificamos marcas de alusão ampla, o fato de as autoras utilizarem uma citação sobre a temática das “representações sociais” e um texto que já foi amplamente divulgado não configura marcas ou evidência a retomada de diversos textos compartilhados no contexto. Portanto, trata-se de uma relação dialógica, pois a figura (4) revela a existência de outras obras que tratem do mesmo conteúdo e que podem servir de inspiração ou influxo.

Além das citações caracteristicamente sinalizadas, temos as citações que não exigem demarcações por fazerem parte da memória dos participantes da bolha. Nestes casos, identificamos que as **citações** se realizam lançando mão da **alusão ampla**, vejamos o exemplo:

EXEMPLO (25) – Marvel e D.C



Fonte: @filmesnseries. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/B4D6DsHAekx/?utm_medium=copy_link: Acesso em: 18 jan. de 2023.

O exemplo (25) se desenvolve em torno da disputa comercial entre as franquias de filmes de herói: Marvel e D.C, e percebemos a demonstração dessa rivalidade através de textos intertextuais. Na imagem à esquerda, há um recorte da cena do filme *Vingadores: Ultimato* (2019), da Marvel, no momento do embate entre a Feiticeira Escarlata (heroína) e o Thanos (anti-herói). O diálogo dos personagens foi bastante divulgado nas redes sociais por meio de paródias, de paráfrases e de citações.

Na direita, temos um tuíte com uma relacionalidade estabelecida por comentários entre Joker (anti-herói) da D.C e o Thanos da Marvel – exemplo dessa larga disseminação das falas em novos contextos. Nesta imagem, vemos o vilão Joker afirmando que é o vilão mais amado e o Thanos - ex vilão mais amado - citando a frase da Feiticeira Escarlata: “Você tirou tudo de mim”, a que o Joker respondeu citando a frase do próprio Thanos, no seu último filme: “eu nem sei quem você é”. Neste exemplo, vemos que a citação não é indicada por marcas tipográficas e é construída fazendo uso de alusão estrita e ampla ao diálogo da cena do filme, e

ao conhecimento compartilhado, no universo *geek* (público alvo dessas produções), sobre a disputa entre as franquias D.C e Marvel.

Ao longo dos subtópicos do capítulo 6, observamos que os processos estritos são sustentados pela alusão ampla. No entanto, devemos atentar para os processos mais delimitados e com marcações evidentes da retomada a um único texto, como é o caso da citação, para não associar o amparo da alusão ampla ao dialogismo, como aponta Cavalcante (2021):

As intertextualidades se compõem, inevitavelmente, de relações dialógicas (na perspectiva bakhtiniana), contudo nem tudo o que é dialógico é obrigatoriamente intertextual. As relações dialógicas são uma condição ideológica de todo uso linguageiro e nunca se findam: elas sempre vão existir, qualquer que seja o acontecimento textual; já as intertextualidades (estritas ou amplas) não são comprováveis, porque nem sempre há evidências da ligação entre textos, únicos, ou tomados em conjunto, para que deles se possa inferir sobre gêneros e estilos (p. 177).

Para as tecnodiscursividades, assumimos que os tecnotextos sempre serão dialógicos e, quando houver evidências comprováveis de uma repetição, menção, adaptação ou transformação - explícita e/ou implícita - a textos anteriores, estaremos lidando com as intertextualidades estritas e amplas. Vejamos no quadro abaixo as diferentes formas de intertextualidade em ambientes digitais, que sintetizam e organizam os conceitos discutidos ao longo deste capítulo:

Quadro 9 – Intertextualidades em ambientes digitais

INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS		
O compartilhamento de conteúdo	CITAÇÃO	Refere-se ao uso de partes específicas de um texto anterior em um novo contexto comunicativo, acompanhada sempre de comentários.
	TRANSPosição	Envolve a modificação dos espaços internos ou a conversão entre diferentes ecossistemas. Esse processo adapta o conteúdo de um ambiente para outro, preservando a essência da informação enquanto a recontextualiza de acordo com as especificidades do novo espaço comunicativo.
Palavras clicáveis	REFERÊNCIA	Consiste na menção de conteúdos por meio do uso de palavras-chave clicáveis, como arroba (@) e hashtag (#), que desempenham funções importantes de marcação, redocumentação e rastreabilidade. Essas referências facilitam a localização e a conexão de informações dentro dos ecossistemas digitais, contribuindo para a organização e a navegação de conteúdos.
Conjunto de dados da rede	ALUSÃO ESTRITA	Refere-se a textos que apela ao “conjunto de dados do sistema” e ao contexto específico para a criação de seus significados.
Enunciados multissêmicos	PARÁFRASE	Envolve a retomada de um texto, inserido na memória coletiva, através de alusões amplas que reformulam a ideia original em novas formas linguísticas. Esse processo permite que o conteúdo seja reinterpretado e adaptado a diferentes contextos comunicativos enquanto mantém a conexão com o texto original.
	PARÓDIA	Caracteriza-se pela repetição transformada de partes do texto original com a intenção de provocar humor. A transformação é realizada por meio de recursos técnicos específicos que auxiliam na elaboração e na disseminação da postagem, proporcionando uma nova perspectiva crítica e humorística sobre o conteúdo original.
Alusão ampla	Serve como o ponto de partida para todos os processos intertextuais. Esse tipo de alusão cria um contexto abrangente que facilita a integração e a adaptação de diversos textos e informações, estabelecendo uma base para a intertextualidade em múltiplos níveis.	

Fonte: elaboração própria.

Este quadro resume e esclarece as categorias discutidas, proporcionando uma visão clara das formas de intertextualidade que sustentam os tecnotextos. Com isso, cumprimos o objetivo de descrever o modo de funcionamento das intertextualidades na Web 2.0. O capítulo demonstrou como os conceitos cristalizados no aparato teórico da Linguística Textual podem ser operacionalizados, levando em consideração os diversos tipos de tecnotextos e as ferramentas digitais. Em vez de forçar um encaixe simplificado na tecnodiscursividade, exploramos como esses conceitos podem ser aplicados e compreendidos dentro da Web 2.0, oferecendo uma abordagem detalhada e prática dos processos intertextuais em ambientes digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não me cobre a noite e o frio
Nem me queira conter os ciclos
Porque o destino do sol
É destinar cada brilho.”.
(Mônica Magalhães Cavalcante)⁴

Esta pesquisa, realizada sob uma perspectiva pós-dualista, explorou o hibridismo humano-máquina com o objetivo central de analisar e de descrever os processos intertextuais, especialmente considerando a tecnodiscursividade. Buscamos ampliar os modos de expressão em textos digitais nativos, investigando como a interação entre humanos e tecnologias redefine a produção no ambiente digital. Os resultados obtidos podem ser resumidos nos seguintes pontos:

1. Em eventos enunciativos digitais, a retomada de textos específicos pode acontecer de duas maneiras: técnica, usando recursos da máquina, e não técnica, por meio de enunciados multissemióticos.
2. As interações digitais, como postagens, comentários e curtidas nas redes sociais, são relacionadas aos conceitos de Goffman sobre comunicação face a face, dirigidas a seguidores e visualizadas por não seguidores em perfis abertos.
3. O conceito de "tecnodiscurso relatado", segundo Paveau (2021), é discutido em nossa pesquisa, mostrando que pode ocorrer por citações (comentários ao compartilhar) ou transposições (compartilhamento sem comentário).
4. Na tecnodiscursividade, certos gestos tecnolinguísticos, como @ e #, têm a função de produzir referência, não apenas alusão, requerendo classificações distintas.
5. Textos publicitários patrocinados em redes sociais, otimizados por algoritmos, criam conteúdo direcionado ao interesse do usuário, lançando mão de informações presentes no “conjunto de dados da rede”, semelhante à alusão estrita.
6. A falta de espaço em tuítes e a viralização de conteúdos levam a paráfrases que se baseiam em conhecimentos compartilhados na memória coletiva, presumindo que sua "bolha" já conhece o assunto.

⁴ Trecho do poema *Sou* (2002), publicado na Tese de Mayara Arruda Martins (2024).

7. A paródia no ambiente digital não é definida por uma ferramenta tecnológica específica, mas pela transformação de conteúdo com humor, resultando de um hibridismo humano-máquina.
8. Atestamos a hipótese de que as intertextualidades amplas permeiam todos os casos intertextuais, abordando assim uma variedade de contextos comunicativos digitais.

Para futuras pesquisas, consideramos crucial ampliar a noção de intertextualidade, levando em conta que, anteriormente, o interlocutor não precisava recuperar informações, enquanto atualmente nem mesmo o locutor precisa ter essa consciência, dado que a intertextualidade pode ser instaurada por recursos da máquina, não dependendo de uma ação consciente. A emergência desse contexto levanta a necessidade de compreender os hiperlinks, questionando se apenas a ação de ligar os textos constitui intertextualidade ou se o conteúdo das páginas vinculadas é relevante para considerá-la como tal.

Além disso, é fundamental investigar como as intertextualidades na tecnodiscursividade podem ser integradas ao ensino, reconhecendo que a disseminação do conhecimento começa na universidade e se estende à sociedade, contribuindo para a melhoria da vida de todos. Este compromisso, tanto como pesquisador quanto como professor, ressalta a fulcralidade de explorar novas abordagens educacionais que incorporem as dinâmicas intertextuais digitais, preparando os alunos para a complexidade comunicativa do mundo contemporâneo.

Podemos concluir que esta pesquisa apresenta uma significativa contribuição ao campo da Linguística Textual ao abordar os processos intertextuais em textos digitais nativos sob uma perspectiva pós-dualista. Ao considerar o hibridismo humano-máquina, nosso estudo revela uma diversidade de formas nas quais a intertextualidade se manifesta nos eventos comunicativos digitais e muito coopera para o avanço do quadro de estudos linguísticos, sobretudo os voltados à perspectiva textual.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. **Oração para desaparecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2004.
- BEAUGRANDE, R. A. **New foundations for a science of text and discourse**: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.
- BRITO, Mariza Angélica Paiva; FALCÃO, Maria Dayanne Sampaio; SANTOS, José Elderson de Souza. Apelo a um exterior: as alusões como estratégias argumentativas. **Revista de Letras, Fortaleza**, v. 2, n. 36, p. 23-35, jul./dez. 2017.
- CARVALHO, A. P. L. de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.
- CAVALCANTE, M. M. AS INTERTEXTUALIDADES: O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS NO ENSINO. In: WIEDEMER, M.L; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Texto e gramática**: novos contextos e novas práticas. São Paulo: Pontes, 2021, p. 193-197.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; CORTEZ, S.; PINTO, R.; PINHEIRO, C. L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)textos linguísticos**, v. 13, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; OLIVEIRA, R. L. A relevância do texto e da interação no contexto digital. *Calidoscópio*, **19**(3): 333-344, 2021
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. São Paulo: Pontes, 2022.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 176 p. 2012
- CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. DA G. DOS S.; CARVALHO, A. P. L. DE. Sobre intertextualidades estritas e amplas / about intertextualities strong and wide. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, 2017.
- CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P.; ZAVAM, A. Intertextualidade e ensino. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria. **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 109-127.
- DUARTE, A. L. M; MUNIZ-LIMA, I. Análise do Discurso Digital: questões teóricas e práticas. In.: PAIVA, F. J. O; SILVA, E. D (org.). **Estudos da Linguagem**: interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva. Volume 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

DUARTE, A. L. M; MUNIZ-LIMA, I. MUNIZ-LIMA, I. Os discursos nativos digitais e o ensino de Língua Portuguesa. In: Jenerton Arlan Schütz; Leandro Mayer; Marco Antônio Franco do Amaral. (org.). **Um olhar sobre a educação contemporânea:** abrindo horizontes, construindo caminhos. 1ed.Cruz Alta: Ilustração, 2020, v. 1, p. 269-279.

ÉMÉRIT, L. La publication multisite : un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques. **Essais** [En ligne], octobre 2020.

FARIA, M. da G. dos S. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais.** 2014. 118f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

GENETTE, G. **Palimpsestes** – la littérature au second degree. Paris: Seuil. Tradução para o Português. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010 [1982].

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas. 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HANKS, W. F. Texto e textualidade. Tradução de Marco Antônio Rosa Machado. In: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). **Língua como prática social:** das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LATOUR, B. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LEGIÃO URBANA. **Quase sem querer.** Interpretação: Renato Russo. Compositores: Renato Russo, Dado Villa Lobos, Renato Rocha. In: DOIS. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 1 disco sonoro (4 min 42 s), faixa 2.

LIMA, Isabel Muniz. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

MARTINS, Mayara Arruda. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital** – análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MERZEAU, Louise. Du signe à la trace, où l'information sur mesure. **Hermès**, n.53, p. 23-31, 2009.

NOBRE, K. C. **Critérios classificatórios para processos intertextuais**. 2014. 128f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística Universidade Federal do Ceará, 2014.

PAVEAU, M. Discursos e links: hipertextualidade, tecnodiscursividade, esrileitura. Tradução de Maria Eduarda Giering e Luciana Cavaleiro. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Texto, discurso e argumentação**: traduções. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, M. Realidade e discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. Tradução de Jessica Oliveira Fernandes e Rafael Lima de Oliveira. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Texto, discurso e argumentação**: traduções. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PIÉGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. Traduzido por Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. *Interseções*, n. 1, p. 220-244, 2010.

SANT'ANNA, A. R. de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SOUZA SANTOS, J. E. de. **Caracterização de traços intertextuais do plágio e análise de sanções socialmente impostas**. 2019. 144 f. Dissertação em andamento (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOUZA, I. C.; CONCEIÇÃO, R. S. Hipertexto como ferramenta no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa e sua utilidade nas provas de Linguagens, Códigos e Suas tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio de 2010 a 2014. **ENFOPE**, v. 8, p.1, 2015.

ANEXOS

EXEMPLO (1) – Print do retuite de Lula



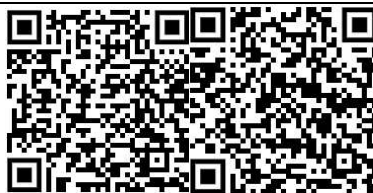
Fonte: @LulaOficial. Disponível em:
<https://twitter.com/janjalula/status/1614975664125353985?s=46&t=gGAlv6CU6Htd9v9OFZjXPA> .
Acesso em 18 jan. de 2023.

EXEMPLO (2) – Postagem do Jornal *O Povo*

Fonte: @opovo. Disponível em:
<https://twitter.com/opovo/status/1615684176652427266?s=46&t=gGAlv6CU6Htd9v9OFZjXPA>.
 Acesso em 18 jan. de 2023.

EXEMPLO (3) – Família Boca Rosa





Fonte: @Micamayara e @Suetths Disponível em:
<https://twitter.com/micamayara/status/1615694900376346625?s=46&t=phLTAwE5ozIKoI0EHm3dqQ/>
<https://twitter.com/suetths/status/1616057917618229248?s=46&t=phLTAwE5ozIKoI0EHm3dqQ/>
 Acesso em 19 jan. de 2023.

EXEMPLO (4) – Print de retuite de @MarizaB



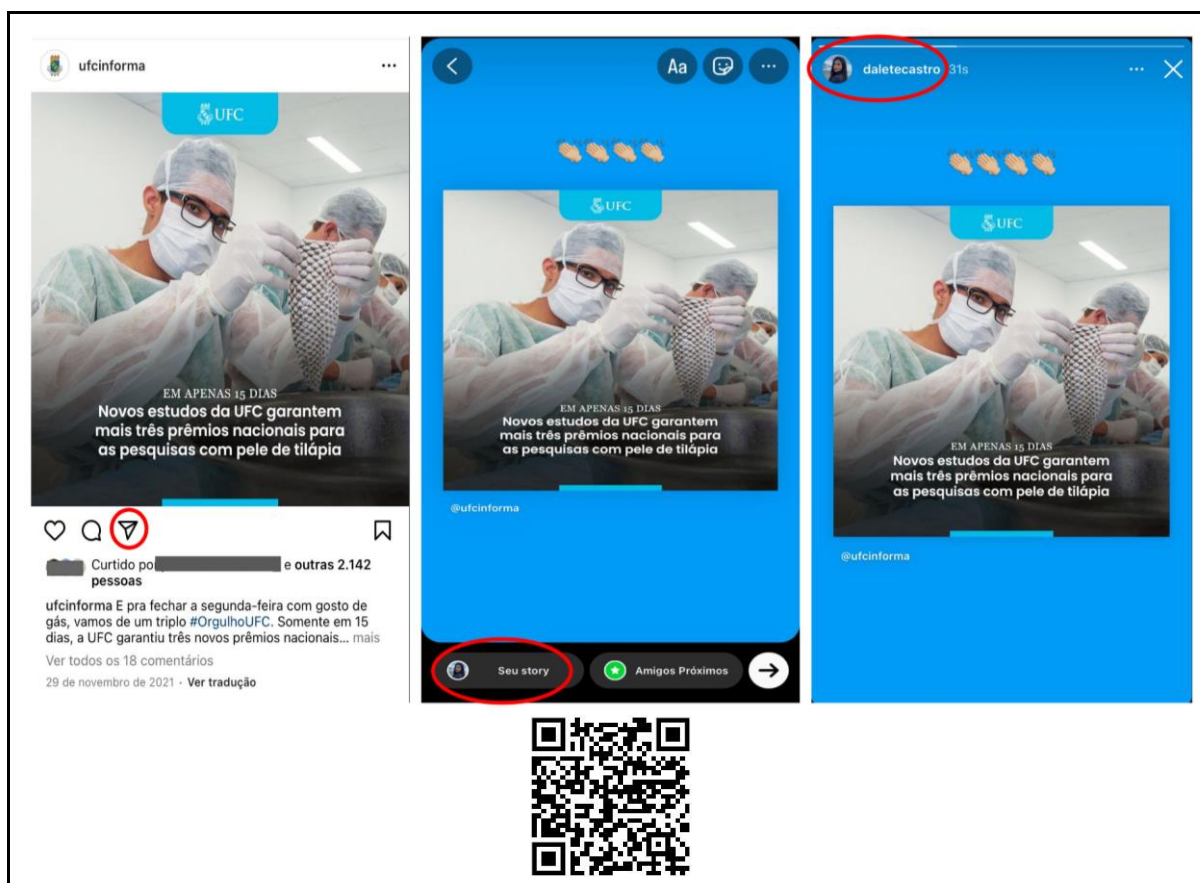
Fonte: @marizabrito. Disponível em:
<https://twitter.com/marizabrito/status/1567523639779540992?s=21&t=vywdnacNhgmmpu4qoxNQVSA>
 Acesso em 7 set. de 2022.

EXEMPLO (5) – Retuíte de @MarizaB



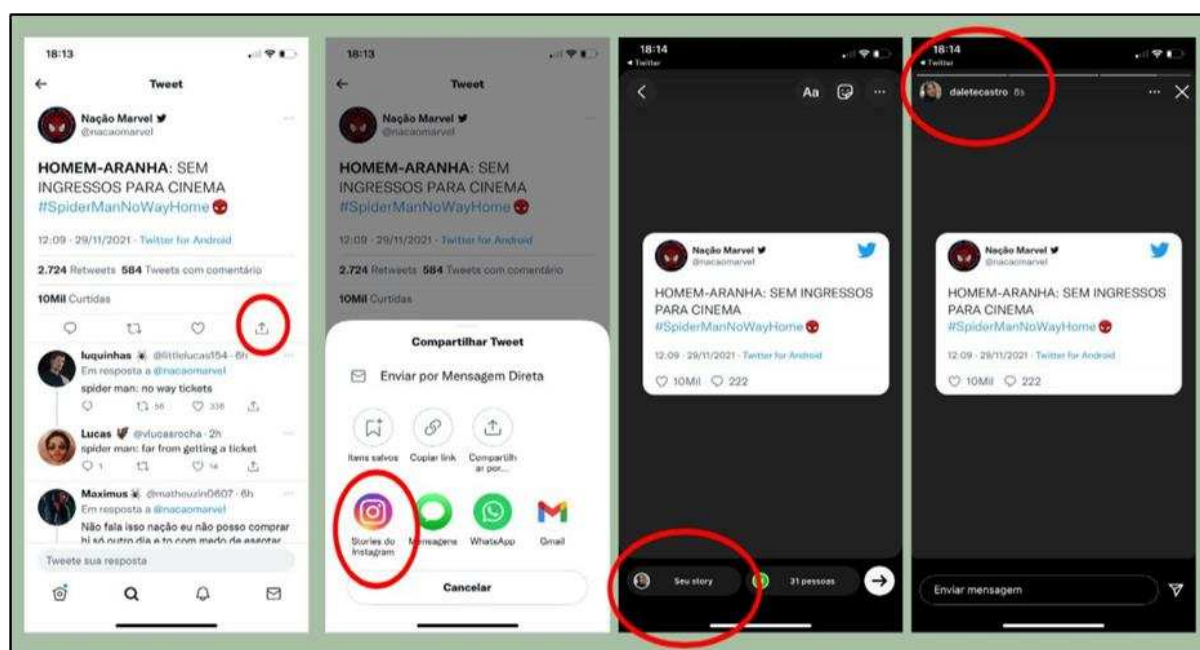
Fonte: @marizabrito. Texto-fonte disponível em:
<https://twitter.com/ptbrasil/status/1565847779217481729?cxt=HHwWgoC9ycmQgbsrAAA>.
Acesso em: 07 set. de 2022.

EXEMPLO (6) - Print do processo de citação



Fonte da primeira imagem: @ufcinforma. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CW38RzyMLmx/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
 Acesso em 01 mai. de 2023.

EXEMPLO (7) – Print do processo de transposição



Fonte: cópia de tela do Twitter (X) e Instagram da autora.

EXEMPLO (8) – story de @jobsoncast.prof



Fonte: cópia de tela do *story* do Instagram @jobsoncast.prof

EXEMPLO (9) – Captura de tela de tuíte e post





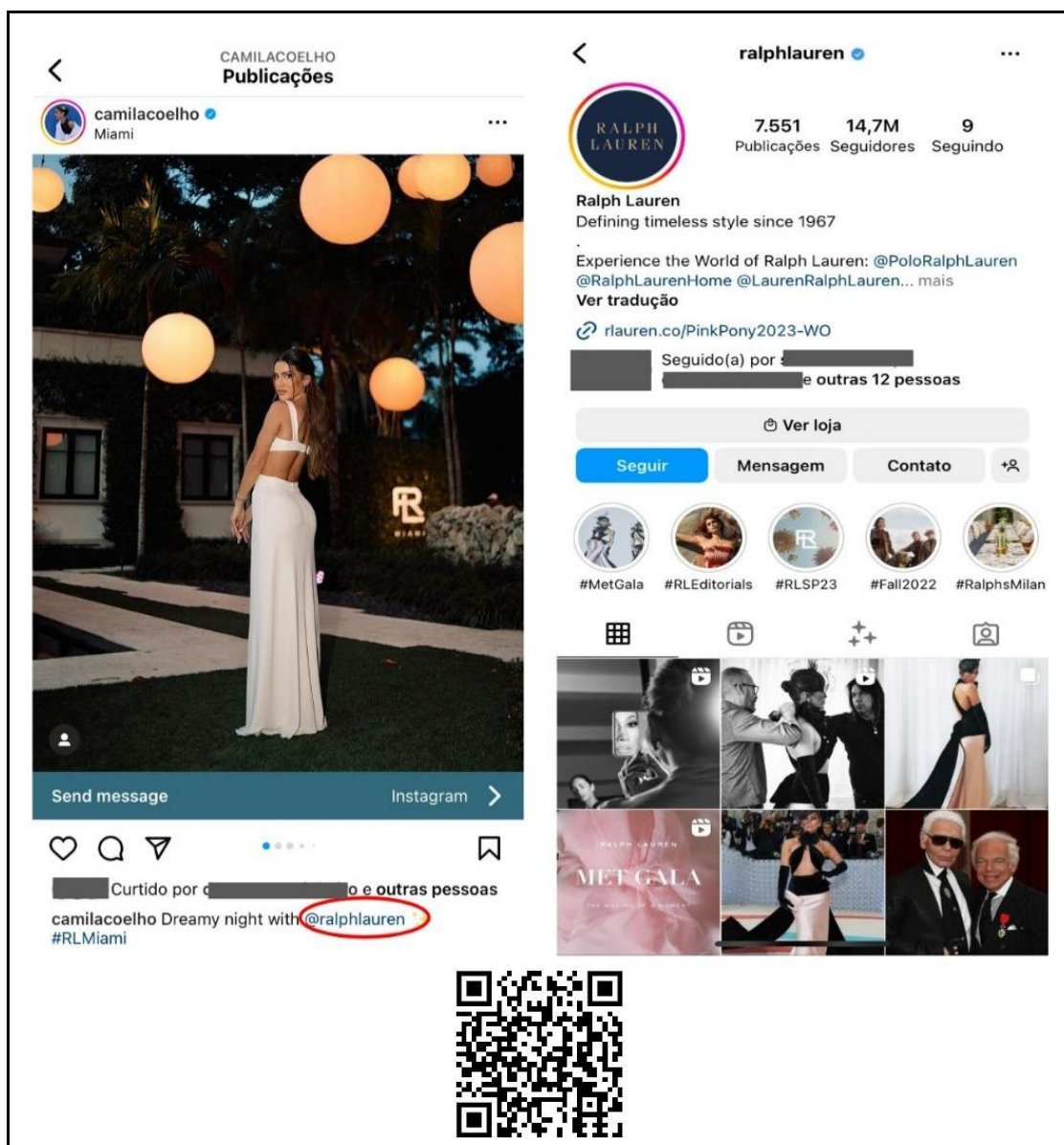
Fonte: @mariribeirov/@memestwitter. Disponível em: <https://twitter.com/mariribeirov/status/1572968422086000640?s=48&t=NqL1T1Y9wdKkHYa0l99y7A> e <https://www.instagram.com/p/Ci51ptspNSH/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 24 set. de 2022.

EXEMPLO (10) – Lula e Joe Biden



Fonte da imagem esquerda: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/lulaoficial/status/1587177663654920193?s=46&t=BHbcZLOCX0P-m7DTREUhhA>. Acesso em 02 nov. de 2022.

EXEMPLO (11) – Camila Coelho e Ralph Lauren



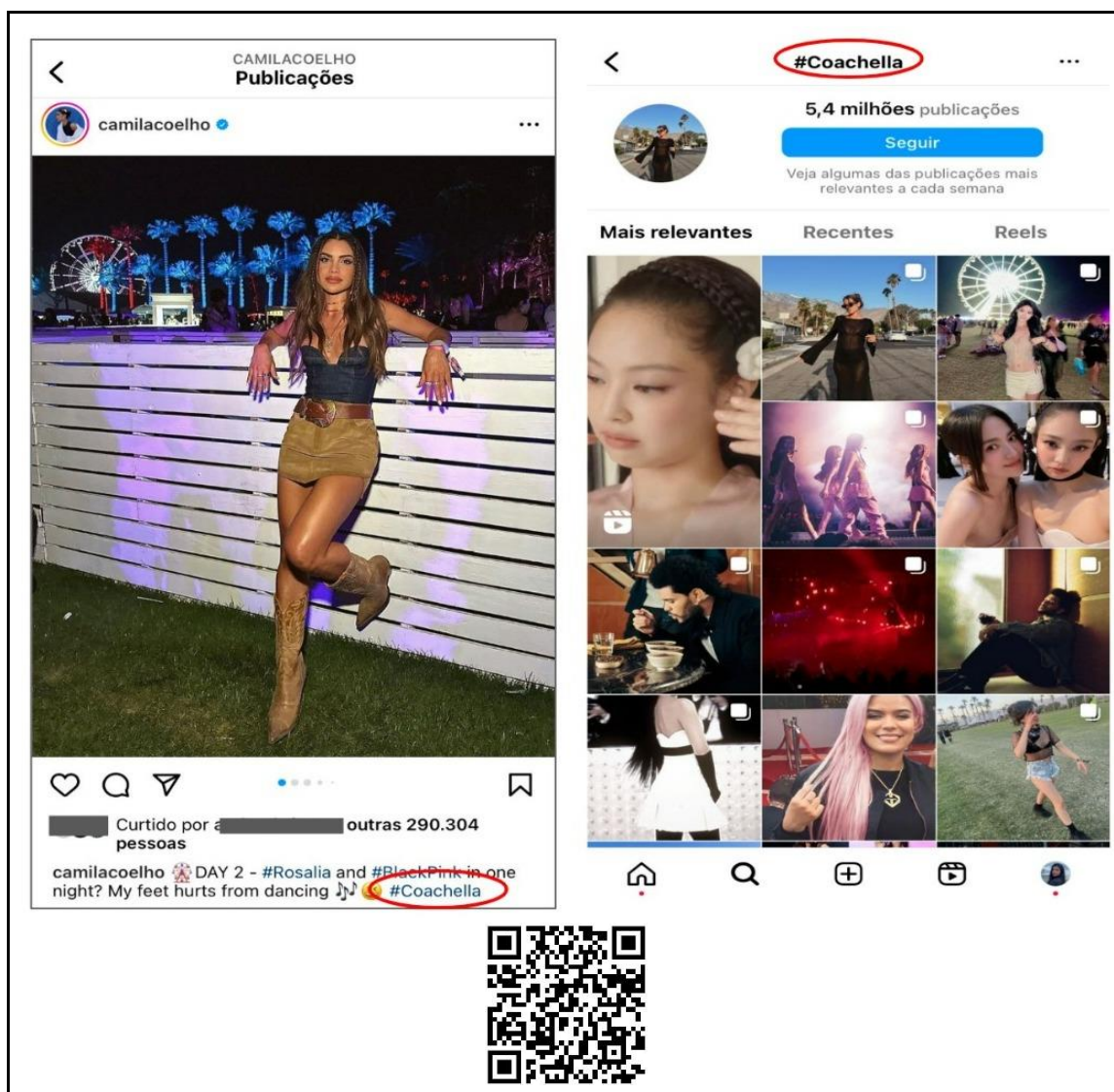
Fonte da imagem esquerda: @camilacoelho. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CrjVnLsunES/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em 03 mai. de 2023.

EXEMPLO (12) – Novela Pantanal



Fonte da imagem à esquerda: @tvglobo. Disponível em:
<https://twitter.com/tvglobo/status/1578573431314030592?s=46&t=EcK5SKVFqAdbUoMgBU8r4Q>.
 Acesso em: 08 out. 2022.

EXEMPLO (13) – Camila Coelho no Coachella



Fonte da imagem esquerda: @camilacoelho. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CrHna50pDZJ/?igshid=MDJmNzVkMjY=>.
 Acesso em 03 mai. de 2023.

EXEMPLO (14) – Print de post de Lincoln Sant'Ana



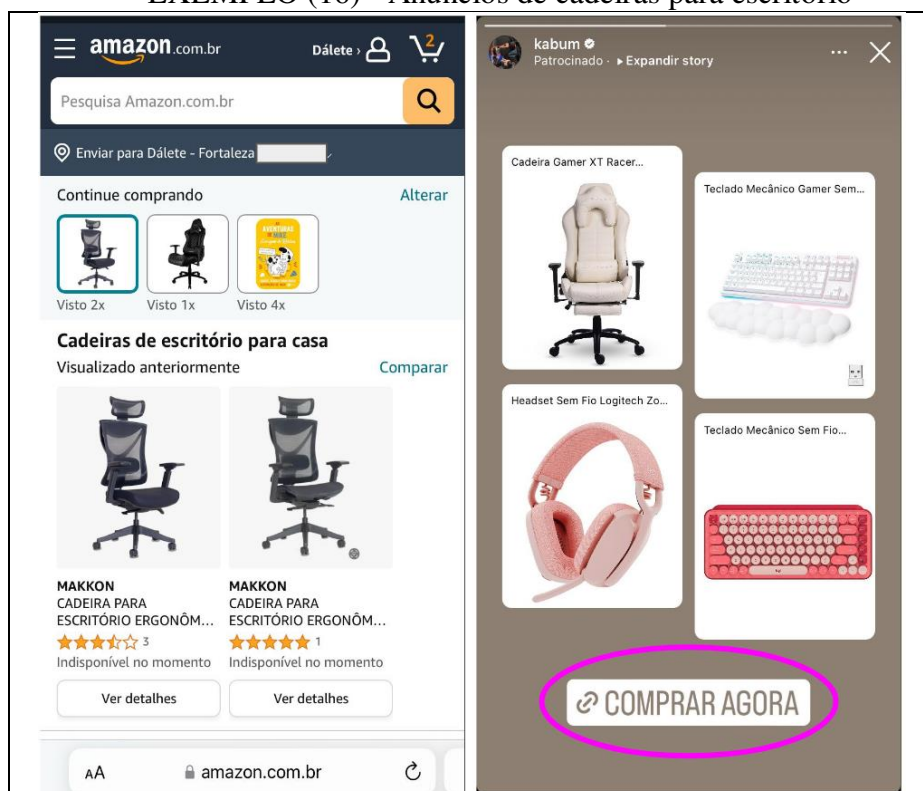
Fonte: @Lincoln_Sant17. Disponível em:
[https://twitter.com/lincoln_sant17/status/1653532174581129216?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWle](https://twitter.com/lincoln_sant17/status/1653532174581129216?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA)
RA. Acesso em: 03 mai. 2023

EXEMPLO (15) - Anúncios da @livupoficial



Fonte: cópia de tela do Instagram da autora.

EXEMPLO (16) - Anúncios de cadeiras para escritório



Fontes: cópia de tela da conta Amazon e do Instagram da autora.

EXEMPLO (17) – Anúncios de exercícios de inglês

Ewa Learn Languages @ewa_app

Aprenda inglês com os livros da Oxford Reading University ❤️ Escolha livros para o seu nível agora 🔥 🔥

EXERCÍCIO DE LEITURA EM INGLÊS
10 MINUTOS POR DIA

therefore
[ˈðeəfɔː]
portanto

Aprender

But it is like... love with one of them, and therefore you must visit him as soon as he comes."

"I see no occasion for that. You and the girls may go, but you must send them by themselves."

TENTE AGORA

appewa.com
Experimente um novo método

3 16 201 2,3M

Promovido

Fonte: cópia de tela do Twitter da autora.

EXEMPLO (18) – Lula tuita que criou o MEI

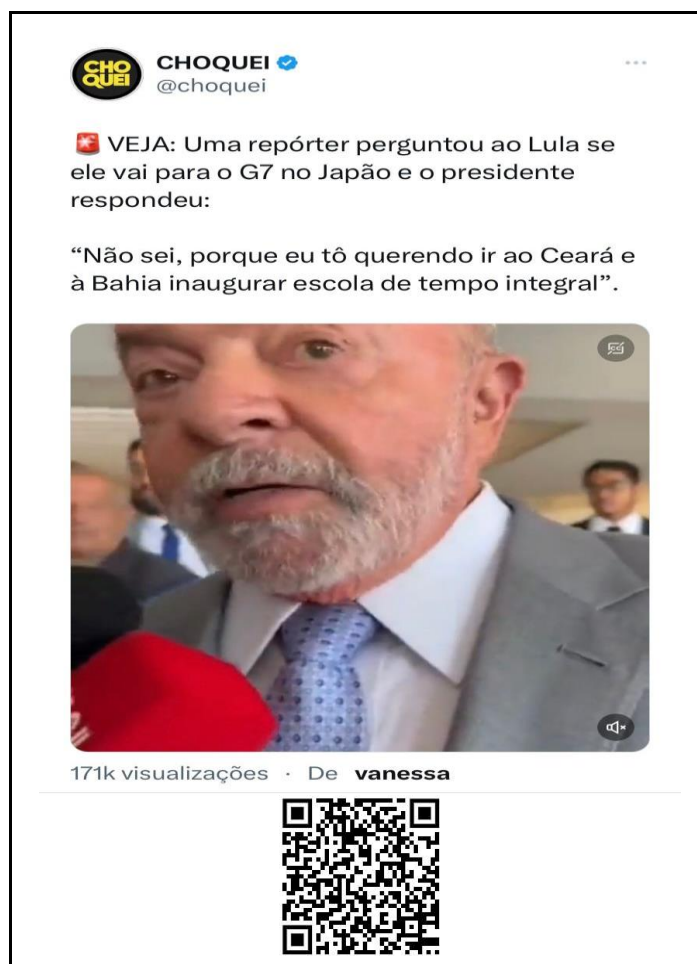


Fonte: @LulaOficial. Disponível em:

<https://twitter.com/lulaoficial/status/1586446775576977408?s=46&t=L25RYTTP7IPnbw4CH9vb6w>.

Acesso em 30 out. de 2022.

EXEMPLO (19) – Print de post sobre Lula, de @choquei



Fonte: @choquei. Disponível em:
https://twitter.com/choquei/status/1653439645496094721?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA.
Acesso em 02 mai. de 2023.

EXEMPLO (20) – Print do tuíte de @FelippeRegazio



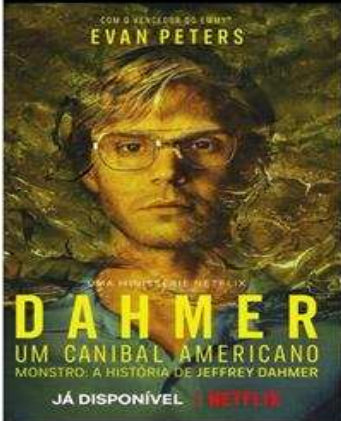


Fonte: @FelippeRogazio. Disponível em:
<https://twitter.com/felipperegazio/status/1579112647865556992?s=46&t=BHbcZLOCX0P-m7DTREUhhA>. Acesso em 02 nov. de 2022.

EXEMPLO (21) - Jeffrey Dahmer e Jair Bolsonaro


memecrata
 @memecrata

BOLSONARO CANIBAL queria comer
CARNE HUMANA!



SEPARADOS POR

DAHMER
 UM CANIBAL AMERICANO
 MONSTRO: A HISTÓRIA DE JEFFREY DAHMER
 JÁ DISPONÍVEL | NETFLIX



J A I R
 UM CORRUPTO MILICIANO
 MONSTRO: 700MIL MORTES NA PANDEMIA
 JÁ DISPONÍVEL | NETFLIX

699.983 VÍTIMAS

14:16 · 05/10/2022 · [Twitter Web App](#)

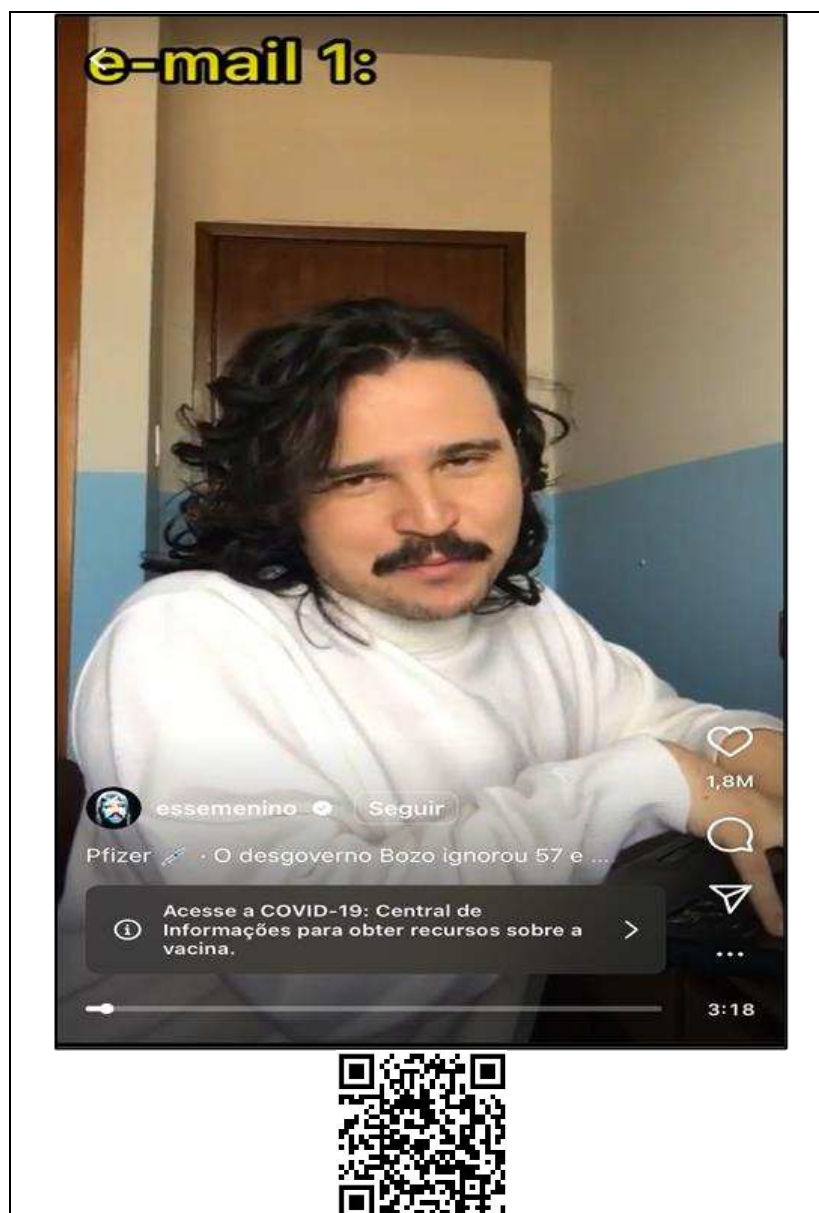
1.341 Retweets **98** Tweets com comentário

5.919 Curtidas

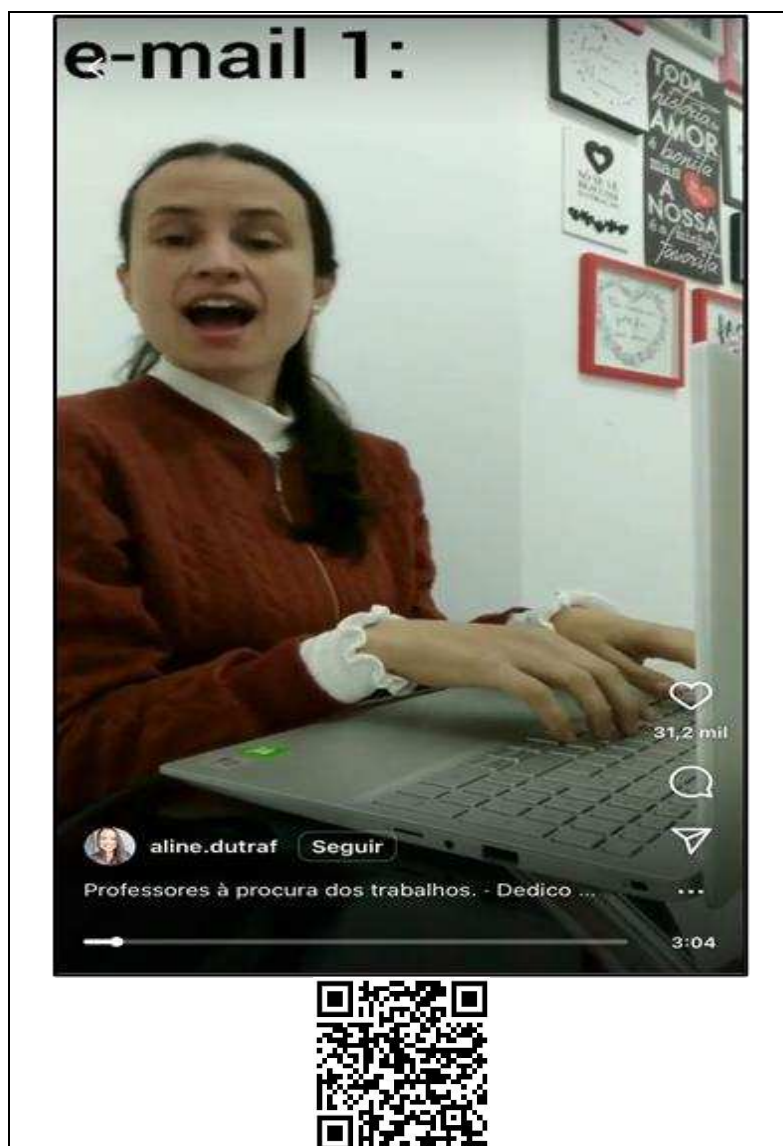


Fonte: @memecrata. Disponível em:
<https://twitter.com/memecrata/status/1577709203678007296?s=46&t=49LPvbKLVzLTz-QxecPICQ>.
 Acesso em: 05 out. 2022

EXEMPLO (22) – Paródia @esemenino e @aline.dutraf



Fonte: @esemenino. Disponível em:
<https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?igshid=YWJhMjlhZTc=>.
Acesso em 07 nov. de 2022.



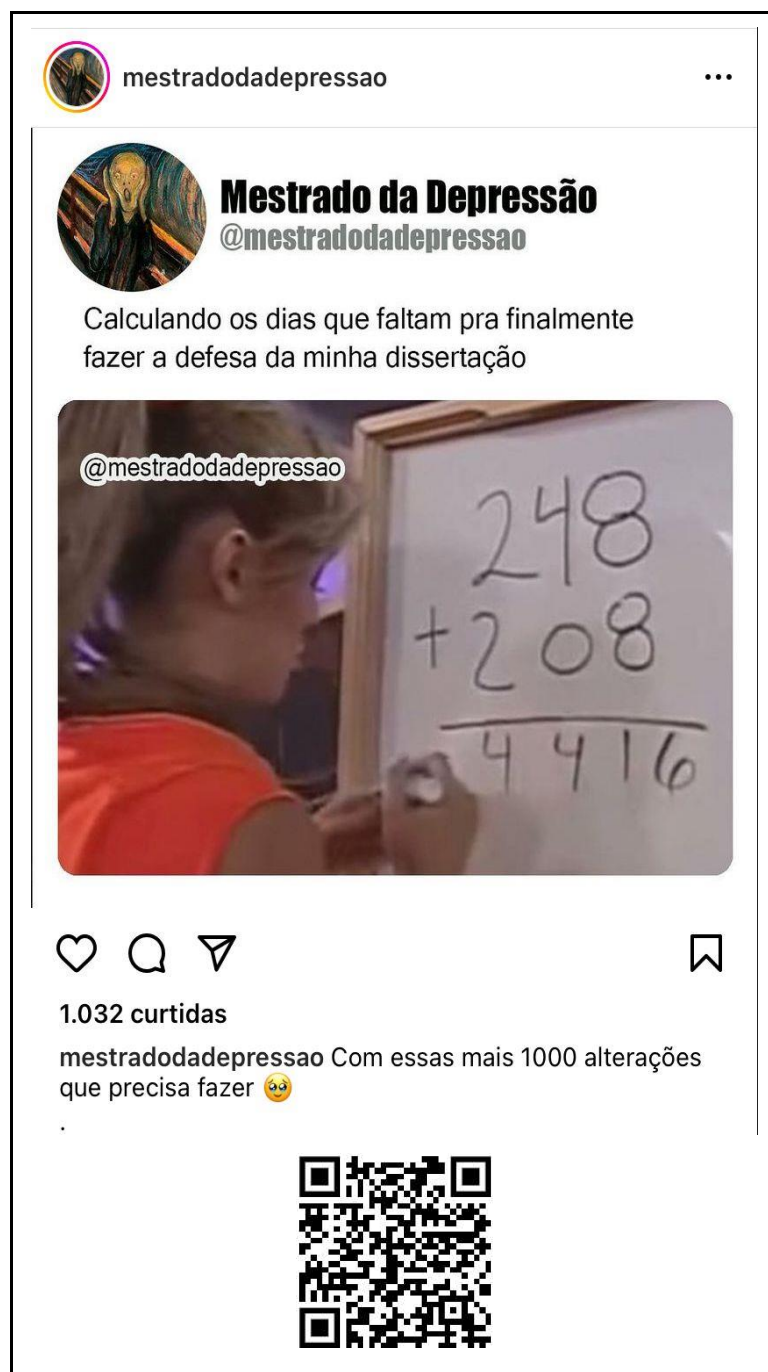
Fonte: @aline.dutra. Disponível em:
<https://www.instagram.com/tv/CQZvTXlhlFm/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
Acesso em 07 nov. de 2022.

EXEMPLO (23) – TOC TOC TOC



Fonte: @abocadelobo. Disponível em:
https://twitter.com/abocadelobo/status/1653749650879393794?s=48&t=I8_LX7kJTtCpMY9LIWleRA
. Acesso em: 03 mai. 2023

EXEMPLO (24) – Mestrandos



Fonte: @mestradodadepressao. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Crb1tCdpvm2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.
Acesso em 05 mai. de 2023.

EXEMPLO (25) – Marvel e D.C



Fonte: @filmesnseries. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/B4D6DsHAekx/?utm_medium=copy_link; Acesso em: 18 jan. de 2023.